

ÁREA TEMÁTICA 1**DISCURSO, INDIVÍDUO E SOCIEDADE****A DERRISÃO COMO UMA FORMA DE HETEROGENEIDADE DISSIMULADA**

Lígia Mara Boin Menossi de Araújo (PG-UFSCar)
Roberto Leiser Baronas (orientador-UFSCar)

Este trabalho ancorado teórica e metodologicamente na análise do discurso de linha francesa se propõe a investigar como se constrói a derrisão em vídeos que circulam no site www.youtube.com.br em que o alvo derrisório no último debate das eleições presidenciais de 2006 é o presidente Lula, à época candidato a reeleição. Entende-se que a noção de heterogeneidade mostrada e constitutiva proposta por Jacqueline Authier-Revuz (1982) se constitui numa importante ferramenta conceitual para pensar a relação do discurso com os seus "Outros" constitutivos. No entanto, quando se trata de um "Outro" satírico, que é trazido para o fio do discurso, acreditamos que a noção de Authier-Revuz deva ser expandida e pensada enquanto heterogeneidade dissimulada. As análises discursivas dos vídeos evidenciam que, no recorte feito da fala do presidente nos momentos em que ele não se utiliza da norma culta da língua e as "observações" registradas por um enunciador satírico, se trata de uma heterogeneidade dissimulada, distinta tanto da mostrada quanto da não-mostrada.

A DISPERSÃO DO SUJEITO-CRIANÇA NO CINEMA: UMA ANÁLISE DE FALCÃO: MENINOS DO TRÁFICO

Renata Adriana de Souza (UEM)

O objetivo deste trabalho é mostrar como relações do que Foucault (2005) denomina de Biopoder, poder do Estado sobre a vida da população, são construídas no documentário *Falcão: Meninos do Tráfico* e contribuem com o modo como as crianças se subjetivam. O mecanismo do biopoder surgiu com o intuito de preservar a vida dos indivíduos em sociedade, fazer viver. No entanto, ele pode também matar, não só a morte direta, mas tudo que está relacionado a uma morte indireta: expor a morte, multiplicar para alguns os riscos de morte, ou ainda a morte política, por exclusão, expulsão. É esta a relação que iremos expor, o modo como o biopoder provoca a morte por expulsão dos meninos retratados no documentário. Estamos considerando morte por expulsão a situação das crianças no documentário em questão. Apesar da existência do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que garante aos mesmos direitos institucionais, o filme nos mostra que estes direitos não são garantidos às crianças que moram em lugares excluídos e marginalizados do espaço urbano, pois elas convivem com a morte diariamente. Os pressupostos teóricos da Análise de Discurso (AD) serão nosso lugar de interpretação, sobretudo os conceitos de sujeito, identidade e modos de subjetivação. A análise será realizada a partir de um pequeno fragmento selecionado do filme que focaliza o modo como o exercício do biopoder contribui com os modos de subjetivação apresentados. Este fato será verificado por meio de falas desses sujeitos que se marcam como lugares de *dispersão* (Orlandi & Guimarães, 1988), já que concebemos que essas crianças estão se subjetivando a partir de posições discursivas diferentes daquelas definidas no discurso do Estatuto.

ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA: PESQUISA SOCIAL E LINGÜÍSTICA

Dulce Elena Coelho Barros (UEM/UnB)

A Análise de Discurso Crítica (ADC), campo de estudos inserido no interior da Lingüística, supera os limites da lingüística estrutural e apresenta como proposta para o estudo da linguagem a articulação de três níveis: o lingüístico, o discursivo e o ideológico-cultural. Direcionada ao estudo das dimensões discursivas da mudança social, a Teoria Social do Discurso, proposta por Fairclough (1992/ 2001) apresenta uma concepção de linguagem e um quadro analítico construídos a partir do conceito de prática social. Essa concepção parte do princípio de que a linguagem não é apenas uma forma de representação do mundo, mas também de ação sobre o mundo e sobre o outro. A inscrição individual do falante como característica do uso da linguagem é igualmente negada nessa corrente de estudos que, ao investigar o controle interacional, busca explicar a realização e a negociação das relações

sociais na concretude da prática social. Em linhas gerais, Fairclough (2001) aponta um caminho dentro de sua proposta teórica que permite um acercamento ao discurso visto em três dimensões: prática lingüística, prática discursiva e prática social. Embuída, portanto, de caráter multidisciplinar, a Análise de Discurso Crítica, enquanto teoria social da linguagem, coloca-se a serviço do entendimento das relações e identidades sociais retratadas ou reproduzidas explicitamente ou implicitamente nas marcas textuais. Através dela, pode-se empreender um estudo de natureza sócio-ideológica comprometido com as determinantes lingüísticas. A presente comunicação objetiva fazer a apresentação desse modelo tridimensional de análise do discurso que, entre outros fatores, envolve as três esferas principais de um escopo teórico voltado para o lado social da linguagem, com todas as implicações políticas que podem fazer da língua uma bandeira ideológica.

ANÁLISE DISCURSIVA DOS UNIVERSITÁRIOS SOBRE A QUESTÃO DAS COTAS PARA NEGROS NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS

Renice Ribeiro Lopes (UEMS)

A problemática questão, da reserva de vagas nas universidades públicas para alunos cotistas, torna-se o alvo causador de múltiplas opiniões; o caso vem sendo acompanhado e percebe-se quanto ficam descontentes os candidatos que prestam o vestibular, conseguem nota, mas perdem a vaga para candidatos cotistas; também é perceptível o quanto ficam felizes e esperançosos no futuro, os candidatos cotistas quando conseguem ingressar no ensino superior. A questão em torno das cotas é polêmica, tornou-se uma vertente de discursos contra e a favor das cotas. Inspirou-se nesta controvérsia discursiva, a analisar os discursos de alguns universitários não cotistas em duas universidades: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e Universidade Estadual de Londrina (UEL). A escolha entre os dois estados ocorreu por consequência da colonização e a concentração de negros em maior e menor escala. Como suporte teórico à pesquisa, conta-se com a teoria de escritores renomados da linha de pesquisa em análise do discurso, os quais estão sendo citados na bibliografia, conta-se também com depoimentos e entrevistas que versam sobre a questão das cotas. A análise discursiva e ideológica realizada através dos discursos dos estudantes a respeito das cotas garantirá o desenvolvimento do projeto.

ANDES - FORMAÇÃO DISCURSIVA E RESISTÊNCIA À COERÇÃO DA LEI QUE INSTITUIU O SINAES

Nelci Janete dos Santos Nardelli (UNIOESTE)

Amparado na corrente teórica denominada Análise do Discurso, este trabalho objetiva analisar os efeitos de sentido provocados com a promulgação da lei que impõe o processo de avaliação das instituições de educação superior. A reflexão proposta está centrada no discurso de resistência que emergiu logo após a publicação da lei que instituiu o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES, a partir da análise das condições de produção do discurso de um dos textos elaborados pelo Grupo de Trabalho de Política Educacional do Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior - ANDES, o qual tece algumas considerações e críticas acerca das políticas educacionais do atual Governo Federal, no que tange à avaliação da educação superior, adotando uma postura de resistência frente à lei, pois considera que a avaliação proposta pelo SINAES contraria a concepção de avaliação defendida pelo movimento. Por meio do viés teórico pleiteado por Michel Pêcheux, pretende-se refletir sobre os efeitos de sentido do discurso a partir das suas condições de produção, observando a formação discursiva que alicerça o discurso do movimento dos docentes.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A CENA ENUNCIATIVA: A CONSTRUÇÃO DO ETHOS NOS BLOGS

Palmira Virginia Bahia Heine (UFBA)

Esta pesquisa objetiva perceber a forma como o ethos se constitui nos blogs pessoais, diários digitais de caráter intimista, veiculados na Internet, nos quais os escreventes falam sobre questões relacionadas à sua vida pessoal e cotidiana. Os blogs constituem-se como um dos gêneros digitais surgidos no ambiente do Hipertexto, representando a transmutação dos diários tradicionais escritos por adolescentes e mantidos em segredo. A partir do corpus analisado, pôde-se perceber o modo como a intimidade é construída no âmbito da relação entre o público e o privado, uma vez que, os

blogs são escritos para um auditório particular, mas podem ser lidos por qualquer internauta que navegue na rede, tendo um caráter aberto e interativo. Os resultados revelam a forma interativa através da qual o ethos se constrói, mobilizando tanto a imagem reivindicada pelos enunciadores quanto as expectativas do auditório ao qual estes direcionam seu discurso. Para atingir os objetivos propostos na pesquisa, utilizou-se o esquema do ethos proposto por Maingueneau (2005), além da teoria acerca das especificidades do auditório em Perelman e Olbrechts Tyteca (1996).

DEUSAS, PECADORAS, VÍTIMAS: AS MULHERES DAVIDA

Ana Flora Schindwein (UNICAMP)

O **Livro das Cortesãs** (compilação de poesias feita por Sérgio Faraco) nos proporciona um breve panorama do imaginário existente sobre a prostituta, abrangendo um período que vai do ano de 1.500 até meados do século XX. Além de presente em poemas e na literatura em geral, a prostituição tem sido objeto de atenção da medicina, da criminologia, da religião e etc. Nesses meios, inúmeras são as formas pelas quais as prostitutas são chamadas: vulgívaga, transviada, vadia, perdida e etc. Alteram-se os adjetivos, os substantivos, os eufemismos e hipérboles, as ironias, mas no final a sociedade quase sempre reserva o mesmo espaço para a prostituta: o da segregação. Mas por que “a mais antiga das profissões” habita de maneira tão expressiva o imaginário das pessoas? Tendo como referencial teórico a Análise do Discurso, os efeitos de sentido que circulam sobre a prostituição serão analisados nesta comunicação a partir de sua materialidade lingüística e das suas condições de produção. Também a relação entre a materialidade e o meio de circulação do discurso será observada, pois os processos de significação estão relacionados com ambos. Tendo essas considerações, propõe-se a apresentação da análise de uma seqüência de *banners* presentes em duas páginas da internet: a da ONG Davida, disponível em <http://www.davida.org.br> e do jornal Beijo da Rua (<http://www.beijodarua.com.br>). A primeira é uma organização da sociedade civil que promove a cidadania das prostitutas, enquanto a segunda é a versão *online* de uma publicação impressa que contém notícias sobre a indústria do sexo e sobre o universo da prostituição (sendo as prostitutas o seu principal público-alvo).

DISCURSO AUTORITÁRIO, DISCURSO SUBSERVIENTE E DISCURSO LIBERTÁRIO NA ESTRUTURA PATRIMONIALISTA BRASILEIRA

Oswaldo Melo Souza Filho
(ACADEMIA DA FORÇA AÉREA/PIRASSUNUNGA-SP)

Na lógica do patrimonialismo brasileiro a preservação de uma rede de relacionamentos – que penetra o Estado e se estende à sociedade civil formando uma teia de privilégios de grupos privados – é mantida e reproduzida não só pelo poder de cooptação das forças sociais materiais, como também pelo poder persuasivo e coercivo da palavra. Em nossa cultura, fortemente marcada pelo catolicismo ibérico juntamente com o mandonismo das elites dominantes, a retórica autoritária dos donos do poder constituiu uma tradição na qual o dar a ordem e a manipulação sempre foram aceitas como naturais pelo homem comum. Por outro lado, um discurso subserviente, e quando muito conciliatório, procurava obter algum favorecimento dentro da rigidez impositiva dos setores dominantes da sociedade. Para Foucault, o poder não pode ser localizado em uma instituição ou no Estado. Também para Foucault, o poder não é considerado como na concepção contratual jurídico-política, ou seja, algo que o indivíduo cede a um governante, mas sim como uma relação de forças que se estende por toda sociedade e tem base na intersubjetividade. Sendo assim, as relações intersubjetivas de mando e subserviência imbricados em uma dialética social perversa se expressam em interdiscursos nos quais a retórica do autoritarismo e da subserviência alternam-se difusamente e ensombrecem a luz e a radicalidade de uma argumentação crítica e investigativa. Mikhail Bakhtin não vê o discurso isoladamente, mas sim correlacionado com outros discursos definindo um processo de interação que ocorre na polifonia. Quais as condições para o discurso investigativo, crítico e libertário entre nós e que rompa com o “coro dos contentes” dos autoritários e subservientes de todos os matizes ideológicos? Quais os momentos em que ele se insinuou e foi afogado e silenciado pelo discurso autoritário e dogmático e pela retórica da servidão e da indiferença?

EFEITOS DE VERDADE, *ETHOS* E RELAÇÕES DE PODER NO GÊNERO DO DISCURSO JURÍDICO

Marília Valencise Magri (UFSCar)

A emergência das formas jurídicas ao longo da história mostra que o Direito é essencialmente um espaço de conflito discursivo institucionalizado e, por isso, não é supra-social ou natural, mas um produto de relações de luta e de poder. O exercício do discurso jurídico é assim uma forma política de gestão da linguagem e de poder que, por meio da operação de argumentos, cria *efeitos de verdade*. Com base nos pressupostos teórico-metodológicos da análise de discurso de linha francesa, e apoiando-se sobretudo nas pesquisas de Dominique Maingueneau, este projeto de pesquisa propõe tecer um estudo pormenorizado sobre o gênero jurídico, buscando refletir sobre as relações entre a cena genérica e o *ethos* dos personagens constituídos no discurso. Para legitimar seu dizer em discurso, o enunciador atribui-se uma posição institucional e marca sua relação com um saber. Assim, cada gênero de discurso comporta uma distribuição pré-estabelecida de papéis que determina em parte a imagem de si do locutor, que pode escolher mais ou menos livremente sua cenografia. A imagem discursiva de si é, assim, ancorada em estereótipos, entendidos como representações coletivas que determinam, parcialmente, a representação de si e sua eficácia em determinada cultura. Partindo de tais pressupostos, este trabalho busca compreender a constituição de *verdade* e de relações de poder em uma situação de disputa de falas que buscam legitimar seus objetos discursivos, tendo como objetivo refletir em que medida o saber jurídico se constitui numa prática discursiva que diferencia os indivíduos a partir de relações de poder historicamente constituídas.

ENTRE ESPELHOS, DOBRAS E DUPLOS: DESCONSTRUÇÕES DISCURSIVAS EM *BOCA DO INFERNO*, DE ANA MIRANDA

Fernando de Moraes Gebra (PG-UFPR/UNICENTRO)

Mariléia Gärtner (UNICENTRO)

O processo de construção das identidades históricas passa por formações discursivas e ideológicas distintas. Como arena das lutas de classes, o discurso surge como elemento de legitimação do poder ou de oposição a valores preestabelecidos. No que concerne à metaficção historiográfica, tendência muito presente na literatura do final do século XX, o ponto de vista narrativo assumido estabelece relações polêmicas com a História oficial, desconstruindo discursos da classe dominante. Como *corpus* da pesquisa, selecionamos o romance *Boca do inferno*, de Ana Miranda e verificamos a estrutura discursiva das personagens. Podemos articulá-las nos eixos do poder (representado pelo governador Antônio de Sousa, de alcunha Braço de Prata; o alcaide Teles de Menezes e os desembargadores Palma e Góis) e do anti-poder (família Ravasco, Padre Vieira, Gregório de Matos, Maria Berco, dentre outros). A focalização narrativa se dá por meio da onisciência seletiva múltipla, de forma que o enunciatário verifica no painel sócio-histórico do Brasil colonial uma rede discursiva composta por várias vozes que legitimam e questionam o poder preestabelecido. No presente artigo, analisamos alguns dos discursos dessas personagens, considerando suas simulações e dissimulações, representadas pela figura do espelho. Esse elemento, enquanto objeto presente em cenas de monólogo interior das personagens, metaforiza as relações identitárias, possibilitando o desmascaramento das relações sociais aparentes e um mergulho no inconsciente de cada personagem.

FRAGMENTOS DO DISCURSO JURÍDICO: QUEM É ÍNDIO NESTA HISTÓRIA?

Maria Aparecida Honório (UEM)

Desde 2002, o Governo do Paraná, incluindo-se na agenda de políticas de ação afirmativa, vem concedendo vagas para estudantes indígenas nas universidades públicas paranaenses, através da promulgação da lei 13.134 de 18 de abril de 2001. Viabilizada por um processo seletivo diferenciado - o Vestibular dos povos indígenas no Paraná - essa política pública de inclusão dos indígenas no ensino superior tem mobilizado questões que nos tocam, enquanto analistas do discurso, justamente por envolver a problemática das identidades e, ao mesmo tempo, da interpretação. Isso porque, definir quem é índio ou o que é uma sociedade indígena não é meramente uma prática administrativa ou jurídica, dissociada da instância político-ideológica. É uma prática simbólica, da ordem do discurso, em que língua, sujeito e ideologia trabalham na construção dos sentidos sobre os sujeitos na história. *Como* os sujeitos índios são definidos nesse contexto? *Quem* os define? De que *lugar* se

define? Em que *condições* se define? E, ainda, que *efeitos* essa significação produz em termos de práticas de inclusão? Ao procurar responder essas questões, pensamos estar avançando na compreensão do modo como o sujeito-índio é inscrito pelo discurso jurídico e quais as conseqüências desse processo de identificação/interpelação (Pêcheux, 1988) nas práticas reivindicatórias desses mesmos sujeitos, perante a sociedade que ele afirma pertencer. O material analisado corresponde a fragmentos de um discurso jurídico produzido na interlocução com a CUIA (Comissão Universidade para Índios) no processo do VII Vestibular dos Povos Indígenas no Paraná.

LINGUAGEM E SOCIEDADE GREGÁRIA NA GENEALOGIA DE NIETZSCHE

Victor Tartas (UNICENTRO)

Nietzsche apresenta a linguagem a partir da concepção de que ela é um produto histórico que diz respeito às relações estabelecidas entre o homem e o mundo. Neste sentido, podemos observar um posicionamento contrário à interpretação da tradição filosófica ocidental, na medida em que esta trata a linguagem como o produto e a referência de entidades metafísicas incólumes ao tempo. O Ocidente, segundo Nietzsche, caracteriza-se pelo esforço de denominar os objetos do mundo de uma maneira tal que uma sociedade gregária possa estabelecer o domínio em relação aos homens singulares. As palavras “bom” e “mal” são analisadas por Nietzsche na “Genealogia da moral” mostrando a apropriação delas pelo homem de rebanho na sua tentativa de inverter as suas significações originais. Estas significações tinham por finalidade instaurar o poder destes homens sobre comunidades de homens incapazes de adquirir singularidade. Por isso, o presente trabalho pretende mostrar como a linguagem, para Nietzsche, é uma criação humana que tem como fim a instauração do poder. Além disso, o pensamento nietzschiano sobre a linguagem apresenta-a como dotada de grande poder sobre o homem ocidental na medida que a sua função predicativa ainda o mantém nos limites da crença no divino. Realizando esta interpretação, veremos como Nietzsche interpreta a linguagem como um forte obstáculo para a superação do gregarismo no Ocidente.

MOVIMENTOS POLÍTICO-SOCIAIS NA COMARCA DE CAMPO MOURÃO (1956-1974): UM PROJETO DE PESQUISA

Nelci Mello Tomadon (SEED)

A partir da defesa da dissertação “Escolinha do Povo”: a História da História, defendida em 2003, na UEM, passou-se ao aprofundamento do fato histórico ali comprovado – o apagamento da “Escolinha do Povo” dos anais oficiais da História do município de Campo Mourão, após o golpe militar de 1964. O delineamento de uma versão histórica não oficial foi o portal de entrada para a formalização histórica das muitas tentativas de organização, clandestinas ou não, de grupos sociais em busca de reivindicar direitos, poderes, representação política, entre outros, engajados em movimentos políticos nacionais e internacionais. Essa composição histórica tem fulcro em jornais, fotografias, documentos do DOPS, depoimentos orais, estruturados ou não, dos agentes históricos no período recortado, bem como o percurso destes dentro das organizações a que se filiaram, na região em foco, e também, em outras cidades e estados brasileiros, embora o foco de início ou de retorno da atuação desses agentes, seja a Comarca de Campo Mourão. Pretende-se fazer a leitura dessa composição histórica a partir da função performativa da linguagem, sob a perspectiva pragmática dos atos de fala austinianos, o dialogismo de Bakhtin e, posteriormente, aprofundá-la sob a ótica da Análise do Discurso de Michel Foucault.

NATURA E TEORIA DE GAIA: UMA ANÁLISE DO DISCURSO SUSTENTÁVEL

Clariane Leila Dallazen (UNIOESTE)

Segundo a análise do discurso foucaultiana uma enunciação produz efeitos no tempo, no espaço, de acordo com seu enunciador, variando conforme a ideologia e as perspectivas de seus enunciatários. Este processo cria as verdades que se estabelecem e efetivam no meio social. É também, por meio do discurso que se torna possível o exercício de poder, sendo ele, quando convenientemente empregado, formador das verdades de seus enunciatários. É sobre esta perspectiva que a presente pesquisa pautar-se-á, desenvolvendo uma análise do discurso sustentável utilizado pela empresa Natura, demonstrando como ela, constantemente, se utiliza das proposições da Teoria de Gaia como estratégia de comércio e promoção da sustentabilidade. Esta estratégia discursiva permite à empresa

ilustra-se como ecologicamente consciente, incutindo nos consumidores a idéia de ‘cuidar de si para preservar a natureza’. Neste trabalho buscar-se-á analisar como um discurso se utiliza de outros discursos, de modo a formar uma enunciação que se adeqüe aos seus ideais de exercício de poder, bem como se preste a atender as perspectivas de seus receptores. Demonstrar-se-á, por meio do presente trabalho que um discurso concebe verdades ao nascer e, ao mesmo tempo, constrói verdades ao difundir-se, ao passo que estas se efetivam de acordo com o modo de enunciação e de recepção pelos seus enunciatários. Analisar-se-á também a capacidade que um discurso possui de formar verdades e exercer poder através delas, tornado uma verdade uma ideologia, podendo, deste modo, até modificarem-se concepções culturais. O objetivo deste trabalho é mostrar o discurso como a potencial chave para a mudança cultural imprescindível para a sobrevivência da raça humana, tomado como base gravidade em que se encontra a questão ambiental e, como ponto de referência exemplificativa, o discurso sustentável utilizado (estrategicamente) pela empresa Natura.

O DISCURSO RETÓRICO: REFLEXÕES SOBRE A PERSUASÃO

Mirtes Rocha Rodrigues (FCL-UNESP)
Cláudia Valéria Penavel Binato (FCL-UNESP)

Esta comunicação se propõe a mostrar que o discurso retórico é, para nós, a retórica por excelência, porque além de revelar-se extremamente eficaz como instrumento de penetração crítica no texto literário, ele cobre as etapas de uma boa elaboração de discurso. Não excluindo o discurso dialético, pretendemos apontar o valor instrumental da retórica para a compreensão do fenômeno da comunicação humana em toda sua complexidade, tendo em vista que todo indivíduo tem uma competência oratória que se desperta pela observação dos discursos ouvidos. Todo indivíduo é, pois, dotado de um certo grau de eloqüência, tomando-se eloqüência no sentido natural de falar diante de ouvintes, defendendo um ponto de vista. Utilizando, como fonte alternativa, excertos de fábulas procuramos levantar os principais recursos discursivos na narrativa de Fedro, com a finalidade de expor alguns indicadores do processo de persuasão.

O DISCURSO “SOBRE” O ÍNDIO NA MÍDIA IMPRESSA MATO-GROSSENSE: UMA RELAÇÃO INTERDISCURSIVA COM A FALA DO COLONIZADOR

Cristiane de Oliveira Miranda (UFMT/CAPES)

Nosso trabalho se inscreve na Análise de Discurso de orientação francesa e procura mostrar que os discursos que se constituem em nossa sociedade, especificamente no campo da mídia, se baseiam em outros já legitimados e que foram tomados como verdades num dado momento histórico-social, ou seja, os discursos se constituem a partir de uma interdiscursividade. Com isto, decidimos investigar o funcionamento discursivo derrisório da fala do índio na mídia impressa mato-grossense e as relações interdiscursivas dessas falas com a fala do colonizador. Lembrando que na mídia de maneira geral a fala dos indígenas se constitui quase sempre num falar **sobre** e nunca num falar **dos** índios. E as representações que esta mídia veicula acerca desses indígenas em nossa sociedade são sempre estereotipadas, ou seja, de um indivíduo incapaz de pensar por si só, conseqüentemente de falar por si só. São especificamente estas falas que vamos analisar, relacionando-as a um interdiscurso historicamente legitimado, como nos assegura Foucault, no seu livro *Arqueologia do Saber 1997, não há enunciado que não suponha outros (p.114)* há sempre uma retomada de sentidos, há sempre um enunciado que garante a irrupção de um outro.

O PODER DO DISCURSO NA CULTURA DIGITAL: O CASO TWITTER

Lúcia Márcia Carvalho Lemos (UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO)

No mundo real dos processos comunicacionais, mudanças acentuadas são constantes, principalmente na hipermídia. Estudos sobre as novas ferramentas de relacionamento como comunidades *on-line*, *blogs* e *twitter*, entre outros, estão cada vez mais presentes na cultura digital. O artigo apresenta conceitos sobre esta cultura, por meio do serviço *twitter* e das estruturas de discurso possibilitadas por esta hipermídia e apóia-se nas teorias da Análise de Discurso Francesa (AD). O objetivo central deste artigo é refletir sobre aspectos do discurso nas comunidades *on-line* de relacionamento. De maneira especial, o *twitter*, um sistema colaborativo de produção e circulação de informação, vinculado a sujeitos e seus discursos. Para isso, também, orienta-se nos pressupostos

de discurso de acordo com Maingueneau. Considera-se que a hipermídia imprime um certo aspecto a seus conteúdos e comanda os usos que dele podemos fazer. Portanto, uma formação discursiva fixa condições de enunciação e o faz em função de um determinado universo semântico que é predominante. Como objetivo específico, refletir sobre o universo semântico específico do *twitter*. Este trabalho relaciona-se com o Projeto de Mestrado da autora, orientado pela prof^a Dr^a Elizabeth Moraes Gonçalves.

O SILÊNCIO E O SOM - LINGUAGEM E IDEOLOGIA EM *O OUVIDO* (1979) E *MEMORIAL DO CONVENTO* (1982), DE JOSÉ SARAMAGO.

Sânderson Reginaldo de Mello (UNESP/Assis)

O texto *O Ouvido* (1979), de *Poética dos Cinco Sentidos* - obra coletiva que propõe uma série de leituras das seis tapeçarias do museu de Cluny (Paris), intituladas *La Dame à La Licorne* -, segundo Horácio Costa (1997), compreende o período de formação da literatura de José Saramago. Nesse ciclo, Saramago participou ativamente dos jornais *Diário de Lisboa* (1972-1973), *Diário de Notícias* (1972-1975), nas revistas *Seara Nova* (1968-1980) e *Arquitectura* (1974), e produziu inúmeras traduções, bem como uma significativa fortuna crítica no *Editorial Estúdios Cor* (1955-1971). Parece justo pensar, primeiramente, nesse período, como gênese de uma baliza ideológica na criação literária do escritor português. Por outro lado, *O Ouvido* supõe um evidente diálogo interartístico, como projeção de uma identidade estético-literária, mimetizada na busca pelo primeiro som e na feitura da obra de arte (Experimentalismo). Contudo, há um notório repertório ideológico na caracterização da imagem do tecelão e da aia, por exemplo, que se sobrepõem, contrastando-se, no plano discursivo do texto, à imagem da Senhora, ricamente ornada. Semelhante procedimento pode ser identificado em *Memorial do Convento* (1982), obra que laureou a Literatura de Língua Portuguesa com Prêmio Nobel (1998). Nesse romance, Saramago tenciona imprimir uma contravenção da História Oficial, focalizando-se no registro da análoga labuta dos verdadeiros sujeitos, que também se conservaram silenciados (Neo-Realismo). Assim, visamos enfocar como a obra de formação e a obra madura do autor dialogam, influem um coerente percurso ideológico e uma preocupação constante em configurar, no trabalho de representação literária (metalinguagem), o dito e o não dito.

O SISTEMA DE COTAS PARA NEGROS NAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS COMO ACONTECIMENTO DISCURSIVO: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE EM AD

Larissa Minuesa Pontes Marega (UEM)

Este trabalho pretende apontar como o seguinte fato “sistema de cotas para negros nas universidades brasileiras” pode ser visto como um acontecimento discursivo, segundo a perspectiva teórico-metodológica da Análise de Discurso. O acontecimento discursivo está sendo entendido, neste trabalho, como algo que permite considerar o discurso no seu acaso, no momento de sua ocorrência, não procurando uma origem determinável, como se houvesse uma relação causal entre as palavras e as coisas, mas considerando que o sentido do discurso está no acontecimento (FOUCAULT, 1996); está sendo entendido, também, como o ponto de encontro de uma atualidade e de uma memória (PÊCHEUX, 1997). A partir dessas duas considerações, podemos começar a pensar este fato como acontecimento, pois ele foi capaz de gerar múltiplos discursos e convocar uma memória. Por essa razão, além de compreender como este fato pode ser visto como acontecimento discursivo nos interessa, também, observar o funcionamento dessa memória, ou seja, como ela organiza/produz sentidos. Sabe-se, pois, que o fato em análise culminou na produção de um conjunto de textos, os quais foram, posteriormente, veiculados, comentados, analisados, retomados, revisados e correlacionados. Esses textos formaram uma espécie de arquivo, no interior do qual as relações intertextuais e interdiscursivas foram se desenhando, as diversas posições se materializando, se repetindo ou se renovando. Dessa forma, a partir da análise das regularidades discursivas apresentadas na dispersão dos enunciados que compõem este arquivo, foi possível verificar o funcionamento da memória discursiva, ou seja, como ela organiza, retoma, repete ou confronta outros acontecimentos discursivos similares a este ou não. De igual modo, foi possível observar outros temas que este acontecimento ajudou a rememorar: igualdade/desigualdade racial, discriminação/preconceito, escravidão, cotas para índios, pobres, estudantes de escolas públicas, exames de vestibular, qualidade do ensino brasileiro e etc.

O SUJEITO E O PODER EM A CAVERNA DE JOSÉ SARAMAGO

Karina Luiza de Freitas Assunção (UFU)

O presente trabalho tem como objetivo analisar a contribuição do poder para a constituição da subjetivação do sujeito Cipriano Algor, no romance *A Caverna* de José Saramago, observando no interior da obra como essa relação é construída. Por meio de um olhar atento para os discursos que corroboram para a subjetivação de Cipriano, serão destacadas suas atitudes e reações diante da possibilidade de ser interpelado, principalmente pelo poder. Para o desenvolvimento da pesquisa, usamos como aporte teórico a análise do discurso, cuja especialidade está centrada no campo do sentido que, por sua vez, advém da situação de enunciação, com isso, o sentido é sempre um efeito e nunca uma entidade anterior conhecida pela língua. Embasaremos ainda nos postulados foucaultianos, que apontam para os modos pelos quais nos tornamos sujeitos, dando destaque para a contribuição do poder nesse processo. Apesar de não ser analista do discurso, mas filósofo, os postulados desse autor foram de grande valia para a constituição da AD. O que podemos notar é que os discursos retomados no decorrer do romance corroboram para uma visão abrangente do personagem principal, bem como de sua subjetivação que resiste aos padrões seguidos por uma sociedade constituída de sujeitos interpelados por inúmeros discursos, principalmente do poder.

SLOGAN E IDEOLOGIA: O SLOGAN POLÍTICO COMO INSTRUMENTO DE PROJETOS NACIONALISTAS

Jorge Henrique da Silva Romero (IEL-UNICAMP)

Carolina Melania Ramkrapes (IEL-UNICAMP)

O objetivo deste trabalho é percorrer os labirintos discursivos do slogan e suas relações com: Ideologia, nacionalismo, poder e sociedade de consumo. Abordaremos especificamente o tema: “slogan e nacionalismo”, através da seleção e análise de slogans veiculados durante campanhas políticas, como também, slogans veiculados na *mídia* e que se relacionam ao tema. De acordo com Maingueneau é preponderante a influência de fatores (como a mídia) sobre o slogan. O autor ressalta as múltiplas dimensões do slogan. Dessa forma é necessário primeiramente entender e buscar uma origem e uma definição aproximada da palavra. Consideramos então, o slogan como “instrumento requintado” de divulgação e propaganda ideológica, por grupos políticos e sistemas totalitários, visando, através do seu uso, a manipulação psicológica e ideológica das massas.

TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA E O CARGO DE PROFESSOR NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Sandra Aparecida Pires Franco (UEL)

Objetiva-se neste texto demonstrar a vida de Tomás Antônio Gonzaga entre os anos de 1763 a 1768, período em que foi aluno da Universidade de Coimbra, a fim de verificar o seu posicionamento, frente às novidades ideológicas, econômicas, políticas e culturais que estavam sendo desenvolvidas em vários países da Europa. O texto possibilitará compreender o ideal do indivíduo dentro de uma sociedade que estava passando por profundas transformações sociais e qual era a intenção particular de Gonzaga em ser professor desta Universidade.

ÁREA TEMÁTICA 02**DISCURSO, MEMÓRIA E IMAGEM****A IMAGEM DE SI NO DISCURSO: QUINTO ÊNIO NO SEU POEMA ÉPICO ANAIS (VIII, 158)**

Everton da Silva Natividade (USP)

É recorrente, nas epopéias antigas greco-romanas, que o poeta, colocando em cena um aedo, represente-se nos seus versos e, dessa forma, trace-nos uma imagem sua (vejam-se, por exemplo, os aedos homéricos da *Odisséia*: Demódoco, no canto VIII, e Fêmio, no canto I). Quinto Ênio (239-169 a. C.), poeta épico autor dos *Anais*, obra escrita em latim cuja composição, hoje, resume-se a uma coleção de fragmentos, teria deixado uma descrição de si mesmo no fragmento VIII, 158 (ed. Valmaggi). Esse fragmento, que chegou a nós pela citação de Aulo Gélcio (*Noites Áticas*, XI, 4, 1), apresenta, na descrição do amigo de Servílio, uma figura que foi lida pelos críticos como essa tópica representação do poeta épico. Este trabalho busca compreender em que medida tal figura, como personagem, preenche o lugar do aedo no poema, qual a imagem do poeta que ela delineia e qual a sua colaboração para a compreensão do conjunto da obra.

A IMAGEM DO PROFESSOR NA REVISTA NOVA ESCOLA

Eliana Cristina Pereira Santos (UNIOESTE)

A partir do ponto de vista que os discursos são reveladores de partilhas culturais manifestadas nos enunciados que circulam a sociedade. Tem-se como objetivo realizar leitura e análise da imagem de professor apresentada na revista Nova Escola, enquanto signo, vista a luz da teoria peirceana. Também se busca o eleito interpretativo da representação do real imaginado dentro da cultura brasileira; analisando as práticas representativas, saberes culturais, historicamente postos através da imagem ilustrativa da capa traduzida em discursos. Para fundamentar tal análise, busca-se embasamento teórico nos estudos de Chartier (1990); Laplantine e Trindade (1998); Santaella (2002); Foucault (1990); Barthes (2000) e Bakhtin (1992).

“A PESSOA É PARA O QUE NASCE”: O CORPO E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS.

Fernanda Luzia Lunkes (UNIOESTE)

Esta pesquisa em desenvolvimento, pautada na Análise do Discurso de linha francesa, parte de uma inquietação sobre os sentidos produzidos para e pelo corpo, os quais estão sempre em movimento. Segundo Le Goff e Truong (2006, p. 10), a “concepção de corpo, seu lugar na sociedade, sua presença no imaginário e na realidade, na vida cotidiana [...] sofreram modificações em todas as sociedades históricas.” Os autores pesquisaram sobre o corpo na Idade Média, mas podemos perceber que algumas “técnicas” e representações sobre o corpo descritas e analisadas na pesquisa, ainda que tenham sofrido alguma alteração, continuam presentes no contexto pós-moderno.

E nesse sentido, nosso trabalho debruça-se sobre o corpo no filme/documentário brasileiro “A pessoa é para o que nasce” (2006), cujo enredo é embasado na vida de três irmãs cegas, Maria, Regina e Conceição, da cidade de Campina Grande (PB). Nossa pergunta tenta dar conta de explicitar, a partir dos recortes, os efeitos de sentido produzidos no contexto fílmico, formado por mulheres cegas e pobres, tentando mostrar, conforme Lagazzi (1988, p. 97), de que forma o “sujeito encontra, na linguagem, os recursos para lidar com o poder, para redistribuir a tensão que o embate entre direitos e deveres, responsabilidades, cobranças e justificativas coloca.”

DESVENDANDO OS SENTIDOS DO SILÊNCIO EM ENUNCIADO VERBAL E NÃO VERBAL

Sílvia Mara de Melo (UNESP/CAPES)

O objetivo deste trabalho é apresentar uma interpretação do enunciado “neles a gente confia” em conjunto com o texto imagético publicado na capa da revista *Veja* em 11 de janeiro de 2007.

Tomando como concepção teórica a Análise do Discurso, especificamente o que diz respeito à política do silêncio, concepção adotada por Orlandi em seu livro “As formas do silêncio” e as concepções de Pêcheux acerca da memória discursiva. Entendemos que as definições sobre memória e silêncio podem desvendar os sentidos que estão para além das palavras. Usando uma expressão de Orlandi “o silêncio significa”. Ao atribuir ao silêncio um estatuto explicativo, ela fala do silêncio que significa em si mesmo, para ela, o silêncio com ou sem palavras rege os processos de significação. Nos dizeres de Orlandi, em seu livro *As Formas do Silêncio* “[...] o silêncio não se reduz à ausência de palavras. As palavras são cheias, ou melhor, são carregadas de silêncio”. O silêncio atravessa as palavras, ele é um acontecimento essencial da significação, tornando matéria significativa por excelência.

DISCURSO E IMAGEM: LEITURA DO TEXTO CINEMATOGRAFICO

Celso Jorge Martins (SEED-PR/UEM)

Sabemos que o discurso de um texto imagético está pautado em códigos convencionados socialmente, no entanto esta relação não é automática, produzindo efeitos de sentido diversos, de acordo com as filiações culturais e ideológicas de cada sujeito. Considerando que a imagem no cinema, geralmente, exerce a função de linguagem, no entanto, desenvolve também funções de cenário ou ilustração, é importante, para o sujeito-leitor, que desenvolva possibilidades de entender os elementos visuais como operadores de discurso. Neste sentido, por meio deste trabalho de investigação científica, buscamos desenvolver algumas perspectivas voltadas ao estudo da leitura da imagem, mais especificamente do texto fílmico, em sua materialidade, considerando o discurso verbo-imagético inerente às estratégias enunciativas do cinema, bem como às filiações sociais de cada sujeito-leitor. Como suporte teórico, utilizamos pressupostos da Análise do Discurso (escola francesa) e aportes específicos da leitura do texto cinematográfico. Assim, buscamos uma análise e interpretação deste gênero textual, abordando recursos e estratégias do texto fílmico, modos de significação da imagem, e o efeito de sentido produzido diante deste tipo de leitura.

DISCURSO E IMAGEM: MEMÓRIA DA CIDADE

Ana Cleide Chiarotti Cesário (UEL)

Ana Maria Chiarotti de Almeida (UEL)

Em Londrina-PR, a Secretaria Municipal de Cultura, durante a gestão 1993/96, fixou quatorze placas de bronze na área central da cidade, determinando lugares de memória. Essas placas reproduzem imagens fotográficas do passado, acompanhadas de um texto intitulado “Aqui tem História”, fazendo referência aos espaços anteriormente existentes. O nosso objetivo é analisar esse conjunto de suportes de memória, a partir do entendimento que as duas linguagens – a imagética e a verbal – são consideradas texto que dão acesso ao discurso sobre a história da colonização de Londrina e do Norte do Paraná. O homem, ao reconhecer a cidade como território privilegiado das mudanças e transformações sócio-culturais, age, a um só tempo, conferindo-lhe perenidade e elaborando discursos sobre o que nela permanece ou deveria permanecer. Assim, é possível um olhar compreensivo sobre a produção de signos que geralmente acompanham a construção material da cidade, entendendo que o patrimônio urbano se faz presente no cotidiano dos cidadãos que nela vivem, agindo não apenas como formadores de identidades, mas também expressando desigualdades, diferenças e contradições. A pesquisa, ora em andamento, reúne pesquisadores da Sociologia, Ciência Política e História, criando um entremeio de áreas do conhecimento que convoca a Análise de Discurso Francesa (AD) como teoria e método, diante de questões relativas ao patrimônio e à memória. O que interessa são as inscrições dos monumentos como unidade complexa de significações, consideradas as suas condições de produção, já que sujeito, linguagem e sentidos não são transparentes, expressando práticas políticas e relações de poder.

FOTOGRAFIA, MEMÓRIA E PROUST

Saulo Germano Sales Dallago (UFG)

O presente trabalho procura investigar as relações entre a imagem fotográfica e a obra do romancista francês Marcel Proust (1871-1922), “Em busca do Tempo Perdido”, tendo como eixo central as discussões sobre os conceitos de Memória Voluntária e Involuntária, presentes no romance supra-

citado. Inter-relacionando teorias dos campos literários e históricos, perpassando desde os estudos referentes aos usos da fotografia pela história até a importância desta manifestação técnico-artística na vida e obra de Proust, toma-se a fotografia como agente duplamente catalisador de memórias e provocador de efeito estético, principalmente quando esta é observada pelo mesmo “eu” rememorante retratado pela imagem. Este trabalho vincula-se ao projeto de Doutorado “Performance e Fotografia: a narrativa audiovisual das memórias do Grupo Teatro Exercício”, orientado pelo professor Dr. Márcio Pizarro Noronha, do programa de Pós-Graduação em História da UFG. Explícitas essas duas noções, interessa-me pensar a *individualização*, ou seja, o deslocamento frente ao Estado que é realizado através da escrita pelos autores que se autodenominam *marginais* em nossa literatura contemporânea.

IMAGENS NA PAREDE: DECORAÇÃO OU DENUNCIÇÃO?

Luciane Thomé Schröder (UNIOESTE)

José Carlos Cattelan (UNIOESTE)

As observações apresentadas neste estudo resultam da análise de duas materialidades textuais distintas (verbal e imagética) que procuramos relacionar entre si, a fim de defender a tese de que a escolha de objetos de decoração (no caso, sete quadros dispostos nas paredes entre os ambientes de estar e jantar de uma residência) revela a memória social e histórica que se encontra recalcada no sujeito observado. O interesse pelo estudo dos quadros foi provocado pelo enunciado verbal proferido pela dona da residência, que permitiu que estabelecêssemos relações entre o uso da estratégia da denegação (que remete a algo que é afirmado e que não é desejado conscientemente pelo enunciador) e os quadros apostos sobre as paredes da casa, os quais, por meio do entrelaçamento com o enunciado verbal citado, permitem a detecção de determinados efeitos de sentido. Por meio do entrecruzamento dos conceitos de memória, de interdiscurso, de inconsciente e de recalque, buscamos demonstrar que, mais do que simples objetos de decoração que podem ou devem tornar mais “belo” um ambiente, as imagens escolhidas pelo sujeito revelam que ele se denuncia e se inscreve nas escolhas efetuadas, deixando marcas da sua passagem na atividade de “enfeitar” a casa. Pretendemos, portanto, desenvolver a hipótese de que a seleção de imagens que o sujeito realiza denuncia o que ele deseja, desejo este que é instaurado por uma memória sociohistoricamente instituída.

MEMÓRIA E SUBJETIVAÇÃO NO PROGRAMA HUMORÍSTICO “SEXO FRÁGIL”

Adéli Bortolon Bazza (PG-UEM)

Maria Célia Cortez Passetti (UEM)

Este trabalho faz parte de nossa pesquisa de mestrado que trata da construção da identidade do sujeito masculino, no programa humorístico “Sexo Frágil”, exibido pela rede Globo em 2003 e lançado em DVD em 2004. Esse programa apresentava como intuito ridicularizar o homem retratando-o como sexo frágil e isso contribuiu para a produção de discursos sobre o feminino e o masculino. Amparados pela perspectiva teórica da Análise do Discurso, consideramos que esses discursos produzem sentidos a partir das relações que estabelecem com as redes de memória articuladas em sua produção e interpretação. Propomos, nesse momento, a análise de uma cena do referido programa, de modo a evidenciar as memórias como elementos constitutivos do discurso do programa e a sua forma de organização como evidência de uma posição-sujeito que descreve o que é “ser” mulher/homem, criando identidades que subjetivam os indivíduos.

MÍDIA, DISCURSO E MEMÓRIA NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES DE GÊNERO

Denise Gabriel Witzel (UNICENTRO/PG-UNESP-FCLAr)

Partindo do princípio de que os primeiros anúncios publicitários que circularam no Brasil, no início do século XX, se constituem em importante acervo documental sobre os modos como a publicidade historicamente discursiviza a figura do feminino em nossa sociedade, propomos o presente trabalho com o objetivo de examinar tais anúncios, focalizando o fato de que a formação do arquivo e da memória sobre a questão dos gêneros se dá a partir de certa fixação seletiva de discursos produzidos pelas/nas relações de poder e pelos/nos sistemas de valores sócio-histórico-culturais. Ao analisarmos antigas propagandas de medicamentos, intentamos dar visibilidade ao trabalho da linguagem

publicitária atravessada, dentre outros, pelo discurso médico, cujo efeito, além da promessa de cura, reverbera representações coletivas que contribuem para o delineamento de identidades do homem e da mulher de outrora, instigando-nos a verificar o que permanece e o que é apagado desse passado nas representações de ambos na contemporaneidade. Os contornos do masculino e do feminino, aos olhos das antigas propagandas, exaltam a natureza frágil, doce, pacífica e maternal da mulher e enaltecem a força, virilidade e competência profissional do masculino. Essas qualidades são vistas como “inatas”; corroboram, reafirmam e reproduzem discursos que, ainda hoje, posicionam a mulher no espaço privado do lar e o homem no espaço público da política e do trabalho.

O DISCURSO CINEMATOGRAFICO DE LAVOURA ARCAICA.

Deise Ellen Piatti (UNIOESTE/CAPES/FUNDAÇÃO ARAUCÁRIA)
Acir Dias da Silva (orientador-UNIOESTE)

Apresentaremos neste trabalho um estudo acerca do discurso cinematográfico de *Lavoura Arcaica* (2001) de Luis Fernando Carvalho. O filme é tradução da obra homônima de Raduan Nassar, e enquanto objeto de tradução se faz criação artística, texto novo, mas que está condicionado ao texto-fonte. Na transcrição de um código lingüístico para outro Luis Fernando Carvalho é intérprete da obra de Nassar, na qual buscou equivalências de imagens para sua produção cinematográfica: Luis Fernando Carvalho instaura um texto noutra linguagem, e cria outro texto, mas que continua a ser o texto original. Paradoxo da tradução. Vemos que ambas as manifestações de *Lavoura Arcaica* são discursivamente organizadas de modo a transfigurar a percepção naturalizada do leitor. Assim o discurso do filme surge como “montagem figurativa” que interrompe o fluxo de acontecimentos e marca a intervenção do sujeito do discurso por meio da inserção de planos que destroem a continuidade do espaço diegético. Os planos surgem de forma justaposta, e não encadeados, de modo que as imagens tornam-se “unidades complexas” de significação, pois situados na montagem de atrações os planos ultrapassam o nível denotativo e passam a significar algo não contido em cada uma das representações. É, pois, nos lugares e imagens que estão impressos em nossa memória que buscar-se-á o significado das imagens em movimento de *Lavoura Arcaica*. As representações visuais decodificadas no filme surgem enquanto *citação* de outras expressões estéticas de diversas origens espaciais e sociais e que formam o Conhecimento visual destas representações que participam da educação religiosa e política e da Educação da memória.

O DISCURSO PICTÓRICO EM VINCENT VAN GOGH

Sônia de Fátima Elias Mariano Carvalho (GPAD/LEP/ILEEL/UFU)
João Bôscio Cabral dos Santos (orientador-UFU)

Tendo como base os pressupostos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa, pretendemos por meio da imagem pictórica na obra de van Gogh, verificar o discurso não-verbal a fim de desvendar vestígios de uma memória discursiva nesta materialidade. O gesto de interpretação que teceremos, constituirá nossa análise a partir do jogo de imagens e cores que sustenta a produção discursiva do sujeito-esteta, a qual engendra discursos marcados por tensões e contradições. Abordaremos também, considerando o descentramento do sujeito, o movimento de subjetividade e sua identificação com a posição-sujeito assumida, conforme as formações discursivas e ideológicas presentes no imaginário sócio-histórico do sujeito-esteta. Acionaremos conceitos: sujeito, discurso, interdiscurso, formação discursiva, memória discursiva – além de outros que se fizerem pertinentes para a análise que pretendemos empreender.

O DISCURSO POLÍTICO E SUAS IMAGENS NA TELEVISÃO

Luciana Carmona Garcia (UFSCar)

Este trabalho analisa as imagens dos programas eleitorais veiculados pelo horário eleitoral gratuito de 2006 como práticas discursivas, uma vez que os novos regimes de discursividade e a necessidade de análise consideram não mais o discurso puramente escrito, mas também a imagem e a sonoridade imbricadas no enunciado do sujeito político - cujo rosto aparece em close na televisão – que faz emergir um discurso que se apresenta sob formas curtas, fluidas, instantâneas, descontínuas e ininterruptas. O aparato teórico de análise do discurso político na forma escrita também se transformou para permitir o desenvolvimento do trabalho com esse novo objeto do discurso. Neste

sentido, traçamos aspectos comuns que caracterizam a configuração do discurso político nas inserções dos principais candidatos à presidência: Lula e Alckmin. Observamos, primeiramente, um cuidado extremo com expressões e olhares, já que o foco da câmera está sempre no rosto: expressões serenas, olhares ternos, sorrisos cativantes. Nesse close, traduz-se (ou se pretende traduzir) a identidade do indivíduo associada a sua expressão facial, a partir de “o quê” se quer externalizar sobre si mesmo, consolidando a instauração do sujeito no discurso e na produção de sentidos (Courtine, 1995). Essa imagem opera a memória social, que se vai construindo a partir de repetições, lembranças, esquecimentos, apagamentos. (Pêcheux, 1999; Davallon, 1999; Courtine, 1999). Deslocando o olhar à outra esfera de disputa política, a dos candidatos Heloísa Helena e Cristovam Buarque, observamos que, apesar de se deterem mais às falas próprias e de seus aliados, alguns aspectos verificados nas propagandas dos candidatos anteriormente analisados se mantêm, como expressão facial, imagem do carisma pelos eleitores, mãos para cima indicando a vitória, o que pode indicar que a essência da propaganda política veiculada pela televisão mantém os mesmos moldes de apresentação, diferenciando-se apenas pela quantidade de recursos financeiros aplicados no trabalho de marketing.

O PAPEL DA IMAGEM NO VIDEOCLÍPE *MINHA ALMA*

João Carlos Mayer Rostey (PG-UEM)

Ismara Eliane Vidal de Souza Tasso (orientadora-UEM)

Alguns estudiosos da sociedade pós-moderna acreditam que o homem tornou-se um ser visual. Ou seja, que o sujeito passou a ser um ser imagético. Dessa forma, as imagens tomaram um posicionamento de vontade de verdade, com grande poder de convencimento. As imagens assumiram o lugar de representação entre as palavras e as coisas deslocando os discursos para outras linguagens, ampliando, assim, para novas possibilidades de expressões e de processos criativos, apresentando-se de forma inovadora e definidora de visibilidades e de retomadas memorísticas. De acordo com Larossa (1994) a mente do homem é um olho que pode conhecer e ver as coisas. Portanto, o sujeito se constitui de acordo com as realidades que lhes são nomeadas, constituindo-se pelo seu olhar e pelo olhar do outro. Mas, pode-se afirmar que sabemos ler imagens? Ou, como ler as imagens? O trabalho de interpretação da imagem, assim como da interpretação da linguagem verbal, implica uma analogia com saberes, seja da cultura, do social, da história. A leitura da imagem é multidirecionada e depende do olhar de cada leitor para a produção dos efeitos de sentidos. Nessa perspectiva, este trabalho, fundamentado sob os pressupostos teóricos da Análise do Discurso francesa e da semiótica, tem como objetivo compreender como a imagem se constitui em discurso e como ela vem sendo utilizada para sustentar determinados discursos produzidos pela mídia, especificamente no videoclipe. Para tanto, elegemos como objeto de análise o videoclipe *Minha Alma*, do grupo O Rappa, a fim de observarmos o papel da imagem na constituição identitária do sujeito pós-moderno brasileiro.

QUESTÕES DE CORPORA EM ANÁLISE DO DISCURSO

Marcela Franco Fossey (IEL/UNICAMP)

A noção de corpus discursivo é de fundamental importância em uma teoria como a Análise do Discurso francesa. Teóricos como Foucault (1970), Courtine (1981) e Maingueneau (1984, 2003) tratam (cada um com as suas especificidades teóricas) dos problemas inerentes à delimitação de um conjunto de textos que renda análises pertinentes (e possíveis) nessa área de estudos. Quando o objeto de análise são os discursos que circulam atualmente na nossa sociedade a respeito daquilo que reconhecemos como educação sexual, é inevitável perguntar: *como lidar com uma massa tão vasta de textos que falam sobre sexualidade humana em uma sociedade como a nossa?* Em um levantamento preliminar, já é possível perceber que instituições como a Escola, a Igreja, o Estado, a Medicina, entre outras, produzem uma grande quantidade de textos que tentam instruir os sujeitos a respeito de uma *conduta sexual sadia*. Como manipular com rigor um corpus tão heterogêneo e tão extenso? Como manipular tantos textos representantes de posicionamentos tão diversificados e que são materializados em gêneros igualmente diversos? No presente trabalho, o objetivo é explicitar alguns procedimentos de delimitação desse corpus, levando sempre em conta os preceitos teóricos da AD.

RETRATO DE FAMÍLIA IMAGENS E MEMÓRIAS DO SUJEITO NA MÍDIA

Nilton Milanez (UESB)

A foto que recebi de uma amiga por email desencadeará deslocamentos que promovem a problematização sobre a dispersão do sujeito e o dever de memória que nos incita a uma busca de identidades. A história do cotidiano, então, compreendida como micro-acontecimento é o ponto de partida deste trabalho que discutirá a produção de imagens no interior da Análise do Discurso, baseando-me nos postulados de Michel Foucault sobre arquivo/a priori histórico e as noções de memória discursiva e intericonicidade, desenvolvidas por Jean-Jacques Courtine. A discursivização do corpo se encontra, assim, no centro das relações entre imagem e mídia, posições que serão revisitadas, abrindo vias para se pensar o próprio corpo como mídia. Tomando, portanto, a tríade corpo/imagem/mídia poderei refletir sobre a constituição do sujeito em nossa contemporaneidade, descrevendo e analisando uma série enunciativa imagética no interior de domínios de memória que ao mesmo tempo repetem, transformam, decompõem e recriam práticas discursivas.

SENTIDO, ESTÉTICA E IMAGEM NA OBRA CINEMATOGRAFICA “MARAT-SADE”

Marco Aurélio Morel (UNIOESTE)

A proposta desta comunicação centra-se na reflexão sobre o sentido e a estética nas imagens do filme Marat Sade do diretor Peter Brook. Para tanto partiremos da compreensão dos elementos discursivos da obra filmica que participam concomitantemente do universo cultural do homem, criando interfaces e sentidos à linguagem e à cultura, pois ao decodificar os signos culturais, artísticos e estéticos, clarificamos os signos institucionais e sociais. A proposta é ver o funcionamento desses elementos na materialidade do filme, considerando-o um enunciado, pois, para a AD francesa, a interpretação não se trata de desvelar um sentido oculto de um enunciado, mas sim, compreender como a linguagem funciona, como ela se historiciza. Como questionara Foucault, “poderíamos falar de enunciado se uma voz não tivesse enunciado, uma superfície não registrasse os seus signos, se ele não tivesse tomado um corpo em um elemento sensível e se não tivesse deixado marca – apenas alguns instantes – em uma memória ou em um espaço?” (in.: GREGOLIN, 2004)

SISTEMAS SEMIÓTICOS EM EPITÁFIOS: MEMÓRIA E IDENTIDADE

Fabíola de Jesus Soares Santana (PG-UFPE/UEMA)

Esta comunicação pretende apresentar uma reflexão preliminar sobre os sistemas semióticos que constituem a escrita do gênero epitáfio em lápides do século XIX. O objetivo principal é revelar quais os sistemas semióticos utilizados na elaboração desse gênero, verificando-se qual a variação desses sistemas; e como essa variação se constitui como uma forma de representação/identidade social. A partir de uma nova visão em relação à morte e aos mortos, os atores sociais que integram a sociedade oitocentista produzirão um conjunto de textos ligados aos rituais póstumos. Além de epitáfios (gênero dos mais antigos ligados a essa prática social), santinhos, notas de falecimentos e manifestações de pesar publicadas em jornais constituem um sistema de gêneros ligados a representação póstuma de um integrante de um determinado grupo social. Na produção de gêneros escritos, uma série de convenções visuais é adotada como uma forma de identificação daquele gênero de texto, da mesma forma que servem de elementos retóricos. No caso dos epitáfios, verifica-se que, em sua escrita, há utilização de variados sistemas gráficos da escrita alfabética bem como de outros sistemas imagéticos que se integram semioticamente para representar uma prática sociocultural ligada à ritualística fúnebre. Os resultados apresentados revelam que esses sistemas se associam para construir representações de identidades e tipificar uma situação social. Além disso, identificam-se quais são as instituições que realizam essa escrita, como elas representam seus atores sociais por essa modalidade e pelos demais sistemas semióticos ao tentar fixar, no tempo e no espaço, uma imagem (entendida aqui como representação de caráter simbólico, sígnico) talhada e inscrita no mármore. Para a análise do *corpus* são utilizados pressupostos teóricos da Semiótica Social e da Retórica das convenções visuais.

**TECEDURA E TESSITURA DO DISCURSO ARTÍSTICO DA/NA PRODUÇÃO AUDIOVISUAL:
DISCURSO, MEMÓRIA E IMAGEM**

Nádia Régia Maffi Neckel (IEL-UNICAMP/UnC-Canoinhas-SC)

A materialidade singular da produção audiovisual é uma materialidade que desfaz a dicotomia verbal-não-verbal, pois se constitui justamente da/na imbricação material. O dispositivo teórico-analítico da AD especializa a compreensão da tecedura e tessitura de uma produção audiovisual, a partir da noção de discurso artístico e, debruça-se sobre o funcionamento discursivo, da memória e da imagem; rompendo epistemologicamente com a rigidez metodológica e a redução estilística as quais, na maioria das vezes, submetem-se os críticos de arte. Tessitura e tecedura, nesta pesquisa são tomadas como funcionamento da ordem da estrutura e do acontecimento do/no *corpus* de análise. Desta forma, a perspectiva discursiva na leitura/interpretação de imagens e/ou produção artística é capaz de dar conta produtivamente da compreensão da produção e de deslocamentos de sentidos presentes em materialidades singulares como por exemplo, as materialidades do vídeo. A reflexão que se apresenta faz parte das formulações da Tese de doutoramento em Lingüística, tendo como corpus de pesquisa e análise materiais audiovisuais inscritos ou circunscritos pelo Discurso Artístico em seu jogo de polissemia. Tal pesquisa pretende trabalhar com as noções de intertextualidade e interdiscursividade deparando-se confrontadamente com as noções de arquivo da AD e de imagem-arquivo do/nos vídeos. E, assim, delinear um percurso de discussão em torno das noções de memória, imagem e discurso.

ÁREA TEMÁTICA 03**DISCURSO, LINGUAGEM E DIALOGISMO****A CAÇADA: AS VOZES BAKHTINIANAS EM LYGIA FAGUNDES TELLES**

Márcia Adriana Dias Kraemer (CESUMAR)

O fenômeno da bivocalização é, para Bakhtin (1996), uma característica constante e primeira na comunicação discursiva, seja permeando a esfera do cotidiano ou das ideologias formalizadas. Essa abordagem, de certa maneira, encaminha as questões do sentido e das relações de sentido entre diversos enunciados, implicando um caráter dialógico, à proporção que os sentidos estão distribuídos entre diferentes vozes. Ao definir as relações dialógicas como relações de sentido entre todas as classes de enunciados da comunicação discursiva, Bakhtin aponta as várias formas de dialogismo, de polifonia, de intertextualidade que configuram a natureza própria do discurso (BRAIT, 2003). Dessa maneira, partindo-se do viés de que a linguagem é constitutivamente dialógica e que a enunciação é de natureza social, pode-se estabelecer também a sua natureza polifônica. Neste estudo, analisaremos um exemplo de ato polifônico em um gênero conto, da ordem do narrar, intitulado *A caçada*, de Lygia Fagundes Telles. No interior dessa narrativa, as personagens não são apenas objetos do discurso do autor, mas os próprios sujeitos desse discurso. Nessa perspectiva, embora sejam criações ficcionais, elas podem alcançar vida e voz própria na trama narrativa, tornando-se senhores de suas ações e de suas palavras. Com efeito, ao empregar estratégias que possibilitam uma multiplicidade de vozes e de consciências que mantêm entre si uma relação de equidade no discurso, o texto lygiano, com sua temática intimista, desvela-se na linguagem confessional a descrever os sentimentos e os pensamentos de um eu moderno, submetido a um mundo agressivo em que os indivíduos não se harmonizam, encontrando dificuldades, questionamentos para a convivência em seu meio. O conto torna-se, portanto, material fecundo para análise no ensino de língua materna, uma vez que, conforme FIORIN (2000), na busca do conhecimento lingüístico, destaca-se o texto literário, por mobilizar todas as funções e dimensões da linguagem e possibilitar a transição de uma realidade cotidiana à outra, na qual se criam novas percepções e experiências diversas.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A NOÇÃO DE POLIFONIA

João Marcos Mateus Kogawa (UNESP/CAr)

A obra de Mikhail Bakhtin possui envergadura teórica que permite reflexões em diversos campos das humanidades, especialmente, o literário e o lingüístico. São bastante conhecidas, atualmente, categorias como dialogismo e polifonia. A obra desse pensador passou por uma espécie de expansão da década de 90 até nossos dias. Se considerarmos a década de 70 – momento em que o pensamento de Bakhtin chega ao Brasil –, tínhamos apenas um teórico da literatura que havia escrito apenas um livro em vida. Sob essa perspectiva, é profícuo pensar essa maior amplitude do pensamento bakhtiniano correlativamente a alguns problemas que essa divulgação possa ter trazido. Com esse intuito, tomamos o conceito de polifonia e elaboramos uma discussão a respeito do *status* que essa categoria ocupa no pensamento de Bakhtin. Importa-nos pensar os fundamentos do conceito, quais sejam, a relação autor-herói, a exotopia e o dialogismo.

A MOVIMENTAÇÃO DE SENTIDOS NOS FUNCIONAMENTOS DISCURSIVOS

João Bôsko Cabral dos Santos (UFU)

Por entender que existe uma dinâmica de movimentação dos sentidos em contínua alteridade nos funcionamentos discursivos, o enfoque deste trabalho pretende abordar uma extensão teórica da noção de efeito de sentidos que estamos denominando de instância enunciativa sentidural. Ao tomarmos essa movimentação enquanto instância, nos referimos à diversidade de formas de significar de um sentido de acordo com a natureza da interpelação sofrida por uma instância sujeito e com a configuração de atravessamentos instaurados a partir de um funcionamento da

interdiscursividade na enunciação. Entendendo que essas formas de significar do sentido sejam únicas e singulares, por isso ‘enunciativas’, hipotetizamos, inclusive a possibilidade de um sentido heterotopizar-se enquanto instância de subjetividade no interior da dinâmica enunciativa. Essa alteridade, configurada por essa possibilidade de múltiplas movências, nos conduz ao designativo de instância enunciativa sentidural para marcar que essa movimentação de sentidos traspassa a configuração de um efeito, provocando heterotopias no sentido, no sujeito e em suas inscrições enunciativas no interior de uma formação discursiva.

ANÁLISE DO DISCURSO DA CRÍTICA LITERÁRIA UNIVERSITÁRIA DE JAMES JOYCE: SOBRE OS ARTIGOS CRÍTICO-LITERÁRIOS DE ACADÊMICOS

Grenissa Stafuzza (UNESP/CAr)

A idéia do presente estudo advém do nosso projeto de doutorado na tentativa de pesquisarmos o discurso da crítica literária universitária de James Joyce e sua obra. Trata-se de analisar o funcionamento do discurso de professores universitários sobre a literatura, especialmente, no contexto da eclosão de teorias literárias – a história literária, o estruturalismo, a nova crítica, etc. – mesmo contexto em que surge literatura moderna. Estabelecemos como *corpus* de análise de nosso trabalho artigos crítico-literários de professores universitários que se encontram na *La Revue des Lettres Modernes*, em especial destacamos os artigos anteriores ao estruturalismo e posteriores à nova crítica com a pretensão de sabermos como o discurso da crítica literária universitária institucional acompanhou as teorias literárias que aparecem no século XX. O recorte de análise dos artigos crítico-literários de autoria de professores universitários foi feito pensando no período em que as teorizações literárias reuniram diferentes linhas de pensamento e metodologias de análise. Justamente para tentarmos verificar a relação discursiva entre a academia e essa fecundidade de teorizações no que diz respeito à literatura. De fato, a obra de James Joyce é um caso um tanto específico para a crítica literária universitária por duas razões iniciais: i) Joyce é considerado o autor que transformou a forma de conceber um romance, sendo denominado o “pai” do movimento modernista da literatura de língua inglesa; ii) ele publicou sua principal obra, *Ulysses*, em 1922, em Paris e, com isso, ganha a atenção não apenas da crítica francesa – uma crítica sempre tão fechada em relação as obras de autores estrangeiros – mas também a atenção de uma crítica internacional, e porque não dizer, mundial.

A PARÁBOLA DE “O PEQUENO PRÍNCIPE” DE ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY E O DIALOGISMO

Renata Donadon Fresneda Calil (FAP)

Sabemos que: “O ponto de vista, qualquer que seja, é um texto entre textos e será recriado em outro texto, objetivando a socialização das formas de pensar, agir e sentir, a necessidade de compreender a linguagem como parte do conhecimento de si próprio e da cultura e a responsabilidade ética e estética do uso social da língua materna.” (PCNEM, p. 144) e é através deste pensamento que analisaremos a parábola do livro “O Pequeno Príncipe” do autor francês Antoine de Saint-Exupéry e a sua intertextualidade com a literatura bíblica objetivando os diferentes pontos de vista e o dialogismo entre a bíblia e a parábola contemporânea atribuídas ao pensamento bakhtiniano que diz “tudo se reduz ao diálogo, à contraposição dialógica enquanto centro. Tudo é meio, o diálogo é o fim. Uma só voz nada termina, nada resolve. Duas vozes são o mínimo de vida”. De acordo com o pensamento descrito acima sabemos que o escritor se baseia em sua experiência individualista na vivência de mundo, do social e por elas seu mundo da linguagem é o meio pelo qual desenvolve todo o processo criativo e ocorre neste momento a extrapolação, o diálogo entre o individual e o social, as vivências criam uma intertextualidade com tudo o que foi visto e ouvido pelo autor e implícita ou explicitamente são transportadas para dentro do texto. O grande objetivo é fazer o ouvinte entender que “pela e na linguagem é possível transformar/reiterar o social, o cultural, o pessoal; aceitar a complexidade humana, o respeito pelas falas, como parte das vozes possíveis e necessárias para o desenvolvimento humano, mesmo que, no jogo comunicativo, haja avanços/retrocessos próprios dos usos da linguagem; enfim, fazer o aluno se compreender como um texto em diálogo constante com os outros textos.” (PCNEM, p.144)

CARNAVALIZAÇÃO E POLIFONIA EM BERTOLT BRECHT

Teresa Maria Grubisich (ACADEMIA DA FORÇA AÉREA)

Bertolt Brecht, em sua dramaturgia, constrói personagens cujos comportamentos e atitudes são determinados pelas relações sociais de produção. Não há como desvincular os fatos das ações dos homens, de seus interesses; os interesses políticos dos interesses de classe. São os contratos tramados e estabelecidos historicamente entre os homens que devem ser observados, questionados, revistos. Brecht, para expor a dinâmica social permeada pelas relações de poder a ao mesmo tempo reprodutora de tais relações, dialetiza os processos representativos: o cênico e o ideológico, o fictício e o histórico. Põe os discursos em confronto, assim cria um texto plural, diverso, polifônico. Propomos, a partir dos estudos bakhtinianos, discutir como o dramaturgo alemão conforma esteticamente elementos narrativos, retóricos e dramáticos, carnavalizando-os; como contraria, desloca, põe em confronto as diversas vozes performadas em seu teatro. Esse processo será mostrado por meio da peça *Quanto custa o ferro?* escrita em 1939.

DAS TRAIÇÕES EM “CALABAR, O ELOGIO...”

Maria Aparecida Conti
(FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS DE GOIATUBA – GO)

Erasmus de Roterdã, filósofo do século XVI e autor do “Encomium moriae” (Elogio da Loucura, 1509) critica a corrupção eclesiástica, o dogmatismo da filosofia escolástica e a superstição reinante à época por meio de uma aparente crítica da razão, bem como satiriza, em sua obra, o obscurantismo conservador da pseudo-religião. O diálogo entre o texto de Chico Buarque e Ruy Guerra “Calabar, o elogio da traição” e a obra do filósofo holandês não se atém apenas ao título, mas também ao modo de criticar o comportamento social diante das evidências, no caso, da omissão ante a repressão imposta pelo governo ditatorial. Esse diálogo evidencia-se mais fortemente, quando mostrado na colagem encontrada na obra de teatro “Calabar, o elogio da traição”, para chamar a atenção dos leitores/espectadores, como feito em “Elogio da Loucura”. A própria técnica de colagem dos textos de Erasmo e de outros autores, na obra de Chico e Ruy, se configuraria em uma traição, poderíamos dizer, não fosse a resignificação que essas colagens adquirem ao serem inseridas na obra de teatro. Ou quem sabe a resignificação é uma traição porque não apresenta originalidade, pela necessidade que a própria (língua)gem tem de repetir-se eternamente? Diante dos questionamentos, nos propomos a analisar o tema “traição” na peça de teatro sob a perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa, a fim de contribuir com os trabalhos interpretativos de textos literários.

DIALOGIA ENTRE INTERTEXTOS NA SEÇÃO VEJA

Suzana Paulino P. D. de Carvalho (PUC-SP)

Esta pesquisa se situa na área da Análise Crítica do Discurso, e tem por tema as estratégias utilizadas pelo jornalista na construção dos textos reduzidos veiculados na seção “Veja essa”. O problema está delimitado ao exame de diferentes modalidades discursivas averiguadas nesse tipo de texto. O objetivo desta comunicação é identificar e descrever as relações existentes entre diferentes edições da seção “Veja essa”. Tem-se por pressuposto teórico a Análise Crítica do Discurso, com vertente sócio-cognitiva, cujo maior representante é Van Dijk. Para o pesquisador (1997), o discurso é visto como uma prática social convencionada que pode ser vista tanto como um evento discursivo particular quanto como uma prática institucionalizada. Para ele, o discurso pode ser analisado a partir de suas estruturas lingüísticas, ou pela sua relação com o social e com a cognição, a partir de uma dialética entre o social e o individual de forma a situar o poder que controla o que tem acesso ao público. Os resultados obtidos indicam que as revistas dialogam entre si, de modo a manter a progressão temática de acordo com o acontecimento no tempo.

FORÇAS E MOVIMENTOS NA FORMAÇÃO DO SENTIDO

Maria Teresinha Py Elichirigoity (UCPel)

É interessante revisitar a teoria bakhtiniana quando se busca o sentido que sempre escapa da tradição de “uma única verdade”. É preciso ver a identidade de uma coisa não como algo solitariamente isolado de todas as outras categorias, mas como uma variável contrastante de todas

as outras que poderiam, sob condições diferentes, preencher a mesma condição na existência. Há forças opostas básicas: uma que compele ao devir, à mudança e outra, resistente, que se empenha em manter o status quo. Esse é o grande diálogo de forças da própria existência que se manifesta em outras espécies de diálogos: nas relações sociais, entre indivíduos, classes econômicas e culturas inteiras. Então, a formação dialógica do discurso é basicamente, uma abrangência simultânea de forças e movimentos diferentes e/ou contrários que, num espaço e tempo determinado da história, constroem sentidos. Mas é preciso perceber que expressamos, através de um ponto de vista, o sentido de qualquer elocução escrita ou falada. E a forma como operamos os valores, dependerá de como articulamos o que somos, em meio à heteroglossia de possibilidades ideológicas abertas a nós em qualquer momento dado.

METATEATRO: INSERÇÃO DO DISCURSO CRÍTICO NO TEXTO DRAMÁTICO

Sonia Aparecida Vido Pascolati (UEL)

A categoria essencial do texto dramático – ao lado da ação, presente na origem grega da palavra *drama* – é o diálogo, procedimento que implica relações intersubjetivas entre as personagens do texto e pressupõe ainda uma relação comunicativa entre texto e leitor, palco e público. Partindo dessa percepção do gênero dramático, julgamos ser possível pensar o texto teatral também abarcado pela concepção social de linguagem de Bakhtin, afinal, o diálogo teatral não deixa de ser um ato de interação verbal e social, assim como as circunstâncias da enunciação e a presença do Outro são fundamentais para a produção de sentidos. Além do dialogismo inerente ao texto teatral, há ainda uma outra dimensão instigante, presença marcante na literatura moderna, a recorrência da metalinguagem, dos cruzamentos entre o discurso ficcional e o discurso crítico, o que caracteriza um recurso metateatral. A literatura dramática, ao tomar a si mesma como objeto de análise e crítica, faz com que o texto se componha na interseção entre os fios discursivos ficcional e crítico. Portanto, nosso objetivo neste trabalho é apresentar algumas reflexões sobre o modo como esses discursos se cruzam e que sentidos são produzidos. Nosso objeto de análise é o texto dramático *O rei da vela* (1937), de Oswald de Andrade, no qual identificamos e analisamos várias inserções críticas a fim de analisar como o discurso ficcional se constrói na interseção com o discurso crítico, aqui entendido como os mais diversos enunciados produzidos por personagens que assumem uma posição de crítica da tradição literária dramatúrgica brasileira.

O DISCURSO ECONÔMICO-CAPITALISTA ENTREMEANDO O SIGNO “DÍZIMO” NO JORNAL “FOLHA UNIVERSAL”

Thyago Madeira França (UFU)

O discurso religioso pode ser caracterizado pelo seu caráter dogmático, o uso constante de parábolas de Cristo, leituras de versículos da Bíblia, bem como pelo uso constante de enunciados cristalizados e metafóricos. No entanto, nenhum discurso é fechado em si mesmo, todo e qualquer discurso é atravessado por discursos-outros. Sob a égide da Análise do Discurso de linha francesa, o presente trabalho objetiva analisar a interdiscursividade subjacente ao signo “dízimo”, quando aparece em artigos jornalísticos da seção “Ó Deus, não se esqueça que eu sou dizimista fiel”, do jornal Folha Universal. Nessa seção, são publicados depoimentos dos sujeitos-fiéis da IURD (Igreja Universal do Reino de Deus) que, segundo seus dizeres, tiveram sua vida mudada após o pagamento do dízimo. Ao analisarmos esses depoimentos, percebemos que a formação discursiva religiosa é atravessada por discursos-outros, que fazem com que o discurso religioso, respaldado em seu caráter dogmático, seja atravessado por equivocidades que o contradiga ideologicamente. Percebemos que, quando se refere à questão do dízimo, a “Folha Universal” tem um posicionamento que é traspassado por uma discursividade econômico-capitalista. Nesse ínterim, nosso *corpus* é composto por vários artigos da seção supracitada. É importante salientarmos que não utilizaremos como materialidade apenas o discurso verbal dos artigos. Recorreremos ainda as ilustrações presentes nos artigos que funcionam como enunciados não-verbais operadores de uma memória discursiva. Para que nosso trabalho se concretize, utilizaremos os postulados da AD de Michel Pêcheux (interdiscurso, formação discursiva, memória discursiva), bem como as contribuições teóricas de Michel Foucault (heterotopia) e Mikhail Bakhtin (dialogismo, polifonia).

O DISCURSO POLÍTICO E O TEMA CORRUPÇÃO: UMA NEGOCIAÇÃO ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO

Michele Viana da Silva (UFSCar)

Essa comunicação visa apresentar algumas considerações a partir de uma análise lingüístico-discursiva que constitui parte do trabalho de mestrado ainda em desenvolvimento. Compõem nossos dados de análise pronunciamentos do Senador Renan Calheiros no que se refere à acusação de fazer uso de dinheiro não declarado. O trabalho parte do objetivo de verificar os sentidos que são construídos pelo discurso no que se refere ao tema corrupção, para tanto, buscamos compreender a relação que o discurso estabelece entre o público e o privado à medida que o sujeito busca sustentar sua palavra. Percebemos que o sujeito do discurso político luta a todo tempo contra acusações que se instalam em seu discurso, pela memória discursiva. Nesse sentido, surgem algumas questões: Como o enunciador tenta driblar essa memória discursiva que as palavras presentificam? Como o enunciador se movimenta por meio de seu discurso para construir uma verdade a ser discursivamente compartilhada? Para verificar esse jogo discursivo, construímos nossa articulação teórica a partir de pressupostos bakhtinianos, tais como: o dialogismo, o qual implica pensar a linguagem como dialógica por natureza; o princípio de alteridade o qual confere ao "outro" um papel de constituição do "eu" e, conseqüentemente, de seu discurso e outras reflexões que nos orientam para compreender a construção dos sentidos a partir de aspectos históricos e ideológicos.

O EXPERIMENTALISMO ESTÉTICO EM FAZENDO ANA PAZ DE LYGIA BOJUNGA

Marta Yumi Ando (UNESP/S.J.Rio Preto)

No presente estudo, propomos uma leitura da narrativa *Fazendo Ana Paz* de Lygia Bojunga (1932-), publicada em 1991. Para tanto, tomaremos como enfoque alguns procedimentos experimentais operacionalizados pela autora em sua tessitura literária, a saber: a polifonia e a performance verbo-visual. Sob esse viés, examinaremos os modos como a autora agencia o entrelaçamento de vozes no discurso e, diretamente relacionado com esse aspecto, verificaremos como se realiza o processo de transmutação da autora em personagem constitutiva da própria trama, ou, em outros termos, como se opera a projeção da categoria autoral nos meandros da ficção. A par disso, pretendemos averiguar aspectos concernentes à estrutura performática da escritura lygiana, a partir do exame dos recursos mediante os quais o texto nos é apresentado como algo *em processo*, em seu *fazer*, em sua *poíesis*.

O GÊNERO DISCURSIVO HOMILIA

Juliana de Sousa Pinto (UFG)

A presente comunicação tem por objeto o gênero *homilia*, na tradição católica. O objetivo da pesquisa é descrever sua estrutura composicional de acordo com o ciclo trienal litúrgico, o tema e a significação da homilia em questão, bem como seus aspectos dialógicos (Bakhtin, 2006). A homilia é uma espécie de comentário dos textos da celebração litúrgica aplicado aos fiéis a partir de leituras bíblicas. Todas as leituras são diferentes em cada um dos três anos, porém, nas festas maiores ocorre que todas as leituras são idênticas nos três anos do ciclo, é o caso de festas como o Natal, a Páscoa e o Pentecostes (KONINGS, 2004). Desse modo, cada homilia terá seu tema específico de acordo com o calendário litúrgico e suas condições de produção locais. Além da perspectiva dialógica bakhtiniana, consideram-se neste estudo os paradigmas da Análise de Discurso Crítica (Fairclough, 1992; 1999; 2003) em seu tratamento das refrações dialógicas por meio da análise da produção, distribuição e consumo textuais.

O GÊNERO EPISTOLAR PAULINO E O DIALOGISMO

Tatiane Barros de Oliveira (FAP)

Este trabalho tem por fonte de análise o Gênero epistolar paulino e o dialogismo estabelecido com as epístolas de Paulo e as epístolas (cartas) dos presidiários. Este intertexto baseia-se num recorte interessante e que é a fonte motivadora deste trabalho: a vida do apóstolo Paulo que escreveu várias de suas epístolas dentro do sistema carcerário e a produção textual dos presidiários. Notamos que através do pensamento de Mikhail Bakhtin "tudo se reduz ao diálogo(...) tudo é meio, o diálogo é o fim." Muitas vezes, o meio é o caminho obscuro que temos de percorrer para alcançarmos a luz do entendimento, dos fios entrelaçados do contexto, da linguagem; são enigmas que precisamos decifrar

para termos o total e perfeito entendimento e como diz São Paulo: “Porque agora vemos como por espelho, em enigma, mas então veremos face a face; agora conheço em parte, mas então conhecerei plenamente (...)”. Considerando que o gênero epistolar é um recurso escrito, o presidiário realiza seu vínculo com o mundo social e pessoal, e que diálogo é o ato da fala entre duas ou mais pessoas, podemos também associar ao sentido mais amplo que diálogo possa ser o ato entre duas pessoas através de sua correspondência pois Paulo estabelecia uma relação dialógica com o povo de Deus através de suas produções escritas (epístolas) de dentro da prisão. O processo evangelizador era feito inicialmente através do discurso escrito e posteriormente os discípulos paulinos liam estas produções para o povo de Deus; podemos afirmar então que segundo a teoria bakhtiniana que “o discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala; ele responde alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc.” Todo ato comunicativo é um discurso em maior ou menor escala.

O GÊNERO FEMININO NO DISCURSO JURÍDICO

Elza Eliana Lisboa Montano (FACOS/CNEC, Osório)

Esta pesquisa é um estudo de enunciação, cujo pressuposto teórico é o dialogismo de Bakhtin. A teoria de Adam e de Kerbrat-Orecchioni também corrobora com este trabalho. O *corpus* analisado é o Voto nº 81.360, exposto em um contexto legalmente amparado para isso, no Supremo Tribunal Federal (STF), cujo entendimento tipifica o delito de estupro. A questão de gênero é importante para a pesquisa, pois o Código Penal explicita que o artigo que tipifica o delito de estupro visa a proteger a liberdade sexual da mulher, independentemente de sua moralidade. Os estudiosos da língua, como ciência, asseveram, há tempos, que todo o discurso tem um componente específico em sua formação: a presença do *outro*, claramente apresentada por marcas gráficas e/ou lingüísticas ou velando-se a olhares menos atentos. O discurso jurídico não poderia, pois, estar isento desses olhares *outros*, dessas vozes *outras*, amalgamando-se ao olhar e à voz do sujeito enunciativo. Entretanto a expressão discurso jurídico é muito ampla e, assim, para este estudo, vi-me obrigada a construir arquitetonicamente “andaimes” para, depois, fazer uma nova compreensão do meu *corpus*. Assim, classifico esse discurso em dois grupos: a) *discurso jurídico legislativo*, cuja função primeira é fazer leis; b) *discurso jurídico judiciário*, que abriga diferentes seqüências tipológicas discursivas. Entre elas, discurso de defesa, de acusação, de veredito e de sentença. A Conferência Mundial dos Direitos Humanos, realizada em Viena, em sua Declaração, no art. 18, reconhece “os Direitos Humanos das mulheres e das meninas são inalienáveis e constituem parte integrante e indivisível dos Direitos Humanos universais”, ou seja, a violência de gênero é incompatível com a dignidade do *eu* e do *outro*, como cidadãs. Além disso, os sujeitos relevantes desse voto são mulheres: uma, o enunciativo da decisão impressa no voto analisado; a outra, a vítima violentada.

O PÁTHOS NA ARGUMENTAÇÃO

João Antônio de Santana Neto (UNEB/UCSAL/FAPESB)

Este trabalho vincula-se ao projeto de pesquisa “Castelo perigoso – vários olhares”, em fase de desenvolvimento e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia. Partindo do pressuposto de que a argumentação está alicerçada nas categorias que compõem a tríade: *ethos*, *lógos* e *páthos*; e que ao *ethos* corresponde a imagem do orador; ao *páthos*, as paixões do auditório, e ao *lógos*, a organização do discurso, o presente trabalho objetiva aplicar uma reflexão teórica sobre a categoria retórico-pragmática do *páthos* numa seqüência do tratado ascético-místico medieval *Castelo perigoso*. Para tanto, são utilizados pressupostos teóricos da retórica aristotélica, da nova retórica e da pragmática. A partir desse breve trabalho, pode-se afirmar que o modelo teórico proposto contribui para o estudo da argumentação, uma vez que os atuais estudos da pragmática, disciplina que estuda o uso da linguagem, têm se voltado, entre outros temas, para o estudo das três categorias retóricas: *ethos*, *lógos* e *páthos*. Tal interesse surge devido ao fato da argumentação depender, entre outros componentes pragmáticos, dessa tríade retórica. Entretanto não seria exato concluir que o auditório se deixa convencer unicamente pelo *páthos*. Essa afirmativa só é válida porque o auditório se deixa persuadir pela argumentação que é o resultado das relações entre as categorias que compõem a tríade: *ethos*, *lógos* e *páthos*. Segundo os estudos realizados, a partir do deslocamento dessas três categorias retóricas, observa-se a importância das suas relações na construção da argumentação, quer esta vise ao convencimento e/ou à persuasão. Na realidade, o objetivo do orador só é alcançado quando esses três componentes pragmáticos ou categorias retóricas interagem entre si.

OS ARAUTOS DA INCOMPLETUDE: MIKHAIL BAKHTIN E MICHELANGELO ANTONIONI

Ivo Di Camargo Junior (PPGL-UFSCar)

Mikhail Bakhtin afirmava que nossa completude estava no outro e, portanto seremos eternamente incompletos e sem possibilidade do domínio total sobre este outro ou dele sobre mim. Antonioni alicerçava seus personagens numa busca irrefreável de sentimentos que não constavam neles e sim num outro. Os personagens de Antonioni sempre buscaram no outro sua felicidade por assim dizer. O que ambos tem em comum é a forma dessa busca pela completude do sujeito, que sempre se encontra no outro, realçando assim os pressupostos da alteridade bakhtiniana. Mesmo com o diálogo ou a ausência dele, o cineasta italiano e o teórico russo sempre marcaram suas obras com a busca da completude no outro. Completude impossível. As ideologias constantes, as polifonias, as relações de sentido e principalmente as relações de alteridade são o que desejamos levantar como problemática deste trabalho, nas relações entre a obra de Mikhail Bakhtin e Michelangelo Antonioni.

PARÁBOLAS MODERNAS: A CONSTRUÇÃO DIALÉTICO-LITERÁRIA EM A BOA ALMA DE STEZUAN, DE BERTOLT BRECHT

Marco Antônio Domingues Sant'Anna (UNESP)

Este trabalho pretende estabelecer um confronto entre a parábola tradicional, mais propriamente as parábolas bíblicas, e a parábola moderna, presente na literatura contemporânea. Tal confronto é proposto tanto no campo temático quanto no formal, visando a observar de que maneira o gênero tem sido construído e quais as alterações significativas que ocorreram em sua forma de apresentação na passagem de um contexto para o outro. Para tanto, selecionamos a obra *A Boa Alma de Setzuan*, de Bertolt Brecht, que apresenta modificações relevantes no modo de construção das personagens, dentre outras categorias. Nessa narrativa, desaparecem as figuras de caráter plenamente acabado e polarizado que compunham o modelo bíblico e entram em cena seres fragmentários e paradoxais – protótipos da tensão dialética entre o Bem e o Mal. Como personagem moderna, a/o protagonista Shen Te/Shui Ta apresenta, em sua personalidade, uma combinação de elementos incombináveis que faz dela um ser em constante conflito consigo mesmo e com o mundo ao seu redor. Assim, a desigualdade de sua natureza e a ambigüidade de sua essência, reveladas pelo impossível enquadramento no modelo idealizante que lhe é imposto pelos deuses ou por seu primo Shui Ta – que, na verdade, é outra face de seu ser – levam Shen Te a um desespero impossível de ser atenuado, conforme sugere o desfecho da peça. A esse modo de caracterização das personagens, soma-se também o desfecho aberto e a nítida intenção de provocar o prazer estético – marcas distintivas da modernidade de *A Boa Alma de Setzuan* e da nova forma de apresentação do gênero parabólico moderno.

POR UMA EPISTEMOLOGIA DO ESTUDO DOS TEXTOS ARTÍSTICOS: UM PROCESSO DISCURSIVO DE OBSERVAÇÃO DA ARTE

Luciana Vedovato (UEL)

Depois de consolidada a perspectiva enunciativa para a investigação dos textos que circulam em diferentes instâncias sociais, torna-se necessária a retomada de alguns pontos, teóricos no que se refere aos textos artísticos verbais. Para tanto, o presente trabalho pretende discutir como o poema pode ser estudado a partir do conceito de gêneros do discurso de Bakhtin (2004). Para isso, pretende-se traçar uma investigação que trate o poema enquanto texto histórico, socialmente situado e dialógico. Nesse viés, a sustentação teórica proposta trata a Literatura enquanto lugar de manifestação de valores ideológicos, conforme Eagleton (1997), e os textos dela constituintes são sociais e heterogêneos. Além dos autores citados, utilizar-se-á os conceitos de Habermas (2000), no tocante ao papel da arte enquanto *médium* social.

RESSONÂNCIAS ENTRE BAKHTIN E DUCROT: A CONTRADIÇÃO COMO PROBLEMA CONSTITUTIVO DA LÍNGUA

Andréia da Silva Daltoé (UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA/UNISUL)

Num trabalho de demarcação teórica, as teorias do texto têm consolidado seu espaço a partir dos seguintes pressupostos: que o texto é motivado por uma relação comunicativa, que adquire sentidos justamente nessa interlocução e que essa manifestação só é possível numa materialidade lingüística.

Embora se perceba um estrato teórico outro, distinto da análise de sentenças frasais isoladas, a partir do momento em que propõe categorias de organização do texto e busca-se trazer as questões de sentido para a materialidade da língua, o acontecimento textual reclama a participação de uma exterioridade que acaba sendo limitada por extrapolar uma proposta de estudo do texto por critérios de boa formação, compreendendo-o em sua linearidade e homogeneidade. Nessa perspectiva, o entendimento de texto, usuário e realização comunicativa resulta numa discussão bastante controversa sobre a condição de realização do texto como resultado do parâmetro de coerência. E tratar a coerência na organização do texto implica falar de incoerência, bem como de contradição e não-contradição, a fim de se perceber como esses elementos são contemplados pelo estudo do texto ou eliminados na sua confecção. Deseja, então, analisar neste artigo a maneira como coerência/incoerência e contradição/não-contradição acontecem numa perspectiva lingüística e numa perspectiva discursiva. A fim de procurar contemplar o objetivo proposto, será realizado um estudo sobre as possíveis ressonâncias e/ou discordâncias entre Mikhail Bakhtin e Oswald Ducrot no que diz respeito ao papel da contradição em suas teorias polifônicas.

UMA ABORDAGEM DIALÉTICA DA OBRA “BRUXA E FADA, MENINA ENCANTADA” DE IEDA DE OLIVEIRA

Maria Regina Dinalli (FAP)

A fada Mabi e a bruxa Sombria querem saber por que bruxas e fadas não podem ser amigas. A floresta está em polvorosa. Afinal, essa é uma das regras mais antigas. “Maria ficou conhecida como menina encantada. Quando zanga, vira bruxa; quando ama, vira fada”. Analisa-se a possibilidade da reconstrução de uma história cultural e social dos contos de fadas, e se propõe uma abordagem interdisciplinar dos contos de fadas, na qual a história cultural e a história das formas materiais estariam mescladas. O espaço da Língua Portuguesa na escola é garantir o uso ético e estético da linguagem verbal; fazer compreender que pela e na linguagem é possível transformar/reiterar a complexidade humana, o respeito pelas falas, como parte das vozes possíveis e necessárias para o desenvolvimento humano, mesmo que, no jogo comunicativo, haja avanços/retrocessos próprios dos usos da linguagem; enfim, fazer o aluno se compreender como um texto em diálogo constante com outros textos.(PCNEM, p.144). Mikhail Bakhtin declara que “uma análise fecunda das formas do conjunto de enunciações como unidades reais na cadeia verbal só é possível de uma perspectiva que encare a enunciação individual como um fenômeno puramente sociológico” (1979, p.112). Afirma também que “a língua constitui um processo de evolução ininterrupto, que se realiza através da interação verbal social dos interlocutores” e, ainda, que “as leis da evolução lingüística são essencialmente leis sociológicas” (p.113). Considerando-se que fadas e bruxas são senhoras de um lugar vitalício nas histórias infantis e juvenis, cumpre destacar que, para manutenção deste espaço, os perfis de tais personagens passaram por singulares retoques quando não por drásticas metamorfoses. As transformações sofridas pelos perfis de fadas e bruxas sublinham o caráter transitório e renovador do mundo, já que cada dia um novo modelo aguarda, impacientemente ser instalado. Sabe-se que bruxas e fadas, com suas especificidades, estiveram a serviço do poder real e a existência delas estava condicionada aos acontecimentos da vida palaciana. Com a saída da realeza de cena, era natural que tais personagens, pelo caráter mágico que as envolve, permanecessem em ação, porém com um outro tratamento literário adequado ao novo contexto. A progressão de bruxas e fadas ao papel principal, deve-se ainda ao ingresso dos trabalhadores rurais, lenhadores, camponeses e oleiros, entre outros nos textos literários. As fadas ao serem transferidas para os campos passaram a se redefinir como personagens dotadas de forte carga de paternalização, encarnando, nesta perspectiva, um ideal de justiça muito semelhante ao veiculado pelo credo cristão, de forma que a importância delas nas narrativas aumentou sobremaneira (Armando Gens UERJ/UFRJ). O conto oral de tradição popular se converte, portanto em um tipo de discurso literário, com o objetivo de nutrir os costumes, práticas e valores de certa época para que as crianças entrem mais facilmente na civilização regida pelos códigos sociais em vigor (Zipes 1986). Essa interação leva finalmente a um discurso simbólico institucionalizado sobre o processo de civilização, ao qual os contos de fadas servem de base.

UMA ABORDAGEM DIALÉTICA DA PARÁBOLA DO FILHO DO PRÓDIGOElaine Carneiro Domingues Sant'Anna (UNIP)
Marco Antônio Domingues Sant'Anna (UNESP)

Este trabalho pretende demonstrar a relevância do estudo crítico da Bíblia tanto para o conhecimento de seus próprios textos literários quanto para a constatação da mesma como referência literária consagrada para tantas obras que se tornaram marcos na literatura brasileira e estrangeira. Para tanto, selecionamos a *Parábola do filho pródigo*, narrada em Lucas 15.11-32, que, ao longo da história, tem servido de fonte para um vasto acervo de produções artístico-literárias. Nessa parábola, interessa analisar a construção formal das personagens, o que permite apreender a visão paradoxal e o efeito subversivo em relação aos valores do senso comum que caracterizam as parábolas bíblicas narradas por Jesus. A partir de parábolas de inversão, Jesus desafia o mundo “certo” e pronto dos religiosos por meio da linguagem paradoxal. Com isso, revela que o advento do Reino, além de desafiar o indivíduo, a sociedade judaica e gentia, destrói e desestrutura os alicerces da linguagem. O verdadeiro Reino, de que Jesus é o representante, só pode ser compreendido e expresso por meio de uma linguagem assim “revertida”, “invertida”, construída e “desconstruída”, formada e “deformada” pelas oposições tensões e paradoxos. Assim, ao optar pelo uso da parábola de inversão, Jesus almeja apresentar a seus ouvintes o Advento do Reino tal como ele é: uma subversão aos valores dos legalistas que se achavam os únicos merecedores do Reino. O discurso paradoxal de Jesus reflete em todas as áreas: social, política, pessoal e religiosa e apresenta, além dessa subversão aos valores religiosos, uma subversão na visão da vida e de mundo. Jesus, o narrador, com o uso dessa inversão dupla e oposta, desafia o mundo “normal” e complacente do publicano, do pecador, do fariseu, do escriba, dos líderes religiosos, do indivíduo, enfim, com uma nova visão do Reino.

ÁREA TEMÁTICA 04**DISCURSO E PRÁTICAS DE INCLUSÃO/EXCLUSÃO PELA LINGUAGEM****A ABORDAGEM SÓCIO-RETÓRICA DE GÊNEROS DO DISCURSO:
O ARTIGO DE OPINIÃO NO ENSINO MÉDIO**

Antonio Ribeiro Silva (PUC-SP)

O artigo que aqui resumimos propõe um ensino de produção e leitura de textos que, além de se preocupar com os aspectos lingüístico-gramaticais, também considera os aspectos sociais, culturais e cognitivos inerentes à compreensão ou interpretação do texto, visto como enunciado na perspectiva sócio-retórica de gênero. Esse ensino busca ser significativo ao aluno do Ensino Médio, na medida em que é baseado em acontecimentos que dizem respeito ao cotidiano desse aluno, trazidos por artigos de opinião, publicados em jornais que circulam no ambiente onde vive o adolescente. Essa aproximação com o cotidiano do aluno, enfatizando os aspectos sociais, culturais e cognitivos do texto, além de outros que ultrapassam a superfície textual, assenta este trabalho na área temática 4. Isso porque o atual ensino de produção e compreensão de texto no Ensino Médio, de modo geral, tem sua prática baseada em textos literários de grandes autores brasileiros, cujos conteúdos e linguagem poucas vezes tocam diretamente a sensibilidade do adolescente-educando, passam ao largo das questões que povoam a cabeça desse educando, apesar de que esses textos muito tenham a ver com a sua atual existência. Dessa forma, cabe ao educador incrementar o ensino da compreensão e produção de texto baseado em textos jornalísticos. Este trabalho sugere o artigo de opinião, analisado na perspectiva sócio-retórica de gêneros. Uma vez estudados e discutidos os problemas veiculados por esse artigo, numa linguagem direta e objetiva, tal é a jornalística, o educador conduzirá os alunos a uma leitura em textos mais elaborados e complexos como os literários, que também abordam problemas vividos pelo adolescente-educando. Assim, o artigo de opinião, analisado na perspectiva sócio-retórica, funciona no sentido de despertar a atenção do aluno às leituras que lhe são relevantes.

A LÍNGUA DEFINIDA PELA EXCLUSÃO: ANÁLISE DE UM DISCURSO DE APRESENTAÇÃO DE GRAMÁTICA

Mary Neiva Surdi da Luz (UFMS/UNOCHAPECÓ)

Apresentamos neste texto uma análise de como o termo *língua* é definido no texto de apresentação da gramática “Gramática reflexiva: texto, semântica e interação”, de Willian Roberto Cereja, publicada no ano de 1999, pela editora Atual. Partimos da noção de que as gramáticas são consideradas, a partir de Aurox (1992), juntamente com os dicionários, instrumentos de tecnologia lingüística que são constituídos a partir da gramatização. Para proceder a análise nos utilizaremos de noções teórico-metodológicas advindas da História da idéias lingüísticas, nos trabalhos especialmente de Eni Orlandi e Eduardo Guimarães. Tomaremos da Análise de discurso as noções de função-autor, formações discursivas e condições de produção como categorias para desenvolver a análise. Na análise, percebemos que o texto de apresentação marca a posição do autor-gramático em relação à língua e essa posição é afetada por saberes advindo de diferentes formações discursivas que funcionam simultaneamente em uma mesma materialidade lingüística e são determinada pelas condições de produção do instrumento lingüístico. Essa tomada de posição é marcada pela exclusão, pois ao definir língua são propostos pares opositivos em que o uso do operador de exclusão *ou* faz emergir no discurso de apresentação saberes antagônicos. Assim, entendemos que a gramática é um documento sócio-histórico-político em que se materializam os saberes sobre uma língua, em determinados tempo e espaço, revelando as relações do sujeito com a língua.

A SUBJETIVIDADE EM GÊNEROS ORAIS FORMAIS

Tania Regina Taschetto (UFSM)

Gláís Sales Cordeiro (UFSM)

FACULTE DE PSYCHOLOGIE DES SCIENCES DE L'ÉDUCATION

UNIVERSIDADE DE GENEVRA

O lugar social dos acadêmicos, um grupo responsável pela circulação e socialização de conhecimentos, cuja identidade incorpora a autoridade intelectual, é a universidade. E universidades são geralmente associadas a livros e ao ato de escrever. Porém, a circulação do saber, em nível muito elevado, se dá pela oralidade. Oralidade esta considerada como produzida num lugar socio-historicamente determinado de produção e circulação de conhecimento e de sentidos, uma vez que, sendo uma prática discursiva, é lugar de embates que, de alguma forma, interfere na sociedade. Assim, o saber circula através de gêneros textuais orais formais, como conferências, palestras, debates, produtos de uma construção socio-histórica em que o enunciador imprime suas marcas de subjetividade. Constituindo-se numa fala ao mesmo tempo planejada e interativa, o texto oral formal é concebido em função dos parâmetros do contexto enunciativo, a saber, o lugar social em que se insere a produção, suas finalidades, o status do enunciador e do(s) destinatário(s). Além de uma estrutura organizacional dos conteúdos (plano) e uma textualização (unidades lingüísticas) relativamente estereotipadas, na interação com a audiência, entram também em jogo marcas lingüísticas e para-lingüísticas próprias à subjetividade do enunciador, usadas com o intuito de solicitar sua inclusão/não-exclusão do grupo. De maneira intrincada, estas últimas revelam-se ora num uso particular dos recursos oferecidos pela língua (escolha da voz ativa ou passiva, modalizadores, do discurso próprio, parafraseado ou citado), ora no uso da prosódia, da gestualidade. Nosso interesse é compreender as relações dialéticas entre as dimensões genéricas socio-historicamente determinadas de uma comunicação oral acadêmico-científica e as marcas de subjetividade que o enunciador deixa na sua apresentação juntamente com os efeitos de sentido produzidos. Para tanto, analisaremos a comunicação oral em mesa-redonda. Nosso aparelho teórico-metodológico toma como referência principal os trabalhos de Bronckart (1997), Dolz & Schneuwly (1998), Authier-Revuz (1982) e Waquet (2003).

ATENDENTES DE BIBLIOTECAS ESCOLARES: ENTRE O DISCURSO E A MEDIAÇÃO DE LEITURA

Isaías Munis Batista (UNEMAT)

As questões referentes à formação de leitores, no Brasil, geralmente são relacionadas ao sistema de ensino. Desse modo, espera-se que, além dos professores, os funcionários das bibliotecas escolares possibilitem o encontro do aluno com o texto, principalmente o literário. Com base nisso, este estudo tomou como *corpus* duas entrevistas semi-estruturadas, gravadas em áudio e transcritas, com os atendentes de bibliotecas escolares, uma estadual e outra municipal, em um município com menos de dez mil habitantes no noroeste do PR. À luz da Sociologia da Leitura, buscou-se compreender de que forma esses atendentes se inscrevem como mediadores de leitura. Para isso, além de observar as mediações realizadas, foram utilizados elementos da Análise do Discurso a fim de explicitar a heterogeneidade discursiva na fala dos atendentes. Nas análises, evidenciam-se concepções equivocadas de leitura e de leitor e a necessidade de formação para os funcionários que atuam nas bibliotecas escolares.

FALA-EM-INTERAÇÃO: A CO-CONSTRUÇÃO DA PARTICIPAÇÃO NUMA AULA DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Jakeline Aparecida Semechechem (PG-UEM)

Neiva Maria Jung (orientadora-UEM)

O presente trabalho tem o propósito de relatar a partir da fundamentação teórica metodológica da Análise da Conversa Etnometodológica (SACKS, SCHEGLOFF & JEFFERSON, 1974) uma situação de interação de sala de aula, buscando verificar através da análise da seqüencialidade da tomada de turnos como os participantes co-constroem a participação no desenvolvimento de uma atividade que visa o cumprimento de um mandato institucional. Deste modo, será analisada a fala-em-interação gravada em áudio no desenvolvimento de uma atividade na aula de Língua Estrangeira de uma 1ª série do Ensino Fundamental de uma escola particular da região centro-oeste do Paraná. Para o

desenvolvimento da análise, a transcrição dos dados da fala em interação serão seguidos os procedimentos sugeridos por Erickson e Shultz (2002) e utilizados também por Jung (2003) e Lodder (2006), sendo assim, primeiramente será ouvido varias vezes a gravação sem interrupções, depois será atentado para as seqüências relevantes de acordo com os objetivos da pesquisa, daí serão transcritas as seqüências selecionadas de acordo com as convenções da Análise da Conversa Metodológica, as quais segundo Lodder (2006) são adaptadas a partir das Convenções de Gail Jefferson (ATKISON & HERITAGE, 1984). Enfim, com base nos pressupostos teóricos metodológicos adotados para a pesquisa será possível interpretar e analisar a fala-em-interação no evento de interação na aula de Língua Estrangeira, a partir do ponto de vista êmico, ou seja, de como os participantes mostram uns para os outros como co-constroem a interação e a participação, possibilitando assim um estudo da linguagem e interação enquanto ação conjunta.

LINGUAGEM E DIREITO: CRIMES DE PALAVRA NO BRASIL

Valda de Oliveira Fagundes (UNICAMP)

Alguns crimes são cometidos parcialmente ou inteiramente pela linguagem. Dentre eles estão: a calúnia, a difamação, o falso testemunho, o preconceito dentre outros. Esse trabalho faz parte da nossa pesquisa de pós doutoramento, e busca visibilizar os funcionamentos do discurso da Justiça Comum, no que se refere aos crimes de palavra, tomando como ponto de partida para esta reflexão, os discursos das pessoas envolvidas num crime de preconceito. Diante de uma rede derelações interdiscursivas, procuraremos inicialmente, seguindo algumas marcas regulares ao longo do processo, perceber de que modo elas se organizam, levando à configuração de diferentes mecanismos textuais de formulação, cujo modo de funcionamento nos permite identificar diferentes lugares de fala na produção dos sentidos.

LÍNGUA PORTUGUESA E A SÍNDROME DA INFERIORIDADE LINGÜÍSTICA

Tiago Souza Monteiro de Andrade (UNESP – Assis)

Marco Antônio Domingues Sant'Anna (UNESP)

Atualmente, cada vez mais, as empresas brasileiras exigem dos candidatos a uma vaga de emprego o domínio da linguagem, seja no quesito oral, seja no escrito. Todavia, os onze anos de freqüência no ensino fundamental e médio não são o suficiente para transformar as pessoas em redatoras, muito menos em especialistas em gramática, já que passaram o período escolar “decorando” esse conteúdo. Desse modo, ao se depararem com uma folha de papel em branco ou serem expostas a uma situação comunicativa que lhes exige expressão através de uma linguagem um pouco mais elaborada, sentem-se incapacitadas de fazê-lo. Estudiosos chamam esse fato de Síndrome de Inferioridade Lingüística (Silin) e/ou falta de Auto-estima Lingüística (AeLin). Em linhas gerais, os termos supracitados podem ser entendidos como a falta de autoconfiança intelectual, ou seja, o sentimento de incompetência pessoal e de confiança nas idéias, bem como a incapacidade de pensar, criar e saber a língua portuguesa. Com isso, diversos meios de comunicação se utilizam dos “deslizes” das pessoas, oriundas das mais variadas classes sociais e os veiculam para que todos tomem conhecimento do ocorrido. Isso provoca um efeito de cristalização da falta de auto-estima lingüística, gerando o preconceito lingüístico. Diante do exposto, a pesquisa irá debruçar-se em pesquisas parcialmente realizadas acerca do assunto, assim como no desenvolvimento de um estudo de campo. Dessa forma, ainda que tenha a consciência de seu limite em solucionar definitivamente o problema, procurará oferecer suas contribuições acadêmico-científicas, com o objetivo de desfazer a idéia de que um falante da língua da materna, não sabe expressar-se por meio da fala ou da escrita.

O FUNCIONAMENTO DE FORMAS DE INCLUSÃO E DE EXCLUSÃO EM VERBETES DE DICIONÁRIOS REGIONALISTAS

Verli Petri (UFSM)

Neste trabalho, nos propomos a refletir sobre a constituição e o funcionamento de formas de inclusão e de exclusão em verbetes que constituem dicionários regionalistas brasileiros contemporâneos. Estamos tomando o dicionário como objeto discursivo a ser analisado e como instrumento lingüístico (Auroux, 1996) em pleno funcionamento no processo de constituição da identidade nacional e regional. Estamos levando em conta as relações que se estabelecem entre saberes advindos de

diferentes formações discursivas constituindo o dicionário como espaço de heterogeneidade, bem como daquele que produz efeitos de certeza e de interdito da dúvida. Para que se produzam tais efeitos entram em funcionamento processos de inclusão e de exclusão, num movimento entre o que pode e o que deve ser dito numa dada conjuntura. Os dicionários regionalistas constituem espaço profícuo para este tipo de análise, pois trabalham na tensão entre o que é preciso preservar, na língua e pela língua, e o que vem sendo acrescido à língua através do tempo. Esta tensão também se dá numa outra ordem que deve ser igualmente considerada: é aquela que estabelece relações entre a língua nacional e as especificidades do regional. Destacaremos verbetes de um dicionário regionalista gaúcho e de um dicionário regionalista nordestino, observando, pela mobilização do aparato teórico-metodológico da Análise de Discurso pecheutiana, as formas de inclusão e de exclusão pela linguagem e os diferentes funcionamentos que fazem destes dicionários o que eles são: objetos discursivos da maior importância.

O MOVIMENTO DAS DESIGNAÇÕES NO DISCURSO SOBRE A LÍNGUA: DA (IN)EXCLUSÃO DOS SENTIDOS

Marluza Terezinha da Rosa (UFSM)

Nesta comunicação, buscamos refletir sobre as possibilidades de sentido, constituídas pelas designações *língua materna* e *língua estrangeira*, no discurso acadêmico-científico, formulado a partir do lugar do pesquisador que transita entre línguas. Para tomarmos esse pesquisador como uma posição-sujeito que se constitui em um processo mediado pelas línguas que o habitam e que se (inter)relacionam, bem como para fundamentarmos teoricamente a reflexão à qual nos propomos, buscamos subsídios no aporte teórico-conceitual dos estudos discursivos de descendência pecheutiana. Por esse viés, entendemos que a temática da inclusão/exclusão pela linguagem não pode ser pensada sem que se considere o fato de que, para que alguns sentidos possam ser colocados em funcionamento, outros precisam ser silenciados. Nessa direção, o questionamento que norteia as reflexões por nós desenvolvidas consiste em saber em que medida os sentidos silenciados no gesto de designar estariam excluídos do dizer desse sujeito.

POLÍTICAS LINGÜÍSTICAS: PROCESSO DE INCLUSÃO DO ÍNDIO NAS UNIVERSIDADES PARANAENSES

Ana Massako Kataoka Tobias (UNICAMP)

Neste trabalho, propomos explicitar o processo de inclusão/exclusão na/pela linguagem nas práticas que envolvem a prova de redação no vestibular indígena. O nosso objeto de estudo são as redações dos vestibulandos indígenas da etnia Kaingang que foram produzidas no *IV Vestibular dos Povos Indígenas no Paraná*. Desse modo, a partir das condições de produção nas/pelas quais essas redações são produzidas é que observaremos o movimento contraditório dessa inclusão. Para tanto, este trabalho segue os pressupostos teóricos da Análise de Discurso de linha francesa, e também, os estudos desenvolvidos no projeto História das Ideias Lingüísticas (HIL) que tratam das políticas lingüísticas referentes ao índio.

PRÁTICAS DE SUBJETIVAÇÃO, IDENTIDADE E POLÍTICAS DE INCLUSÃO EM TELA

Érica Danielle Silva (UEM)
Ismara Eliane Vidal de Souza Tasso (UEM)

A inclusão social na pós-modernidade consolida-se como uma das vertentes da solidariedade, aspiração universal que busca estabelecer, desde a Revolução Francesa, a igualdade entre homens por meio do respeito à dignidade humana. Dentre as iniciativas estatais e institucionais propostas a atender tais princípios encontram-se as políticas de inclusão que, numa relação de saber-poder, mobilizam práticas de subjetivação que encontram na mídia as condições de possibilidades para serem exercidas. Considerando as implicações desse movimento na constituição identitária e de representação dos sujeitos excluídos, este trabalho tem por objetivo demonstrar como a mídia televisiva, ao articular história e memória, sob o aporte teórico da Análise de Discurso de linha francesa, (re)constrói a identidade do portador de necessidades especiais na vinhetas alusivas aos jogos PAN-Americanos, veiculadas na Rede Globo de Televisão no período de 2006/2007.

**UMA REFLEXÃO SOBRE O ENSINO DO PORTUGUÊS EM REGIÕES FRONTEIRIÇAS:
UMA PRÁTICA QUE PODE LEVAR À EXCLUSÃO**

Ione Vier Dalinghaus (PG-UNIOESTE)
Maria Ceres Pereira (orientadora-UNIOESTE)

Ensinar a língua Portuguesa não é tarefa fácil em qualquer circunstância, porém, os obstáculos aumentam quando se trata de situações bilíngües ou plurilíngües, em que a maioria dos alunos fala espanhol ou guarani, mas desconhece o português, ou o conhece apenas oralmente. Esse é o contexto em que estão inseridos muitos professores que atuam em escolas brasileiras localizadas na fronteira com o Paraguai. Selecionou-se uma dessas escolas públicas de Ponta Porã, MS, fronteira com Pedro Juan Caballero, Paraguai para uma pesquisa de Mestrado, na linha de Linguagem e Ensino. O referido trabalho está pautado nas teorias de Moita Lopes, Orlandi, Calvet, Bagno, Rajagopalan e outros lingüistas que se preocupam com o ensino de línguas e a política educacional brasileira. Trata-se de uma pesquisa do tipo etnográfica escolar. Essa reflexão é, portanto, o resultado parcial de um estudo em andamento com o intuito de saber como o ensino do português acontece na prática e quais as maiores dificuldades enfrentadas pelos docentes, pois sabe-se que não existe no Brasil, uma política educacional adequada para o ensino de línguas em regiões fronteiriças.

VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA E ENSINO: EXCLUSÃO PELA LINGUAGEM

Marcia Ione Surdi (UFSM)

Este trabalho apresenta os resultados de um trabalho de pesquisa que objetivou diagnosticar e analisar qual é o discurso dos professores de língua portuguesa sobre a variação lingüística, verificando qual a posição do professor diante da variação lingüística na oralidade e na escrita; se há estratégias de reconhecimento da variação lingüística em aulas de língua portuguesa; que atividades são empregadas no trabalho escolar com a variação lingüística em aulas de língua portuguesa; se as teorias sociolingüísticas são objetos de estudo nos cursos de graduação e quais são as suas contribuições à prática docente. Para a realização da pesquisa, aplicou-se questionário composto por perguntas abertas e fechadas. Para a composição da amostragem de docentes foram selecionados professores de língua portuguesa de escolas da rede estadual de ensino de Chapecó/SC. Os dados obtidos revelam que a maioria dos professores concebem a variação lingüística como diversidade/diferenças lingüísticas, enquanto um reduzido percentual acredita que seja uso da gramática, da norma culta e norma padrão. Diante de ocorrências de variação lingüística na fala e na escrita, os professores, em sua maioria, mostram o "erro" e em seguida o "correto", são poucos os que mostram que há diversidade lingüística. Quanto à formação docente, constatou-se que todos os professores estudaram o tema variação lingüística na graduação, mas a maioria não lembra autor, obras ou teorias. Esses resultados indicam que o tema em análise deve ser mais bem trabalhado em cursos de formação inicial e de formação continuada, uma vez que a compreensão equivocada pode provocar práticas inadequadas, marcando formas de exclusão pela linguagem no contexto escolar.

ÁREA TEMÁTICA 05**DISCURSO, CIÊNCIA E POLÍTICA****A MONOTONIA CINZA DA POLÍTICA: UMA FORMAÇÃO DISCURSIVA?**

Fabiana Miqueletti (UNICAMP)

O propósito desta comunicação é discutir a experiência de constituição e descrição do *corpus* discursivo da pesquisa que desenvolvo sobre o estado atual dos discursos sobre política. Meu interesse é por uma discursivização plástica e pulverizada que se insurge contra o “fim da política” em certos pólos de produção do discurso político: o “erudito” (as ciências humanas) e o “plebeu” (o jornalismo). O que se pretende é basicamente narrar o percurso de *instituição* do *corpus* de referência, representativo de um *estado de ânimo* de *desapontamento* em relação à política contemporânea, que pode culminar na construção de uma “formação discursiva”, não no sentido clássico do termo, mas no atualizado por Maingueneau (2005; 2006). O autor revisita a noção para lhe atribuir um estatuto mais dinâmico, destacando o seu caráter de construção: “o analista *dá forma* a uma configuração original”, instaura o *corpus*, delimita as fronteiras. Basicamente, as “formações discursivas” passam a designar *corpora* heterogêneos, que reúnem tipos e gêneros de discurso variados, cujas relações não estão “dadas”, mas são instauradas – e justificadas – pelo analista. “É uma espécie de ato violento do analista, uma contestação das fronteiras que estruturam o universo do discurso” (MAINGUENEAU, 2006:20).

ANÁLISE DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA PRESENTE NA PROPAGANDA ELEITORAL GRATUITA PARA DEPUTADO ESTADUAL-PR-2006 NA TELEVISÃOMargarete Maria Soares Bin (UNIOESTE)
Gustavo Biasoli Alves (orientador-UNIOESTE)

O que se apresenta neste trabalho é uma análise da violência simbólica durante os programas eleitorais gratuitos para deputado estadual no Paraná do ano de 2006 na televisão, sendo utilizada para transformação das opiniões das pessoas acerca dos candidatos, fazendo dos eleitores consumidores de comportamentos e idéias. Considera-se que o período de propaganda eleitoral gratuita é sempre muito polêmico, envolvendo questões de poder e sedução e a principal razão pela qual o candidato lança mão de todas as armas para conquistar os eleitores está no fato de ganhar a eleição ou seu partido obter mais votos. Assim, a partir desta consideração, pretende-se enfatizar o conceito de violência simbólica e suas relações de poder, bem como observar as estratégias empregadas durante os referidos programas, uma vez que a violência simbólica encontra-se disseminada durante todo o programa eleitoral, distribuída em estratégias desde a produção até o encerramento. A partir disso a pergunta que se coloca é: Qual é a concepção de eleitor que está presente no discurso do candidato? Utilizaremos abordagens qualitativas e buscaremos verificar com base em reflexões de Pierre Bourdieu, Michel Foucault, Maria Isabel Oliveira Spacenkopf, Max Weber a violência simbólica exercida pela propaganda eleitoral gratuita emitida pela televisão e suas relações de poder e sedução. Ao pesquisar sobre a violência simbólica, pretende-se contribuir para que o eleitor entenda mais sobre este tipo de violência, uma vez que a maioria do povo desconhece esta possibilidade. Contribuir por meio de leituras e análises com a construção reflexiva do pensamento crítico dos eleitores e assim provocar transformações sociais, tendo como primeiro passo a conscientização de que a violência simbólica existe, sendo este um começo para combatê-la.

A REMEMORAÇÃO E A COMEMORAÇÃO NA CONSTITUIÇÃO DA MEMÓRIA POLÍTICA DA CIDADE

Maria Cleci Venturini (UFSAM/UNICENTRO)

Enfocamos, nessa comunicação, a rememoração e a comemoração na constituição da memória política das cidades. Há algum tempo temos observado que as cidades, representam-se aos sujeitos cidadãos que a constituem e aos turistas, a partir de narrativas ligadas à rememoração e à comemoração de nomes, eventos ou de um produtos com que se identificam e que esse movimento

liga-se à política urbanística das cidades. No Rio Grande do Sul, por exemplo, a cidade de Passo Fundo, comemora “o orgulho de ser gaúcho”, representando-se como “a terra do Teixeira” e como “a cidade mais gaúcha do estado”. Outras cidades do mesmo estado elegem outros nomes ou eventos. Cruz Alta é a “terra de Érico Veríssimo”, Veranópolis é a “terra da longevidade”, Caxias é “a capital da uva”, Bento Gonçalves “a terra da Champanha”, Carazinho é a “terra de Leonel Brizola”, São Borja “é a terra dos presidentes” (lá nasceram e estão sepultados Vargas e Goulart. Esse processo político de identificação, não é privilégio do Rio Grande do Sul. Ocorre o mesmo com as cidades de outros estados e também de outros países. Nosso objetivo em relação a esse tema é *identificar os processos discursivos que sustentam e legitimam essas designações e a relação com a política da memória urbana*. Recortamos como objeto de nossa análise a cidade de Passo Fundo. Temos um *corpus* de arquivo, constituído pelos discursos através dos quais “a cidade se conta e se escreve”, construindo em torno do espaço urbano imaginários sociais e simbólicos em movimento. Recortamos para fins de análise o hino da cidade e os folderes de divulgação da cidade aos passofundenses e aos turistas que a visitam. A rememoração/comemoração em relação à memória urbana e os conceitos que funcionam na/com/ e a partir dela e sustentam a reflexão.

AS DIFERENTES CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS DOS ETHOS DOS SUJEITOS POLÍTICOS NO HORÁRIO GRATUITO DE PROPAGANDA ELEITORAL

Paula Camila Mesti (UEM)
Maria Célia Cortez Passetti (UEM)

Ao considerar que uma das noções de *ethos* refere-se à imagem que o sujeito constrói de si em seu discurso, mostrando seus traços de caráter e tendo como objetivo causar boa impressão, sem importar se o que foi mostrado é verdade, o fato de que as pessoas em geral tendem a ser seduzidas pelas propostas políticas feitas pelos *ethos* assumidos por determinados candidatos levou-nos a refletir e pesquisar sobre as construções destes mecanismos discursivos. Utilizando como *corpus* de análise o Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral na TV (HGPE/TV), nossa pesquisa objetivou investigar, descrever, analisar e comparar os *ethos* dos sujeitos políticos que disputaram a prefeitura de Maringá-Pr no ano de 2004, contribuindo, assim, para a ampliação do conhecimentos dos estudos dos discursos políticos. Isso posto, a presente comunicação pretende apresentar os resultados de nossas reflexões a respeito de como os efeitos de sentido produzidos através do entrelaçamento do *ethos* e das relações interdiscursivas interferem positiva ou negativamente no processo de identificação dos eleitores à pessoa do candidato levando-os, conseqüentemente, a votarem ou não nesses sujeitos políticos.

A VOZ DA MULHER: UM PROCESSO EM CONSTRUÇÃO NO DISCURSO POLÍTICO NAS CARTAS DE LEITORES DE JORNAIS

Marines Lonardoní (UEM)

Ainda vivendo sob a pressão dos valores sócio-culturais- econômicos, a mulher busca construir um discurso político que responda ao novo paradigma a ela imposto pela sociedade contemporânea. Reflexo da construção de uma formação cultural imposta pela sociedade em que o discurso masculino imperava e, de certa forma, ainda impera, o discurso feminino traz marcas desse discurso social vigente na sociedade. Visando uma reflexão sobre tal temática, a presente comunicação busca explicitar o discurso que emerge das cartas de leitores (no caso, das leitoras) durante a campanha eleitoral/2004, veiculadas pelo jornal O DIÁRIO do Norte do Paraná, de Maringá. A base de análise ancora-se na AD (francesa) e na Comunicação Política, retratando os princípios e valores que norteiam os argumentos veiculados nas cartas - fidelidade, religiosidade, honestidade e ética – e de que modo são explicitados. Esta pesquisa está vinculada ao GEPOMI (Grupo de Estudos Político-Midiáticos), da UEM, coordenado pela Profa. Dra. Maria Célia Cortez Passetti.

COLONIZAÇÃO/DESCOLONIZAÇÃO: REDUÇÕES, LÍNGUA, LIMITES

Zélia Maria Viana Paim (UFSM)

Neste trabalho nos filiamos às reflexões de Orlandi (2006) sobre “processo de descolonização lingüística” e de Mariani (2004) sobre “colonização lingüística”; compreendemos a língua afetada pelo político. Estudamos a instituição da língua guarani como língua oficial da catequese nas reduções

jesuíticas no sul do Brasil e a fixação de limites geográficos para o território. Para Orlandi (2007), “uma língua é um corpo simbólico-político que faz parte das relações entre sujeitos na sua vida social e histórica”; nessa perspectiva, ao procurarmos entender a política lingüística constituída nas reduções, nos questionamos, a respeito das “formas sociais” que neste território “são significadas por e para sujeitos históricos e simbólicos, em suas formas de existência, de experiência, no espaço político de seus sentidos”. Elegemos, pois, como objeto de estudo os relatos de Pe. Sepp, **Viagem às Missões Jesuíticas e Trabalhos Apostólicos**, publicados, em 1698 e em 1710, respectivamente. Segundo o Pe. Sepp ([1698, 1710] 1980), há missionários alemães, boêmios, neerlandeses, espanhóis, mas “em todas as reduções, porém, há uma só língua, o Guarani”. O território das reduções está limitado por uma queda do rio Uruguai, que o separa do território dos espanhóis que “até o dia de hoje não puseram pé em nossas reduções”. Há também o grande rio Ijuí que os separa dos “portugueses habitantes do Brasil que guerrearam outrora estes pobres índios e os levaram cativos” [...] “por isso não convinha separar muito os povos para, em caso de súbita invasão, os índios cristãos pudessem se unir mais depressa pegar em armas e rechazar o mais ligeiro possível o inesperado inimigo que ameaçasse suas cabeças, repelindo-os para longe de seus territórios”. Em nossa análise discursiva refletimos sobre situação de conflito, demarcação do território, diferenças lingüístico-discursivas constitutivas dos guaranis neste dado período histórico.

DISCURSO PUBLICITÁRIO, FORMAS DE SUBJETIVAÇÃO E TENSÃO ENTRE O PODER DE ESTADO E DE MERCADO

Rosane da Conceição Pereira (UNICAMP)

A subjetividade (PÊCHEUX, 1998: 160-216) pode ser definida como a inter-relação dos conceitos de identificação (ilusão de completude dos sentidos), contra-identificação (oposição) e desidentificação (contradição). As formas de ser sujeito (formas de subjetivação) constituem as formas como se relacionam a posição-sujeito (sujeito da enunciação, social e ideológico) e a forma-sujeito (Sujeito do discurso, histórico e inconsciente). Os discursos (objetos teóricos ou históricos, construídos, ideológicos, tornados óbvios, naturalizados) encontram-se materializados em textos (unidades de análise, como as propagandas) que circulam na prática social do ensino de língua. O discurso do ensino no aparelho ideológico da escola, o discurso sobre a cidadania na instituição do Estado e o discurso sobre o consumo na propaganda constituem a posição de um sujeito aluno-cidadão-consumidor e também a sociedade capitalista em que vive. Assim, a subjetividade contemporânea constitui-se na tensão entre o poder do Estado e do Mercado, de modo que o Estado deixa de ser a instância privilegiada de decisões (poder) e mantém algumas organizações de caráter internacional supra-estatais de natureza jurídica, como a ONU, e de natureza comercial, como o MERCOSUL (Mercado Sul-americano). A proposta é, então, tentar compreender a publicidade em livros didáticos de português e em gramáticas, do ensino fundamental (antigas 5ª à 8ª séries) e do ensino médio (antigas 1ª à 3ª séries do 2º grau) por volta dos anos de 1990 a 2000, como esse texto fundamental, próprio da forma desse Sujeito de Mercado (PAYER, 2005 : 9).

ECOS DE MADEIRA E DE VENTO NA FALA POLÍTICA CONTEMPORÂNEA

Cláudia Rejanne P. Grangeiro (UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI)

O mundo contemporâneo vem passando por diversas transformações, o que desaguou num estágio denominado por muitos pesquisadores de “pós-modernidade”, designação tão imprecisa quanto controversa. Do ponto de vista econômico, passou-se do modelo fordista para o da acumulação flexível, para as novas formas de organização do trabalho, novas tecnologias, cuja consequência mais imediata é o aumento exorbitante da produção não só de bens como de serviços educacionais, de saúde, lazer, de espetáculos e de informações, produzidos e consumidos num espaço muito curto de tempo. Tais elementos modificaram as sensibilidades do sujeito contemporâneo, o que segundo Harvey (1996, p. 65) “não ocorreu num vazio social, econômico ou político. A promoção, por exemplo, da publicidade como ‘arte oficial do capitalismo’ traz para a arte estratégias publicitárias e a introduz nessas mesmas estratégias.” Certamente, tais características contemporâneas atingiram também a esfera política, cuja dimensão tecnicista descrita por Habermas (1978) parece ter desaparecido, em função de um discurso mais vago, de conteúdo mais fluido, diferente, por exemplo, dos grandes conflitos ideológicos dos anos 1970. Um dos fatores determinantes de tal processo, sem dúvida, foi o advento das técnicas audiovisuais de comunicação, principalmente da televisão, fenômeno estudado, dentre outros autores, por Courtine (2003, p. 25), denominado de “espetacularização da política”.

Para o autor, as línguas de madeira (línguas duras e herméticas) do direito e da política relacionam-se, cada vez mais intimamente com as línguas de vento (flexíveis, fluidas) da publicidade. Considerando, pois, tais pressupostos, e considerando, ainda, que cada localidade segue ou não as tendências gerais do seu tempo, elaborando, no entanto, seus dispositivos de discursividade (Foucault, 2000), de acordo com o seu contexto sócio-cultural, analisamos o discurso político em folheto de cordel da cidade Juazeiro do Norte-CE, verificando como a apropriação do discurso religioso pelo discurso político constitui uma forma peculiar de espetacularização da política.

HETEROGENEIDADE NA AD: EFEITOS POLÍTICOS DE UMA APROPRIAÇÃO TEÓRICA

Maurício Beck (UFSM)

A apropriação do conceito de heterogeneidade pela Análise de Discurso (iniciada pelo coletivo de intelectuais em torno Michel Pêcheux na França da década de 1960) se deu em um momento de retificação teórica e recuo político. Com a crise do projeto althusseriano e com as condições ideológicas adversas para a luta política revolucionária, a Análise de Discurso passou por um processo de ajustamento conceitual. O conceito de heterogeneidade veio a contribuir para que se articulasse um dispositivo com uma perspectiva mais atenta aos acontecimentos discursivos no formigamento do cotidiano. Isto possibilitou uma interpretação menos atrelada às *ciências régias*, na expressão de Pêcheux. Contudo, outras problemáticas surgiram desde essa época. Acreditamos que o cotejo do conceito de heterogeneidade na abordagem Análise de Discurso com o de outros campos do saber (na filosofia de Bataille, sobretudo) nos permitirá avançar no entendimento das lutas políticas de atualidade e o que elas trazem de múltiplo e diferenciado na imbricação dos meios propostos e fins visados. Está é a proposta do presente trabalho.

MATTOSO CÂMARA E A LINGUA PORTUGUESA: O (RE)INTITULAR NA CONSTITUIÇÃO DE UMA CIÊNCIA

Juciele Pereira Dias (UFSM/RS)

A pesquisa, que desenvolvemos acerca do processo de constituição, institucionalização e consolidação da ciência Lingüística no/do Brasil, faz com que voltemos nosso olhar para a movimentação científica do lingüista brasileiro Joaquim Mattoso Câmara Jr. Este estudioso empenhou-se em constituir uma *Lingüística Brasileira*, bem como, por diferentes áreas do conhecimento, produziu trabalhos que contribuíram para o desenvolvimento dos estudos em *Lingua Portuguesa*, tanto no espaço acadêmico quanto no espaço escolar. Dessa forma, em nossa comunicação, tomaremos como objeto de análise as designações *Português* e *Lingua Portuguesa*, em títulos de obras desse lingüista que foram *renomeados* ao serem reeditados, e a partir da perspectiva teórico-metodológica da História das Idéias Lingüística e da Análise de Discurso, objetivamos refletir sobre os efeitos de sentido dessas *nomeações/renomeações* na constituição da Lingüística Brasileira.

MEMÓRIA DISCURSIVA E SEUS EFEITOS NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO SUJEITO POLÍTICO: O SLOGAN NA CAMPANHA ELEITORAL

Vera Lucia da Silva (UEM)

Nas campanhas eleitorais, os candidatos adotam técnicas e práticas discursivas persuasivas para seduzir o eleitorado e conquistar votos. O *slogan* político – frase de fácil memorização que expressa a essência de uma plataforma eleitoral, mediante palavras de ordem com um objetivo a ser atingido – é uma das diversas técnicas utilizadas pelos candidatos para promover/(re) produzir sua imagem e/ou feitos no percurso de sua vida pessoal ou política. Proponho, neste trabalho, ancorada pela linha teórica da análise de discurso, analisar os efeitos de sentidos produzidos pela transmissão dos *slogans* divulgados no horário gratuito de propaganda eleitoral (HGPE), de 25 a 29/10/04. Período que marca a última semana da campanha eleitoral para prefeito de Maringá, nas eleições de 2004, do candidato 1 (C 1) João Ivo Caleffi do Partido dos Trabalhadores, prefeito em exercício e candidato à reeleição, e do candidato 2 (C 2) Silvio Barros do Partido Progressista, membro da tradicional família Barros de Maringá. Através de um conjunto de saberes históricos da cidade e dos candidatos envolvidos no pleito, meus gestos interpretativos verificam como os *slogans*: “*João Ivo. Você pode confiar*” e “*Silvio honesto e competente. Vote certo, vote 11*” são discursivizados e produzem uma

imagem representativa identitária de sujeitos políticos qualificados – pelos adjetivos confiança, honestidade e competência – para administrar politicamente a cidade. Pela observância das condições de produção da referida campanha, como resultado conclusivo, saliento que os *slogans* analisados nos remetem a uma memória discursiva de qualificativos indispensáveis utilizados, pelos representantes políticos contemporâneos, para alcançar a vitória eleitoral em uma conjuntura política cercada pela corrupção.

MEMÓRIA DISCURSIVA, MÍDIA E REATUALIZAÇÃO DE SENTIDOS DA CORRUPÇÃO POLÍTICA NO BRASIL: ALGUMAS QUESTÕES

Maria da Conceição Fonseca-Silva (UESB)

Neste trabalho, partindo do pressuposto de que a mídia, ao constituir-se como espaço público na sociedade contemporânea, ocupa um espaço privilegiado no cenário social, discutimos, da perspectiva da Análise do Discurso, como o domínio da memória discursiva sobre a corrupção política no Brasil irrompe (re)atualizando sentidos no domínio da atualidade enquanto reorganização de filiações históricas. O *corpus* é constituído de capas da revista *Veja*, que circularam de 1990 a 2007. O recorte que incidu à análise inclui capas que espetacularizam a corrupção nos governos de Fernando Collor, de Itamar Franco, de Fernando Henrique Cardoso e de Luiz Inácio da Silva. Os resultados das análises das formulações verbais e não verbais das capas indicam que, na chamada nova democracia, todos os governos, em suas várias esferas da administração pública - que envolvem senadores, secretários de governos e políticos de modo geral - foram afetados por crimes de corrupção. Na encenação discursiva das capas analisadas, são espetacularizados crimes, desde uma simples obtenção e doação de favores como acesso privilegiado a bens ou serviços públicos até o pagamento superfaturado de obras e serviços públicos para empresas privadas em troca do retorno de um percentual do pagamento para o governante ou para o funcionário público que determina o pagamento.

MICHEL PÊCHEUX, CIÊNCIA, IDEOLOGIA E ANÁLISE DO DISCURSO

Claudiana Nair Pothin Narzetti (UNESP-Car/FAPEAM)

O conteúdo de nossa comunicação é a parte central dos resultados de nossa pesquisa de Mestrado, recém concluída, que se debruçou sobre a história epistemológica da análise do discurso de Michel Pêcheux. Ao fim de nosso trabalho, pudemos perceber que a entrada do autor na vida intelectual não se deu no momento em que publicou a obra inaugural da análise do discurso, a *Análise Automática do Discurso* (1969), ainda que este fosse um momento decisivo de sua trajetória teórica e determinante para a fundação da disciplina à qual pertencemos. Na verdade, ele inicia seu percurso teórico em 1966, fazendo uma reflexão que poderíamos caracterizar como pertencente ao domínio da epistemologia, na linha aberta por Althusser e Bachelard. Explicamo-nos: o filósofo Pêcheux desenvolveu uma teoria sobre a história da ciência, na qual expõe: 1. a condição para a fundação de toda ciência: a ruptura com a ideologia; 2. as duas fases da história de uma ciência, bem como a natureza de cada uma delas; 3. o papel dos instrumentos nessas fases; e 4. uma teoria geral das ideologias (obrigatória quando se trata de teorizar sobre a ciência). Nosso argumento é que essa reflexão inicial de Pêcheux não está separada da análise do discurso, mas faz, juntamente com ela, parte do mesmo projeto teórico do autor. O que podemos adiantar, no momento, é que a AD foi planejada pelo autor para ser um instrumento a ser utilizado nas pesquisas científicas, principalmente no domínio das ciências sociais, onde deveria cumprir a função de um “cavalo de Tróia”.

O DISCURSO POLÍTICO SOB NOVOS REGIMES DE DISCURSIVIDADES: OS PROGRAMAS DE GOVERNO

Regiana Perpétua Manenti (UFSCar/CAPES)

Nossa pesquisa objetiva investigar *o lugar que os Programas de Governo ocupam atualmente no âmbito político eleitoral*. Para tanto, analisamos o modo como este *gênero discursivo* (definição bakhtiniana) funcionou na campanha presidencial de 2006, contemplando aspectos que vão desde a sua composição estrutural e temática até sua circulação. Nosso interesse por essa questão deve-se ao fato de a divulgação oficial dos Planos de Governo ter sido objeto de discussões na imprensa. Por exemplo: foi noticiado que os candidatos estavam dando pouca “visibilidade” aos Programas de

Governo e que este documento estava mais “enxuto”. Ao observarmos discursos dessa ordem, fomos levados a considerar a hipótese de que, recentemente, os Programas de Governo podem estar sujeitos a transformações significativas. Para alcançarmos respostas nessa perspectiva, definimos como *corpus* de análise os Planos de Governo apresentados na campanha de 2006 pelos seguintes partidos: PT, PSDB, PSOL e PDT. Textos que circularam na imprensa nesse período a respeito de possíveis alterações neste espaço discursivo compõem nosso *corpus* paralelo. Para lidarmos com estes objetos de análise, apoiamos-nos no quadro teórico-metodológico proposto pela Análise do Discurso francesa, derivada dos trabalhos de M. Pêcheux. Trabalhos de Courtine (1981 e 2006) e Foucault (1969), assim como o de Bakhtin (1979) sobre *gênero discursivo*, também fazem parte do quadro teórico de referência. Nossa investigação se insere na lacuna aberta por trabalhos atuais, que buscam compreender o discurso político em relação aos mecanismos midiáticos. A nosso ver, vale avaliar as características de um gênero de caráter tradicional - programa de governo - suas modificações e influências produzidas pela pressão do discurso político produzido para atender as mídias áudio-visuais. Consideramos que esse gênero, que à princípio funciona estritamente com base na linguagem verbal, modifica-se em um ambiente político onde, atualmente, funcionam estratégias discursivas configuradas essencialmente com base em elementos áudio-visuais (COURTINE, 2006).

O POLÍTICO E O CIENTÍFICO NO DISCURSO GRAMATICAL DE CELSO PEDRO LUFT

Susana da Silveira Gonçalves (UFSM)

Voltando nosso olhar para a malha de relações que se estabelece ao tratarmos de política, ciência e discurso, valemo-nos de dispositivos teóricos da Análise de Discurso e da História das Ideias Lingüísticas com a finalidade de exemplificar esse inter-relacionamento mediante a apreensão de sentidos que se estabelecem, a partir das condições de produção, na obra intitulada *Gramática Resumida* de Celso Pedro Luft. O sentido dessa gramática não é o de mais uma gramática, mas o de uma gramática que tem em seu planejamento o objetivo de aplicar conceitos e descrições gramaticais a um rol de nomes e de exemplificá-los com construções lingüísticas da língua portuguesa, tornando-se, assim, um dos objetivos de Celso Pedro Luft: elaborar uma gramática para atender os interesses de uma imposição política à ciência lingüística, a de uma Portaria do Ministro de Estado da Educação e Cultura. A Gramática Resumida preencheu uma lacuna que se estabeleceu frente à nova Nomenclatura Gramatical Brasileira, uma vez que todas as demais gramáticas tornaram-se obsoletas e desatualizadas, da noite para o dia, já que, para atender as exigências da Portaria Ministerial, a nova nomenclatura deveria ser empregada obrigatoriamente por professores e alunos, a partir do início de 1959, nas atividades escolares e nos exames a serem realizados. A Gramática Resumida não pode ser considerada apenas como uma continuidade da gramática tradicional. O seu sentido não está nela mesma, mas em tudo o que a produziu, e que, em Análise de Discurso considera-se como condições de produção. Não se pode dizer, no entanto, que ela é um produto do meio, porque ela é muito mais que isso. Ela é o produto do inter-relacionamento de discursos lingüísticos, científicos e políticos.

RELAÇÕES ENUNCIATIVAS ENTRE DISCURSO DEMOCRÁTICO E DISCURSO NEOLIBERAL CAPITALISTA

Maria Fernanda Curci Vicente (UEM)

Pedro Navarro (UEM)

A voz da maioria impera no discurso democrático, como agir sabendo que essa maioria está condicionada histórica-socialmente a dizer tais coisas e não outras e se o discurso do capital cria meios para dizer que determinadas práticas são democráticas porque essa é a voz da maioria mesmo que exclua muito, mas democracia é nunca excluir?

O tema que tem como corpus estatutos-manifestos dos partidos liberais democratas Brasileiros (PFL - Democratas, PSL, PPB, PTB, PL ou Partido Republicano, PP e PMDB) analisa dentro dos dispositivos teórico-epistemológicos da AD o discurso democrático e sua construção no imbricamento discursivo com o discurso neoliberal no funcionamento enunciativo da linguagem, a palavra imbricação é mais que uma escolha léxica de sinônimos e sim uma escolha interpretativa sobre sentidos entre os discursos democrático e liberal no espaço de seus acontecimentos. Imbricação gera sentidos, quais, como são acionados, emergidos e como são construídos. Como discursos com características discursivas e materialidades escritas e orais diversas convivem nessas siglas

partidárias, há, então, uma crise de sentidos, “falhas” entre discursos “ditos” democráticos com enraizamento interdiscursivo neoliberal, como então, é operada a significação em um no outro e que sentidos morrem e renascem, quem nega quem ou justifica e legitima quem. Sentidos sobre democracia enfrentam crises nas relações sociais entre povos, assim de que forma esses discursos significam e circulam em nossas vidas, com que palavras, sobretudo, como essa incompatibilidade discursiva entre o discurso democrático e o discurso capitalista se realiza imbricativamente, quem é visível e quem se apaga. Temos uma incongruência de sentidos, seria possível ser democrata e ser um partido liberal democrata preso por interdiscursividades capitalistas, que choques sociais e de sentidos surgem dessas, contradições, polêmicas e incompatibilidade de conceitos como está o discurso democrático nesse entrecruzamento conflitante pensando na origem de seus significados, materialidades simbólicas e poderes envolvidos.

VOZ E VERDADE NAS NOVAS FORMAS DO DISCURSO POLÍTICO

Carlos Piovezani (UNESPAR/FECILCAM)

A despeito de seus inúmeros avanços, as ciências da linguagem ainda não exploraram suficientemente o domínio dos usos e efeitos da voz na fala pública, em geral, e no discurso político, em particular. Além disso, a precariedade dos diálogos entre diferentes campos dos saberes lingüísticos contribui decisivamente para retardar novos desenvolvimentos em torno dos fenômenos que, não se limitando ao critério da pertinência no nível fonológico, envolvem som e sentido na produção discursiva. Mediante um recenseamento ainda inicial, constatamos que são raros os estudos em Análise do discurso que já se detiveram nos efeitos de sentido produzidos pelo emprego de determinados elementos sonoros segmentais e supra-segmentais, incorporando, cada um a seu modo, conhecimentos provenientes de outros campos [cf. Gadet; Mazière (1986), Courtine (1988, 1989, [1990] 2003), Souza (1994), Souza (2000), Piovezani (2005, 2006 e 2007) e Scherer (2006)]. Por essa razão, propomo-nos a apresentar um trabalho que, analisando alguns fragmentos do Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral, referente às eleições presidenciais de 2002, focaliza a utilização da voz na produção dos efeitos de verdade do discurso político contemporâneo.

ÁREA TEMÁTICA 06**DISCURSO, SUJEITO E IDENTIDADE****A CLÍNICA FONOAUDIOLÓGICA E OS SUJEITOS NEUROLESIONADOS: QUESTÕES ACERCA DA SUBJETIVIDADE**Renata Mancopes (UFSC/UNIVALI)
Cassandra Santiago da Cunha (UFSC)

Este trabalho advém da problemática clínica enfrentada no tratamento com sujeitos neurolesionados, especificamente naquilo em que o evento neurológico os singulariza quanto ao corpo. A especificidade dessa clínica problematiza a subjetividade, na medida em que o mal estar do sujeito em seu corpo particulariza seu modo de existência. O objetivo deste trabalho, portanto, é compreender o processo de subjetivação nestes casos, buscando analisar como as práticas discursivo-sociais da sociedade contemporânea massificada atravessam a fala do indivíduo assujeitando-o em dada posição e como este sujeito estabelece a relação consigo a partir disto. Parte-se dos pressupostos de Michel Foucault quanto à produção da subjetividade, entendendo-a como uma construção que se dá por práticas discursivas e sociais e que coloca em movimento múltiplas formas de subjetivação, perpassando os processos de assujeitamento e subjetivação como articuladores da produção do *si*; consideram-se também as questões relativas ao biopoder e a questão do singular em Agambem. No contexto moderno, o corpo tem sido objeto de poder e igualização dos sujeitos. A partir disto propõe-se questionar o estatuto do singular referido ao corpo, já que compreendê-lo no contexto moderno, passa pela análise da relação consigo e os modos de existência que o sujeito estabelece com o próprio corpo no contexto da neurolesão. A análise detém-se em experiências clínicas que foram filmadas e posteriormente transcritas para o papel, sendo analisadas por meio da análise do discurso. Quanto ao processo de subjetivação desses sujeitos, observou-se que além do regime discursivo que os assujeita sob a condição patológica, há posições de resistência que operam a produção de novos *eus* passíveis de existir e que na contramão desse assujeitamento procuram identificar-se a igualização dos corpos na sociedade, numa tentativa de inserção no coletivo, distanciando-se do que seria o singular e que os levaria a exclusão social.

A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DE FAMÍLIA NO DISCURSO RELIGIOSO

Kátia Menezes de Sousa (UFG)

Em trabalho anterior, analisamos os discursos veiculados pela mídia que constituem a instituição família. Nesta apresentação, discutiremos as identidades atribuídas à família pelos discursos pertencentes à formação discursiva religiosa, analisando textos divulgados por algumas igrejas. Apesar do objetivo definido, não é possível fazer tal análise sem levar em conta os enunciados que circulam pela mídia, posto que o exercício do poder/saber (FOUCAULT, 2003), hoje, passa por esse dispositivo de comunicação globalizada, que garante a existência dos embates e da vontade de verdade instituída pelos diferentes lugares discursivos. Percebe-se que, nas relações discursivas travadas entre outras instituições, a família é tema constante de discussões, em que cada instituição, com os seus saberes elaborados, procura definir as formas de constituí-la como verdadeira a partir de valores, que vão sendo agregados às práticas sociais, e de problemas que escapam à previsão possibilitada pelos saberes e que desafiam os procedimentos adotados pelas instituições para garantirem a sua verdade. Dessa forma, é possível afirmar que os discursos sobre a família constituem outras formações discursivas que, com seus saberes, elaboram os sentidos para família, restando a esta as práticas discursivas autorizadas pelos discursos de outras instituições. Estudar a família requer que se investiguem as relações que lhe dão existência na atualidade; que se pergunte a outras instituições qual identidade de família lhes interessa. Assim, faz-se necessário depreender o lugar institucional dos enunciados (escolar, religioso, policial, médico, midiático etc.) e o tipo de família vislumbrado por cada um deles. Neste trabalho, nos centraremos no discurso religioso, buscando apoio teórico em Foucault (1999; 2001), para percorrermos as diferentes sociedades, com suas práticas de subjetivação, que foram sendo constituídas ao longo da história do Ocidente, para alcançarmos a família na atualidade líquida (BAUMAN, 2001) que, segundo Roudinesco (2003), ainda representa o valor seguro ao qual ninguém quer renunciar.

A CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES NA PUBLICIDADE DE COCA-COLA: O DISCURSO DE RESPEITO ÀS DIFERENÇAS REVISITADO

Aline Fernandes de Azevedo (IEL-UNICAMP)

Nosso objetivo nesse trabalho é evidenciar os múltiplos sentidos sobre o jovem que emergem no discurso publicitário, partindo da materialidade lingüística do comercial da Coca Cola. Nossa proposta é demonstrar que os sentidos de respeito à diversidade presentes no slogan “viva as diferenças” surgem como simulacro do discurso da igualdade, (re)visitado sob a ótica dos valores da sociedade de consumo. Dessa forma, o discurso de respeito à diversidade funciona como argumento que apaga, transfigura o apelo ao consumo tornando-o opaco. Para tanto, encontramos apoio teórico no legado da Análise de Discurso, bem como nos escritos sobre o poder e a constituição de subjetividades de Michel Foucault, procurando apontar a publicidade como espaço de cultura privilegiado onde é possível visualizar o processo de construção de identidades.

A CONSTITUIÇÃO DISCURSIVA DO BANCO DO BRASIL NA MÍDIA

Andréia Nogueira Ferreira (UNIFRAN)

Maria Sílvia Olivi Louzada (UNIFRAN)

O presente trabalho apresenta como suporte teórico a Análise do Discurso de linha francesa, tendo como base, além de Pêcheux e Maingueneau, Foucault no tocante à questão do poder. Para a AD, os discursos não nascem do nada, compreendendo em sentido estrito, o sujeito e as circunstâncias da enunciação, e de modo amplo, o contexto sócio-histórico e ideológico que o condiciona. Tendo como objeto de estudo uma série de propagandas do Banco do Brasil veiculadas em 2007 em mídias impressas, tais como revistas e jornais, pretende-se analisar nas cenas enunciativas, a constituição discursiva da identidade dos co-enunciadores. Sabe-se que o discurso da publicidade propaga uma série de verdades por meio da utilização de diferentes estratégias discursivas e da construção de cenografias. Sabe-se, ainda, que, nos discursos midiáticos, palavra escrita e imagem têm uma relação de interdependência, em especial no gênero publicitário, em que os efeitos de sentido são obtidos pela maneira como as encenações visuais e os enunciados se influenciam mutuamente. Em geral, o discurso publicitário promete *status* e poder a quem adquire aquilo que se anuncia por meio dele. Assim, instância midiática influencia e cristaliza comportamentos, participa da construção do imaginário popular, o que permite ao sujeito perceber-se em relação a si mesmo e em relação ao outro e ainda esboçar sua identidade, uma vez que a mesma se encontra em constante construção.

A CONSTITUIÇÃO DO GÊNERO PROFISSIONAL, PROFESSOR DE LÍNGUAS, A PARTIR DAS ESCOLHAS FEITAS NA TRAJETÓRIA DE VIDA DESSES PROFISSIONAIS

Cristina Mott-Fernandez (UEM- PG/UUEL)

Vera Lucia Lopes Cristovão(UUEL)

Este trabalho tem por objetivo a apresentação de um estudo realizado em um instituto de línguas na cidade de Maringá-PR, onde são ensinadas cinco línguas estrangeiras (alemão, espanhol, francês, inglês e italiano). Ao se verificar a constituição do gênero profissional professores de línguas estrangeiras (LE) é possível perceber a diversificação do perfil desses profissionais, principalmente no que diz respeito à sua formação, socialização e a imagem que têm de si mesmos. Considerando tais aspectos, busca-se investigar as representações dos professores pesquisados quanto às influências na composição desse gênero professores de LE de institutos de línguas. Para tanto, a coleta de dados realizou-se por meio da redação de um relato biográfico onde deveria constar a trajetória de formação dos professores. Os textos obtidos foram analisados conforme os pressupostos e procedimentos (de análise e interpretação) propostos pelo Interacionismo sociodiscursivo (ISD) para pesquisas sobre o agir humano levando a uma reflexão sobre a atividade educacional, e neste caso a análise da identidade do professor relacionada a esse gênero profissional (BRONKART, 1999, 2006; BRONKART in MACHADO, 2004).

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO SUJEITO COLONIAL NA PERSONAGEM GEMMY, DO ROMANCE *LEBRANDO BABILÔNIA* (1993), DE DAVID MALOUF

Débora Maria Borba (UEM)

O reconhecimento do ser enquanto sujeito e a fixação da identidade sempre estiveram marcados por profundas discussões para qualquer indivíduo. Quando se trata do sujeito colonial, as discussões tornam-se mais complexas, tendo em vista os fatores que dificultam o reconhecimento do indivíduo pelo outro e as indelévels marcas que tal procedimento acarreta. O termo sujeito está intimamente relacionado aos estudos Pós-coloniais, pois os mesmos compreendem o reconhecimento do sujeito e sua autonomia para valorizar o papel que o mesmo tem e sua capacidade de revidar as ações sofridas enquanto colonizado no processo de colonização. São também relevantes as formas utilizadas para a formação da identidade do sujeito, sejam elas a ideologia, a linguagem ou o discurso. O objetivo deste trabalho é apresentar a construção da identidade do sujeito colonial a partir das ações, falas e pensamentos que permeiam a vida da personagem Gemmy Fairley, protagonista do romance *Lembrando Babilônia*, do australiano David Malouf. Ao levantar os elementos que constroem a identidade de Gemmy (sejam eles oriundos da personagem protagonista, das demais personagens ou do contexto apresentado) é possível constatar como a literatura retrata as ações dos colonizadores e se torna uma expressão da realidade colonial. A análise de tais elementos à luz da teoria Pós-colonial leva a interpretar o texto “politicamente”, baseando-se numa relação entre o discurso e o poder e entender as condições de exclusão sofridas por alguns grupos da sociedade.

A CONSTITUIÇÃO DISCURSIVA DO BANCO DO BRASIL NA MÍDIA

Andréia Nogueira Ferreira (UNIFRAN)

Maria Silvia Olivi Louzada (UNIFRAN)

O presente trabalho apresenta como suporte teórico a Análise do Discurso de linha francesa, tendo como base, além de Pêcheux e Maingueneau, Foucault no tocante à questão do poder. Para a AD, os discursos não nascem do nada, compreendendo em sentido estrito, o sujeito e as circunstâncias da enunciação, e de modo amplo, o contexto sócio-histórico e ideológico que o condiciona. Tendo como objeto de estudo uma série de propagandas do Banco do Brasil veiculadas em 2007 em mídias impressas, tais como revistas e jornais, pretende-se analisar nas cenas enunciativas, a constituição discursiva da identidade dos co-enunciadores. Sabe-se que o discurso da publicidade propaga uma série de verdades por meio da utilização de diferentes estratégias discursivas e da construção de cenografias. Sabe-se, ainda, que, nos discursos midiáticos, palavra escrita e imagem têm uma relação de interdependência, em especial no gênero publicitário, em que os efeitos de sentido são obtidos pela maneira como as encenações visuais e os enunciados se influenciam mutuamente. Em geral, o discurso publicitário promete *status* e poder a quem adquire aquilo que se anuncia por meio dele. Assim, instância midiática influencia e cristaliza comportamentos, participa da construção do imaginário popular, o que permite ao sujeito perceber-se em relação a si mesmo e em relação ao outro e ainda esboçar sua identidade, uma vez que a mesma se encontra em constante construção.

A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO MASCULINO NA PÓS-MODERNIDADE EM DISCURSOS JORNALÍSTICOS: A MEMÓRIA COMO FONTE DE PRODUÇÃO IDENTITÁRIA

Daiany Bonácio (PG-UEM)

Pedro Navarro (UEM)

A construção de novas identidades para o sujeito masculino mobiliza memórias diversas, advindas de diferentes formações discursivas, fornecendo posições–sujeito que os indivíduos são chamados a ocupar. As diferentes práticas discursivas retomam essas diversas memórias para comentá-las, deslocá-las, transformá-las, contrapô-las, sendo nesse campo discursivo heterogêneo e conflitante que o sujeito forma sua(s) identidade(s). Nesse percurso, a mídia e a linguagem jornalística funcionam como lugares de memória (Nora, 1993), como superfícies de emergência de memória sobre o homem pós-moderno. Deste modo, vemos um arquivo sendo retomado e materializado nos enunciados jornalísticos, evidenciando o trabalho da memória na construção do homem atual, servindo de fonte na produção de identidades. A posição–sujeito masculina tradicional é trazida para esse cenário para auxiliar na constituição de um novo homem, num movimento de distanciamento (total ou parcial). A mídia realiza recortes na História para constituir o presente; nesse percurso, a linguagem jornalística procura produzir identidades coletivas, operando com diversos tempos sociais

e memórias coletivas para edificar um novo sujeito masculino. Tendo em vista o exposto, a proposta deste artigo é analisar a articulação do enunciado-arquivo nos enunciados e reportagens que falam do novo homem, buscando verificar que papel a memória está exercendo na construção do sujeito masculino pós-moderno.

A ESCRITA DIGITAL E OS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO

Gesualda de Lourdes dos Santos Rasia (UNIJUI)

O presente estudo propõe a discussão de questões ligadas ao gesto de escrita no ciberespaço, denotadamente, os modos como os sujeitos constituem subjetividades ao ocuparem a posição de escreventes em meios de comunicação instantânea. Para considerar as particularidades dessa escrita, os deslizamentos que ela produz em relação às modalidades convencionais, bem como as pistas que fornece acerca da constituição sócio-histórico-cultural dos seus usuários tomamos como aporte teórico a Análise do Discurso com filiação em Michel Pêcheux (AD), pondo-a em diálogo com pressupostos dos estudos culturais de Homi Bhabha e discussões filosóficas de Michel De Certeau. Para tanto, valem-nos de noções como *interdiscursividade*, *memória*, *entre-tempo* e *entre-lugar*. Na perspectiva da AD é fundamental pensar a escrita, enquanto gesto, para além da noção de instrumento, dado que se considera, a partir dos referenciais dessa teoria, que o sujeito que escreve não é dono do seu dizer, mas afetado pelas diferentes historicidades em que está imerso, pelas posições que ocupa em um determinado contexto. Em razão disso, mais que uma linguagem, consideraremos a escrita digital como uma *discursividade*, com formas de inscrição próprias, as quais tecem lugares de pertencimento e de exclusão, ou ainda lugares fronteiros, em cuja borda os sujeitos situam-se. Esses lugares instauram-se a partir de uma outra tessitura, tramada pelos fios de uma memória que não é cognitiva e nem cronológica, mas lacunar, como o é toda memória. Mas é também e principalmente histórica, porque se ressignifica nas diferentes apropriações e deslocamentos desenhadas nos lugares onde seus diferentes conteúdos se assentam.

A HETEROGENEIDADE DO DISCURSO FEMININO: MULHER-EFEITO E MULHER-SINTOMA

Kátia Alexandra dos Santos (UEM)

Considerando a crise identitária pela qual vem passando o sujeito da contemporaneidade, sobretudo no que diz respeito às identificações de gênero, propomos pensar a identidade feminina a partir do discurso que a mulher faz circular sobre si mesma. Com base nos pressupostos da Análise do Discurso de linha francesa (AD), notavelmente os conceitos de heterogeneidade e de forma-sujeito, analisamos dez entrevistas realizadas com mulheres de perfis diversificados. As entrevistas partiram da seguinte questão: “Você gosta de ser mulher? Por quê?”. Tendo em vista o corpus constituído, procuramos pensar a interpelação da mulher como sujeito, o que chamamos de “efeito-mulher”. Propusemos pensar ainda, com base na máxima lacaniana “a mulher é sintoma do homem”, o que “escapa” dessa interpelação, o que fura na teia discursiva tecida pela mulher contemporânea, que a coloca como “sintoma” não só do homem, mas da sociedade. Observamos que a mulher atual tem se situado na posição que foi determinada para ela pelas práticas discursivas masculinas (produto da história e da ideologia que se materializam no discurso dominante: o masculino). Ao mesmo tempo, configura-se como sintoma, ao corporificar tudo aquilo que é barrado na linguagem, tudo aquilo que, ao ser recalcado, retorna de outras formas, através de silêncios, faltas e outros “furos” na rede de discursos que agrupamos e denominamos como discurso feminino. O discurso feminino, portanto, parece estar sob o signo da heterogeneidade, condição fundante para o próprio sujeito e para a produção dos sentidos. Nesse sentido, a mulher caminha para um outro registro que parece surgir na contemporaneidade: a feminilidade, lógica outra que vem se colocando sobre a lógica fálica que até hoje determinou a nossa sociedade. Desse lugar de interpretação que construímos é possível afirmar que a mulher é, portanto, efeito e sintoma: materialização da heterogeneidade.

A IDENTIDADE NACIONAL DO SUJEITO INDÍGENA

Thaís Almeida Marconi (UEM)

O presente trabalho baseia-se no conceito de discurso como uma estrutura que estabelece relações entre sujeitos e sentidos. Desse modo, utiliza-se dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso a fim de problematizar as maneiras de ler e interpretar, levando o sujeito-leitor a questionar sobre o que

produzem e o que ouvem nas diferentes manifestações de linguagem, possibilitando-lhe refletir sobre como são construídos os efeitos de sentidos produzidos nos diferentes gêneros discursivos que circulam socialmente. Além disso, busca-se refletir sobre como se constitui a identidade e a diversidade cultural vigentes nas atuais políticas públicas. Nessa perspectiva, será apresentada uma propaganda institucional promovida pelo Ministério da Cultura, uma campanha que busca incentivar a valorização da cultura indígena e constitui-se importante material de estudo e análise. Assim, considerando os instrumentos que efetivam esse processo – os aspectos lingüísticos, imagéticos e discursivos. O objetivo deste trabalho é, mediante a esses elementos, questionar o processo de constituição identitária do sujeito indígena, circunscrito nessa materialidade discursiva, buscando explicitar os aspectos relacionados à visibilidade e invisibilidade do texto, e os mecanismos e estratégias lingüístico-discursivos nela empregada.

A INTERINCOMPREENSÃO DISCURSIVA: UMA ANÁLISE DA POLÊMICA ENTRE A JOVEM GUARDA E OS DEFENSORES DE UMA MÚSICA “GENUINAMENTE” NACIONAL

Heloisa M. Mendes (UFU)

A Jovem Guarda foi, em alguma medida, responsável pela veiculação da informação nova em face à onda das canções de protesto, que preconizava uma produção “genuinamente” nacional, e frente ao elitismo intelectual bossa-novista. A presença da guitarra e a reprodução do estilo musical estrangeiro, características da Jovem Guarda, foram tomadas por alguns artistas e por críticos de música como elementos que desautorizavam sua produção e, conseqüentemente, os seus integrantes foram vistos como alienados e “submúsicos”. Os músicos da Jovem Guarda, por outro lado, respondiam aos ataques, convictos de que as críticas sofridas eram sempre advindas dos adeptos da Bossa-Nova. O que propomos, neste trabalho é, a partir das declarações que ganharam destaque na mídia, e sob o pressuposto teórico da interincompreensão, postulado por Dominique Maingueneau em *Gênese dos Discursos* (2005), realizar uma análise da “guerra” (nada santa) instaurada entre os músicos defensores de uma música “nossa” e os músicos da Jovem Guarda. Assumimos que há entre os discursos uma relação de *interincompreensão*: o discurso (virtual ou não) com o qual se mantém uma relação polêmica é traduzido como uma negação do que se defende. Nessa perspectiva, nossa hipótese é que a rebelião, bandeira levantada pelos músicos da Jovem Guarda, será traduzida como alienação pelos mais conservadores em relação aos encaminhamentos da música nacional. Por sua vez, o posicionamento destes será compreendido, pela Jovem Guarda, como um nacionalismo xenófobo.

ANÁLISE DO DISCURSO: UMA ABORDAGEM DOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO E OS ESTUDOS CULTURAIS EM “LAZOS DE FAMÍLIA” DE CLARICE LISPECTOR

Sandra Francisca da Silva (UFMS)

O objetivo deste trabalho é estudar a heterogeneidade do discurso literário de “Os laços de família”, de Clarice Lispector, a partir de questões relativas à tradução do referido conto, “Lazos de Família” de Cristina Peri Rossi, para o espanhol. A análise, fundamentada nos Estudos Culturais, na Análise do Discurso de linha francesa e nos Estudos de Tradução que avaliará o grau de correspondência e de afastamento entre a forma literária do texto de partida e a do texto de chegada, levando-se em consideração as marcas lingüísticas de modalidade discursiva da estrutura narrativa. Propõe também a compreensão do discurso heterogêneo, dos interdiscursos, bem como as condições de produção, as situações sócio-históricas, e as imposições ideológicas que circundam o discurso de Clarice Lispector. Temos como hipótese de trabalho que o discurso clariciano é altamente polêmico e cria efeitos de sentido contraditórios que articulam vozes também antagônicas, numa prática identitária peculiar.

ANTOLOGIAS DE ENSAIOS SOBRE O BRASIL: DISCURSO E MEMÓRIA

Luciana Cristina Ferreira Dias (UNICAMP)

Partindo de um estudo a respeito da construção da identidade nacional em antologias de ensaios de múltiplos autores, nesta comunicação, discutirei à luz da Análise do discurso de linha francesa as representações de sentidos dominantes sobre o Brasil construídas em quatro coleções de ensaios de múltiplos autores: Nenhum Brasil existe (João Cezar Rocha), Intérpretes do Brasil (Silviano Santiago),

Morte e progresso: cultura brasileira como apagamento de rastros (Francisco Foot Hardman) e Formas e mediações do trágico moderno: uma leitura de Brasil (Ettore Finazzi-Agrò e Roberto Vecchi). Tais coleções selecionadas para o estudo dividem-se em dois grupos de trabalho antológico: (a) edições comemorativas (Nenhum Brasil existe e Intérpretes do Brasil) e edições temáticas (Morte e progresso: cultura brasileira como apagamento de rastros e Formas e mediações do trágico moderno: uma leitura do Brasil. Para tanto, considero os efeitos de memória que se relacionam tanto com a retomada de um já-dito quanto com os efeitos que tal retomada desencadeia - INDURSKY, 2003, p. 103). Sendo assim, em termos de trabalho com a memória, as antologias produzem um efeito de rememoração de uma História marcada pela contradição, num jogo entre representações de Brasil vazio ou completado pelo outro que compensaria esta falta ou ainda de Brasil familiar e estranho (claro enigma) ao mesmo tempo. Também um jogo tenso entre paráfrase e polissemia constitui a antologia enquanto espaço em que há possibilidades de ruptura em relação a dizeres sedimentados, neste caso, um deslocamento em relação às representações de Brasil cordial, pacífico e não- trágico. Neste sentido, considero que essas produções funcionam como observatórios de como a identidade nacional se constrói a partir da produção intelectual nacional, na medida em que a memória ganha corpo na linguagem (ORLANDI, 2001).

A PERSONAGEM ALINE E O DISCURSO SOBRE A MULHER

Érika de Moraes (UNICAMP)

Ao analisar discursos presentes em quadros humorísticos impressos de personagens femininas, percebe-se que *Aline*, criada por Adão Iturrusgarai, foge à regra. Ela não é uma personagem típica que simbolize um estereótipo-padrão sobre a mulher submissa e/ou atarefada e perdida entre os afazeres domésticos e o emprego formal. De certa forma, *Aline* representa as conquistas feministas de uma maneira exagerada. Nas tiras da personagem, a liberdade alcançada pela mulher é caricaturizada, por exemplo, pela presença de seus dois namorados. Os quadros de humor com essa personagem tratam de temas tabus, como sexo, masturbação, drogas, homossexualismo ou bissexualismo. O ethos da personagem é o de “garota moderninha”: ela usa roupa “descolada”, pinta o cabelo da cor rosa, entre outras características que assim permitem caracterizá-la. No entanto, *Aline* encena (ou presencia) algumas situações comuns, também vivenciadas pelas mulheres em geral, e, nessas histórias, ressurgem os discursos típicos sobre o sexo feminino. O reaparecimento desses discursos reforça o seu caráter de pré-construídos, de discursos que estão prontos num alhures, disponíveis para serem postos em circulação a qualquer momento. O objetivo deste trabalho é analisar a retomada desses estereótipos-padrão (ou mesmo a sua sátira, quando as tiras trazem o discurso contrário ao esperado) nas tiras da personagem *Aline*, investigando como elas trabalham o embate de discursos sobre a mulher.

APONTAMENTOS SOBRE O SUJEITO-CIDADÃO

Célia Benedita Braghini David (PG–UNIFRAN)

Marina Célia Mendonça (UNIFRAN/FACEF)

Esta pesquisa propõe refletir sobre o sentido de cidadania e como o sujeito – cidadão se constitui em discursos veiculados em nossa modernidade. Para tanto, pesquisamos o sentido de cidadania constante em documentos e dicionários e também em discursos veiculados em sites. Chegamos a sentidos estabilizados em dicionários, os quais se desestabilizam em enunciações que materializam conflitos sócio-ideológicos e os ressignificam. Sustenta a pesquisa a hipótese da importância do acontecimento nos processos de significação do discurso. Utilizamos as contribuições teóricas da AD francesa, especialmente os conceitos de acontecimento e dispersão do discurso e do sujeito, e dos estudos bakhtinianos do discurso sobre a alteridade constitutiva do sujeito e do discurso.

A PRODUÇÃO DA IDENTIDADE DO LINGÜISTA A PARTIR DO OLHAR DO OUTRO

Marina Célia Mendonça (UNIFRAN/UNI-FACEF)

Neste trabalho, analiso uma reportagem da revista *Língua Portuguesa*, da Editora Segmento, em que há um entrecruzamento entre o discurso científico sobre língua e o senso comum. A contribuição que pretendo fazer é refletir sobre a produção da identidade da disciplina lingüística e do lingüista na mídia através de debates em que se dão simulacros de seu discurso. A produção da identidade,

neste caso, se dá através da representação do sujeito, em instâncias de poder, a partir do olhar/interpretação do outro. Orientam minha análise tanto os estudos bakhtinianos do discurso quanto a discussão de Maingueneau sobre a produção de simulacros nos discursos em relação polêmica. Os resultados indiciam que se tornam esgarçados os limites entre os estudos normativos e os descritivos sobre a linguagem, o que aproxima o lingüista de outros sujeitos que são considerados especialistas em linguagem.

A PRODUÇÃO DISCURSIVA DA IDENTIDADE FEMININA NA PÓS-MODERNIDADE

Patrícia Duarte de Britto (UEM)

Esta comunicação centra-se sobre o processo de constituição identitária do sujeito feminino nas práticas discursivas em mídia contemporânea. Compreendendo as identidades como processo e efeito do discurso - pois é no interior das práticas discursivas e pelo emprego de estratégias específicas que elas emergem - voltamos nosso olhar para a revista impressa destinada ao público feminino e buscamos vislumbrar, na história do cotidiano, o modo como novos saberes sobre a mulher vêm sendo construídos, enquanto "verdades" necessárias para se firmar uma identidade. A partir de enunciados verbos-visuais produzidos por mulheres e sobre mulheres, debruçamo-nos ao estabelecimento de várias relações de saber e poder entre instituições, processos econômicos e sociais, formas de comportamento, sistemas de normas e técnicas que nos possibilitam compreender discursivamente quem é a nova mulher da pós-modernidade, quem ela diz ser e quem a mídia diz que ela é. O alicerce para nossas reflexões está no entrecruzamento entre linguagem, sociedade, história e memória. Para tanto, lançamos mão dos estudos da Análise de Discurso de linha francesa e, principalmente, das formulações de Michel Foucault sobre história, poder, saber, produção de subjetividades, subjetivações e objetivações. Também nos embasamos nos Estudos Culturais acerca da identidade e da diferença, a partir de deslocamentos oriundos dos pressupostos pós-modernos. O Método arqueológico, elaborado por Foucault, é o guia para a análise de um arquivo de enunciados e discursos dispersos, retirados de reportagens pertencentes à revista *Veja*, Edição Especial Mulher. Nessas reportagens, observamos a atualização de determinados temas que nos direcionam a organização de dois trajetos temáticos: a beleza da mulher e o consumo feminino. A partir desses trajetos, evidenciamos processos discursivos de constituição identitária; procedimentos que "fabricam" tanto imagens de identidade coletiva quanto identidades singulares em busca de um sentimento de pertencimento e de "unicidade".

A RELAÇÃO INSTITUCIONAL NA/D A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA MULHER NA PRODUÇÃO LITERÁRIA DE CORA CORALINA

Clécio Luis Gonçalves de Oliveira (UFU)

O estudo que ora apresentamos tem como tema a relação institucional na/da construção identitária da mulher na produção literária de Cora Coralina, e decorre de nosso interesse pela investigação das construções identitárias da mulher na obra *Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais*. Consideramos a identidade como algo não fixo e sócio-historicamente produzida nos os meios socioculturais que envolvem a sociedade e a história. Como afirma Hall (2000, p.11), *a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade (...) formada e modificada num diálogo contínuo com os mundos culturais exteriores e as identidades e as identidades que esses mundos oferecem*. Considerando os eventos históricos como acontecimentos que se constituem na linguagem, notamos que *o discurso apresenta-se relevante para se compreender as mudanças histórico-sociais que possibilitam a combinação de diferentes discursos em certas condições sociais específicas* (Fernandes, 2005, p.43). Nessa perspectiva, a análise da obra dessa autora mostra como as instituições reguladoras se relacionam na construção identitária do sujeito mulher, em sua posição social, o que explicitaremos pela análise da materialidade discursiva.

ARGUMENTAÇÃO E AUTORIA: A ESCRITA COMO INDÍCIO DE UMA POSIÇÃO DISCURSIVA

Soraya Maria Romano Pacífico (FFCLRP-USP)

Este trabalho dá seqüência à nossa pesquisa de doutorado, que investigou a produção textual de alunos do curso de Psicologia, de uma Universidade particular e, agora, pretende analisar a autoria na produção de texto argumentativo de alunos do curso de Pedagogia, de uma Universidade pública.

O objetivo da pesquisa é investigar se o discurso que circula socialmente e sustenta que os alunos das universidades públicas têm um melhor preparo que os alunos das universidades particulares, quanto à produção do texto escrito, pode, ou não ser constatado. Fundamentados nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso de 'linha' francesa, analisaremos as redações produzidas pelos sujeitos, procurando interpretar as marcas lingüísticas presentes nos textos, observando se os sujeitos ocupam a posição discursiva de autor, se eles controlam os pontos de fuga dos sentidos, se assumem a responsabilidade pelo seu dizer, se historicizam os sentidos ou se recorrem à paráfrase. Tal estudo é relevante se levarmos em conta que a escrita é marcada historicamente por um sentido já legitimado de autoria, de prestígio, portanto, de poder.

AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DOS DISCURSOS DE IDENTIDADE DOS JOVENS MILITANTES DO MST

Ana Maria de Fátima Leme Tarini (UNIOESTE)

Este trabalho apresenta uma análise sobre o processo de construção de identidades dos jovens Sem Terra, estudantes do curso Técnico em Agroecologia, ministrado num assentamento, localizado no município de São Miguel do Iguçu - Paraná. Busca-se na auto-identificação dos sujeitos estudantes - militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - compreender o dinamismo do processo de construção de identidades sob o viés sociológico e lingüístico, abarcando dois eixos teóricos: estudos de identidade e discurso, em que são entrelaçados os fios da teoria do discurso francesa aos dos estudos sócio-culturais da sociologia. Analisam-se, então, em algumas práticas discursivas - fornecidas por entrevistas orais individuais e coletivas; registros de observações de campo; coleta de redações escritas escolares e de informações nos cadernos de reflexão dos jovens estudantes - as condições de produção e os silenciamentos na composição de seus discursos de identidade. Ao se propor um olhar para os discursos de identidade dos jovens Sem Terra, busca-se coadunar sujeito, discurso e história, os quais constroem e dão sentido à história por meio de seus discursos. Nesta perspectiva, fundamentou-se, essencialmente, nos estudos de Hall (2005), Castells (1999), Berger e Luckmann (1994), Martins (1983; 2004), Orlandi (2005; 2006) e Foucault (2005; 2006) para investigar os discursos de identidade dos jovens em suas condições de produção.

AS MARCAS DE OUTRO REGISTRO DISCURSIVO NAS REDAÇÕES DO VESTIBULAR DE VERÃO 2006/2007 DA FECILCAM

Adriana Beloti (FECILCAM)

De acordo com Authier-Revuz (1990), há formas lingüísticas que "inscrevem o outro na seqüência do discurso", isto é, as formas de heterogeneidade mostrada. Considerando que cada sujeito mantém relação peculiar com a linguagem e, assim, é heterogêneo, na condição de ser histórico, social e ideologicamente constituído e é o lugar onde se unem ou de onde se espalham diversos discursos, concluímos que todo discurso é também heterogêneo, ou seja, há várias "vozes" que falam através da voz do locutor. A partir da perspectiva da Análise do Discurso de linha Francesa e de seu desdobramento no campo de estudos da heterogeneidade enunciativa, o objetivo deste trabalho é apresentar a análise das marcas de outro registro discursivo, no caso o adolescente, que interfere no discurso do locutor, tendo como objeto de estudo um conjunto de 25 redações, escolhidas aleatoriamente, de candidatos do Vestibular de Verão 2006/2007 ao Curso de Letras da Fecilcam.

AS VOZES LEGITIMADORAS DO DISCURSO SOBRE A HIPERATIVIDADE

Elisângela Nascimento Iamamoto (FFCLRP-USP)

A hiperatividade em criança em fase escolar tem sido um assunto muito discutido no âmbito dos consultórios e das escolas, locais em que se cruzam saberes, revestidos de autoridade, para falar a respeito de sintomas e desajustes, em geral atribuídos ao corpo. Neste trabalho, como analistas de discurso, procuramos nos debruçar sobre essa questão, vendo-a pelo viés da linguagem, ou seja, investigando como os sujeitos constituem-se em modos de dizer do que seria um distúrbio, em vozes de autoridade mediadoras de um saber sobre a questão. Com base em depoimentos colhidos em entrevistas com psicólogos, neurologistas, psicopedagogos, psiquiatras e pediatras, buscamos refletir sobre os atos de linguagem, torcendo-os pelo avesso, ou seja, mobilizando os conceitos de ideologia, sentido, condições de produção e discurso para esboçar, quiçá, um gesto de leitura diferente daquele

que está naturalizado sobre o assunto. Como analistas de discurso, não estamos questionando o diagnóstico, mas sim, a maneira como os profissionais da saúde usam a linguagem como se ela fosse transparente, apagando os outros sentidos possíveis para tratar-se a questão. Assim, podemos inferir que o discurso de autoridade, mediado pelo sujeito-profissional da saúde, faz falar uma posição de poder marcada por uma série de assertivas científicas tidas como irrefutáveis e comprovadas. Mais ainda, parece evidente que o dizer biologizante, que centra a sua atenção no aspecto neurofisiológico individual, ganhe relevância e explique tudo sobre as crianças descritas como hiperativas. Afinal, é assim que a ideologia funciona, indiciando uma certificação de respeitabilidade para o falar do médico ou profissional da saúde, criando um efeito de completude como se todas as explicações individuais estivessem plenamente satisfeitas e, dessa forma, não existisse urgência em se pensar mais nada.

BELÉM NOVA: O DISCURSO MIDIÁTICO E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE LITERÁRIA AMAZÔNICA

Ana Cleide Guimbal de Aquino (UFPA)

Na presente pesquisa, busca-se apresentar reflexões sobre a construção discursiva da identidade literária amazônica, a partir de um arquivo composto por folhetins da década de 1920, intitulado Belém Nova. Com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso de linha francesa, principalmente alguns pressupostos de Foucault (*A Arqueologia do saber*, 1981) e Maingueneau (*Discurso literário*, 2006), no que se refere aos conceitos de discursos, formação discursiva e mídiu e à relação existente entre o discurso, a História e a Memória, desenvolveu-se o estudo, com o objetivo de analisar e examinar alguns procedimentos discursivos representativos para a constituição da identidade literária amazônica. Sabe-se que a vida social é possível através da produção e da troca de informações, logo, o conteúdo midiático de Belém Nova, bem como as relações existentes entre os sujeitos produtores desse discurso, as condições de produção e o sentido que é produzido no processo de interlocução, a partir das relações estabelecidas entre os fatores acima elencados, é marcado também pelas questões de gênero e pelo interdiscurso, observando, principalmente, a relação Sujeito, História e Memória. De acordo com Maingueneau (*Discurso literário*, 2006), a maneira como um texto se institui materialmente é parte integrante de seu sentido, logo, a análise dos folhetins se faz pertinente para discutir o funcionamento discursivo do referido objeto midiático no resgate da memória e no estabelecimento da identidade literária regional do amazônica.

“DEIXEI DE SER DO MOVIMENTO NEGRO, PASSEI A SER UM PRETO EM MOVIMENTO”: ANÁLISE CRÍTICO-DISCURSIVA DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE EM UMA NARRATIVA DE RESISTÊNCIA À LUZ DA PROPOSTA DE NARRATIVIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS SOCIAIS.

Renata Gaspar Nascimento (PUC-Rio)

No Movimento Hip Hop, como nunca antes observado em fenômenos sociais anteriores, é na e pela palavra que artistas jovens, na maioria negros e moradores de favela, passam a se constituir como sujeitos do seu discurso, construindo novas formas de poder e contestação com base em suas próprias experiências e em atos de resistência. Diante disso, este trabalho tem como objetivo apresentar a análise crítico-discursiva de uma narrativa de resistência materializada em um recorte de uma entrevista concedida por um dos representantes do movimento Hip Hop no Brasil, o rapper MV Bill, adotando como base teórica a proposta de Edwick e Silbey (2003) acerca da narrativização das estruturas sociais em histórias de resistência às autoridades legais. Conforme Mishler (2002), consideramos a entrevista como um evento discursivo de co-construção de sentido que se dá na interação entre seus participantes. Ao adotarmos esta concepção de entrevista, tratamos o discurso do entrevistado como uma “narrativa de identidade” na qual ele atribui sentido as suas experiências e, conseqüentemente, constrói sua identidade. Assumindo uma visão socioconstrucionista, Shotter & Gergen (1989), Hall (1996) e Moita Lopes (2002), entendemos identidade a partir de uma perspectiva anti-essencialista, como algo em constante processo de construção, situada histórico-discursivamente, múltipla, fragmentada e constituída por traços identitários variáveis que muitas vezes coexistem em contradição. Completando o quadro teórico para este estudo, adotamos a Sociolinguística Interacional para nossas análises, filiando-nos à crença de que nada está definido a priori em relação ao uso da linguagem. Contexto, significado e, conseqüentemente, as

representações que fazemos de nós mesmos e dos outros se constroem na interação. A partir das posturas aqui assumidas, lançamos também um olhar mais atencioso sobre os atos cotidianos de resistência como geradores de transformações mais amplas, buscando explicitar a importante relação existente entre eles e as mobilizações coletivas.

DISCURSO E IDENTIDADE NA OBRA “DONA GUIDINHA DO POÇO”, DE OLIVEIRA PAIVA

Sandy Karelly Silva de Freitas (FECLESC-UECE)

Claudiana Nogueira de Alencar (FECLESC-UECE)

Este trabalho é resultado de um projeto de pesquisa mais amplo, intitulado “A construção discursiva da identidade do ‘homem do campo’ na literatura brasileira e suas implicações sociais”, que tem por objetivo discutir as relações entre linguagem e identidade na constituição de sentidos no discurso literário e suas repercussões na vida social. De forma específica, procurei investigar a obra “Dona Guidinha do Poço” de Manoel de Oliveira Paiva, utilizando como fundamentação teórico-metodológica a análise crítica do discurso, elaborada por Norman Fairclough (2001), para questionar de que modo o discurso literário apresentado no texto constrói identidade ou sentidos para o sertanejo brasileiro, em especial para o sertanejo nordestino. Percebi que as nomeações e designações escolhidas por Oliveira Paiva para o homem do campo, tais como **matuto** (“...estava cheia da algazarra daqueles matutos agigantados, alegres, gente ainda séria, mal encarados como novinhos e dóceis como ovelha.”), **retirante** (“Naturais, resignados, mansos, os retirantes” e “Retirante se tornou por isso palavra maldita, como se a miséria casual por que uma vez na vida passou um indivíduo lhe impregnasse o moral do repelente aspecto da mulambeira e da magreza faminta. [...] E daqui, ainda, quando se quer mesmo insultar a qualquer estranho”), **roceiro** (“A narradora, como o geral dos roceiros, falava sempre muito alto...”) entre outras, apontam diferenças e caracterizam uma representação lingüística, social ou identitária que reproduz o discurso da dominação, do estigma, do preconceito social ou lingüístico. Esse estudo está comprometido com uma concepção de linguagem como prática social, que nasceu dos estudos em Lingüística Crítica.

DISCURSO, HISTÓRIA E FORMAS DE CONSTITUIÇÃO DO ‘EU’ FEMININO EM ANTIGOS ANÚNCIOS DE MEDICAMENTOS

Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira (UNICENTRO- Faculdade Guairacá)

A pesquisa tem por objetivo refletir de que forma a publicidade constitui uma construção de gênero. Conforme a define Teresa De Lauretis, ela ocorre através de várias tecnologias (como a mídia) e discursos institucionais com o poder de controlar o campo de significado social e assim, promover, implantar representações de gênero (1995). A propaganda é um meio de manipulação da comunicação simbólica que tem o poder de controlar o que De Lauretis definiu acima como “campo de significado social”. O desenvolvimento dos papéis de gênero e a construção da identidade são socialmente construídos e aprendidos desde o nascimento, com base em relações sociais e culturais que se estabelecem a partir dos primeiros meses de vida, mas é a partir das relações sociais que se começa a perceber a diferença entre o feminino e o masculino. A noção de gênero é entendida aqui como relações estabelecidas a partir da percepção social das diferenças biológicas entre os sexos (Scott, 1995). Foucault (1999) afirma que aquele que lê (uma obra de arte, um livro, um filme, uma fotografia, uma história em quadrinhos) entra na cena e ao construí-la é construído, é subjetivado pelos discursos que no texto operam e, neste mesmo jogo, posicionado como sujeito. A leitura do texto vai constituindo uma leitura dos objetos, dos acontecimentos, das coisas descritas - no roteiro, no cenário, na história -, e está ancorada em noções tidas como verdadeiras num tempo, num contexto, numa cultura. A linguagem constrói “realidades”, sujeitos, posições a serem ocupadas, instituindo oposições binárias. Neste artigo busca-se perceber a construção e a divulgação de representações de gênero através de reclames publicados no Almanaque Reclames da Bayer 1911-1942.

DISCURSO MIDIÁTICO: PRÁTICAS DE SUBJETIVAÇÃO DA MULHER COMO SUJEITO DE RESISTÊNCIA

Viviane dos Santos Gomes (PG-UEM)

Na pós-modernidade, a mídia exerce poder de constituir valores e instituir verdades, saberes e representações sociais. Dessa forma, práticas discursivas midiáticas televisivas são dispositivos formadores de opinião pública que determinam quem está incluído ou excluído. Nessa perspectiva, elegeu-se como objeto de análise o seriado *Antônia* que retrata a saga de mulheres brasileiras, marginalizadas econômica e socialmente que buscam reconhecimento pelo talento musical. Nessa materialidade, à luz da teoria da Análise do Discurso da linha Francesa, pretende-se demonstrar como a mídia se apropria de discursos já cristalizados na memória coletiva como mecanismos para criar subjetividades que produzem, implementam, reiteram e até recriam identidades e representações da mulher da periferia. Essas novas representações referem-se, sobretudo, a esse sujeito pós-moderno que cultural e historicamente vem resistindo aos poderes e saberes do universo masculino, de inclusão e de exclusão socioeconômica e cultural. Para isso, buscaremos compreender o papel da história e da memória discursiva nesse processo, a relação saber/poder que se manifesta nessa formulação, especificidades da prática discursiva na dimensão imagética, sonora, verbal e seus efeitos de sentidos.

DISCURSOS SOBRE A LÍNGUA: BRASILEIRISMOS E CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

Vanise Gomes de Medeiros (UERJ)

A história do Brasil não se fez, conforme Orlandi (1990), sem a recolha de um léxico que aqui existia. No século XIX, e, sobretudo, no início do século XX, há uma intensa produção de dicionários e de vocabulários (Nunes, 2005) que vai trabalhando um léxico que corre em terras brasileiras e que o vai significando como brasileirismos, regionalismos, barbarismos, por exemplo. Várias são as denominações e vários os seus sentidos. Vou me ater à denominação brasileirismos para pensar os discursos sobre o léxico que aqui se faz presente. A ABL, na sua fundação, no século XIX, se propõe a organizar um vocabulário crítico de brasileirismos. Em 1910, brasileirismos começam a ser coletados. Tal projeto, do que seria um grande dicionário de brasileirismos, vai, entretanto, mudando ao longo dos anos. Ainda em 1910, em lugar de se ter um dicionário de brasileirismos, é proposto um dicionário etimológico e histórico da língua portuguesa. Institui-se uma comissão de lexicógrafos para tal finalidade, mas este não chega ao fim. Outras mudanças e propostas ocorrem. É somente em 1956, após decreto de JK, que um dicionário da Academia, com nome de Antenor Nascentes, é enviado para publicação. Desaparece o termo “brasileirismo”, mas não os debates sobre o que seriam brasileirismos. Intelectuais escrevem em periódicos e em jornais da época. Dizem da língua que aqui comparece, estabelecem-lhe limites e vão, assim, construindo um imaginário de língua que diz do brasileiro. Trabalham, pois, o identitário brasileiro pela língua. Nesta comunicação, proponho-me a refletir sobre os sentidos de brasileirismo em jornais e periódicos do período JK. Este trabalho faz parte de uma pesquisa que tem como proposta refletir como significa na imprensa do período em questão a língua em solo brasileiro e que se debruça sobre as relações entre língua e sujeito.

EFEITOS DO DESLOCAMENTO DO DISCURSO DE AÇÕES AFIRMATIVAS NA PUBLICIDADE: REPRESENTAÇÃO E IDENTIDADE

Elizabeth Labes (FECILCAM)

O discurso de ação afirmativa, que circula na sociedade brasileira contemporânea, vem sendo entendido como um conjunto de ações políticas de promoção de igualdade aos que sofrem, devido ao preconceito, desvantagem na disputa pelas oportunidades sociais. Nesta comunicação pretendemos mostrar o modo como a publicidade apropria, conforme conceito de Michel de Certeau, e desloca o discurso de ação afirmativa e, também, verificar se os efeitos produzidos mantêm, ou não, o discurso segregador da nossa sociedade. Para tal, tomaremos os pressupostos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa que permite explicitar o modo como um objeto simbólico produz sentidos, tornando visível como a história nele se inscreve.

EM NOME DE DEUS

Sandra Alves da Silva (SEED-PR)

O objetivo do trabalho foi, sob a luz da análise do discurso religioso, analisar dois textos do primeiro livro de Samuel, o último e maior dos juizes de Israel, o primeiro em 1Sm 8; 10, 17-27 e o segundo em 1Sm 9, 1 – 10, 16; 11, procurando compreender a forma como se manifesta a ideologia no discurso bíblico, especialmente em relação ao princípio da reversibilidade, isto é, a troca de estatuto jurídico entre os interlocutores. As duas versões tratam da rejeição ao antigo sistema tribal e da instauração da monarquia, a primeira mostrando-se hostil ao novo regime e a segunda, favorável.

ESCRITA DE SI, MEMÓRIA E ALTERIDADE: UMA ANÁLISE EM CONTRAPONTO

Carme Regina Schoms (UPF)

Evandra Grigoletto (UPF)

Partindo da noção de escrita como prática social, como *cicatriz*, que se articula entre o lingüístico, o histórico, o ideológico e o inconsciente, o presente trabalho propõe uma reflexão sobre o exercício da escrita de si. O *corpus* de análise é constituído de textos produzidos por sujeitos - adolescentes e idosos - com o objetivo de verificar como esses sujeitos se subjetivam nessa prática de escrita. Para verificar essa questão da subjetividade, mobilizamos, nas análises, também outros conceitos, como os de memória, alteridade e identidade. Assim, verificamos que, num constante movimento entre singularidade e alteridade, esses sujeitos se inscrevem na prática da escrita de si e se constituem autores. No entanto, há diferenças que marcam a escrita de si do sujeito-adolescente e do sujeito-idoso, pois a memória sócio-histórica que marca essa escrita, assim como a alteridade é outra. Portanto, a escrita constitui-se num espaço simbólico, lugar de interpretação, num trabalho de memória e de construção de identidades. Ao escrever sobre si, o sujeito escreve também sobre o outro, que o determina na sua construção identitária.

ESCRITA SOBRE O CORPO, O FALAR DE SI

Aracy Ernst Pereira (UCPel)

Quando o discurso como espaço privilegiado da construção de identidade dos sujeitos e campo sócio-histórico em que se articulam as transformações sociais, procura-se refletir, nesta proposta de trabalho, sobre as marcas da construção subjetiva de alunos em momentos em que falam de si sobre o tema do preconceito racial, com vistas a identificar mutações, deslocamentos ou permanência de determinados efeitos de sentidos. esse falar de si, neste caso, diz respeito a produções escritas de alunos do Ensino Médio, analisadas na perspectiva teórica que vê o sujeito interpelado pela ideologia a partir do simbólico. O objetivo, portanto, é refletir sobre a relação diferenciada estabelecida entre o sujeito e a escrita sobre o seu corpo, buscando responder questões como: que sentidos ocorrem quando o sujeito é instado a falar de si? Como se vê e se discursiviza, enquanto objeto de sua própria escrita? Através de que elementos intradiscursivos se revela e se posiciona frente à diferença?

ESTUDO SOBRE OS ENUNCIADOS DE PÁRA-CHOQUES DE CAMINHÃO

Maria Auxiliadora Gonçalves de Mesquita (UEMA)

A pesquisa em andamento correspondente a uma análise lingüística e discursiva dos enunciados de pára-choque de caminhão, os quais devem ser analisados levando em consideração as relações sociais que influenciam os padrões de seleção “do que é dito, quando é dito e como é dito”. Os enunciados registrados em pára-choques de caminhões veiculam mensagens constituídas de fatores internos e externos à língua para a produção de sentidos. As sentenças lingüísticas criadas pelos caminhoneiros são exemplos bem nítidos da simbologia lingüística, que expressam a relação que os caminhoneiros estabelecem com o mundo no qual estão inseridos. Essas expressões são as mais diversas, as quais denotam os seus pontos de vista, suas crenças, anseios e medos, expectativas de vida, protestos e insatisfações ante o sistema sócio-político. Os enunciados de pára-choque de caminhão são produtos das combinações de regras feitas pelos caminhoneiros a fim de comunicar suas mensagens à sociedade. O suporte que eles empregam são os pára-choques dos seus caminhões, nos quais circulam suas concepções acerca do mundo, da vida, do homem e suas relações sociopolíticas. Existe nessa forma de conceber a realidade lingüística, a interação entre

sujeitos que se comunicam das mais diversas formas, levando em consideração a situação comunicativa, o contexto sócio-histórico e ideológico, os quais influirão diretamente na produção de efeitos de sentido no processo enunciativo. O repertório do enunciatário está fundamentado nos vários discursos que o constroem e, em grande parte, do discurso do senso comum que deve ser considerado na análise dos dizeres dos caminhoneiros. Daí a necessidade de estabelecimento do escopo que permite as várias interpretações, uma tentativa de conhecimento dos mecanismos que causam a construção dos sentidos. Para atingirem-se os objetivos propostos neste estudo, buscar-se-á explorar o tema através da pesquisa bibliográfica para fundamentação teórica dos estudos a serem realizados. Far-se-á uso de pesquisas de campo visando compreender a intencionalidade do uso dos enunciados nos pára-choques de caminhão.

ETHOS DISCURSIVO EM “LAVANDERIA YOSHITO”, UM DOS PERSONAGENS BOM BRIL

Juliana Aparecida Pedretti Furlan (PG-UNIFRAN)

Marina Célia Mendonça (orientadora-UNIFRAN/Uni-FACEF)

Neste estudo, analisamos um comercial da empresa Bombril que foi veiculado na década de 80, intitulado “Lavanderia Yoshito”. Nosso objetivo é verificar como se produz sentido no vídeo em questão, considerando principalmente o conceito de *ethos* discursivo tal como propõe Dominique Maingueneau. Uma análise preliminar da campanha publicitária dessa empresa revela que o Garoto Bom Bril, representado pelo ator Carlos Moreno, tem características marcantes que se mantêm ao longo dos vinte e sete anos da campanha. Consideramos que o *ethos* discursivo recorrente, manifestado em discursos produzidos pelo Garoto Bom Bril, é uma das manifestações da subjetividade que caracteriza as peças produzidas para a empresa, produzindo-lhes uma identidade.

ETHOS E IDENTIDADE NA LETRA DE MÚSICA DE RAIZ.

Cristiane da Silva Ferreira (PUC-SP)

O objetivo da comunicação é mostrar como o *ethos* revela a personalidade do enunciador por meio da enunciação no discurso da letra de música de raiz. Para realizar a análise utilizamos a concepção de *ethos* proposta por Dominique Maingueneau (2005). Tomamos como objeto de análise a letra da música Terra Roxa composta por Teddy Vieira no ano de 1958. Nosso interesse pela letra de música de raiz, escrita no Brasil, no século XX, deve-se à relação que ela tem com a história nacional e com a literatura oral-popular, revelando aspectos identitários e culturais do homem brasileiro.

INTERDISCURSO E IDENTIDADE

Oriana de Nadai Fulaneti (USP)

O conceito de interdiscurso tem sido estudado e aprimorado por diferentes correntes teóricas, entre as quais destaca-se a análise do discurso de linha francesa. Em sua obra *Gênese dos discursos*, Dominique Maingueneau desenvolve a noção do primado do interdiscurso, ou seja, a idéia de que os discursos constituem-se de modo heterogêneo. Partindo do princípio da heterogeneidade constitutiva, pretendemos, nesta comunicação, mostrar as principais relações interdiscursivas que estão na base da constituição do discurso guerrilheiro e investigar como, ao estabelecer relação com os demais discursos, este vai constituindo sua identidade e seu *ethos*. Denominamos guerrilheiros os militantes que, diante da realidade brasileira após o golpe militar e a instituição da ditadura, e influenciados pelo contexto internacional - Revolução Cubana de 1959, Guerra Revolucionária Chinesa, luta de libertação nacional do Vietnã, entre outras - optam pela luta armada, desenvolvida em nosso país sob a forma de guerrilha entre 1968 e 1973. Essa forma de luta ganha fôlego em 1968 devido às manifestações libertárias espalhadas pelo mundo, como o famoso maio francês, e sobretudo ao decreto do Ato Institucional número 5, que impede toda e qualquer atuação do movimento social. Vários grupos armados foram constituídos. De diferentes origens, apresentavam algumas divergências, mas pode-se afirmar que todos visavam à implantação do socialismo, eram contra o sistema capitalista, a intervenção do capital internacional em nosso país (imperialismo), o autoritarismo e a ditadura, além de terem optado pelo mesmo modo de resistência (luta armada). As organizações guerrilheiras produziam textos diversos para divulgar seus ideais e suas estratégias de luta. Na presente comunicação, serão analisados os primeiros documentos internos dos grupos, ou seja, textos dirigidos principalmente aos militantes.

LÍNGUA E IDENTIDADE NA FOLHA DE S. PAULO

Ana Carolina Vilela-Ardenghi (UFMS)

As discussões sobre a língua na Folha de S. Paulo encontram-se inseridas em um contexto de debates em torno de uma identidade nacional. Em outras palavras, pode-se dizer que a legitimação de uma identidade nacional pressupõe a questão lingüística. Nesse sentido, o trabalho que ora propomos tem por objetivo apresentar as análises das matérias publicadas no referido jornal entre os anos de 2001 e 2005 – que, naturalmente, abordam a língua portuguesa –, buscando evidenciar a construção discursiva desta relação. Para tanto, partiremos dos conceitos de interdiscurso e interincompreensão, tal como propostos por Maingueneau (2005), o que, conseqüentemente, coloca este trabalho no interior do quadro teórico da Análise de Discurso de linha francesa.

MÍDIAS, DISCURSO POLÍTICO E IDENTIDADE

Maria Sílvia Olivi Louzada (UNIFRAN)

Na perspectiva da Análise do Discurso, tomando como principais referenciais teóricos os textos de Michel Pêcheux e, mais recentemente, os de Dominique Maingueneau, Jean-Jacques Courtine e Patrick Charaudeau, pretende-se ensejar uma reflexão sobre as complexas relações entre discurso político e mídias contemporâneas em que diferentes posições enunciativas e ideológicas constroem identidades. Busca-se também analisar o modo de representação das relações de forças entre uma “instância política”, que assume a ação política propriamente dita, e uma “instância cidadã”, responsável pela escolha dos representantes do poder e da qual participam também as mídias. Nesse processo, entende-se que a enunciação midiológica constrói o quadro do seu dizer encenando seu próprio processo de comunicação: uma cenografia que legitima o enunciador e o co-enunciador, um uso de linguagem, um lugar e momento da enunciação. Neste trabalho, enseja-se uma reflexão sobre os modos de construção da identidade do político brasileiro Fernando Gabeira no *blog* que mantém na Internet confrontando-o com o perfil divulgado na mídia impressa, tendo-se em vista as eleições de 2006. A análise aponta para a existência de um “jogo de máscaras” e uma luta discursiva entre essas instâncias enunciativas, reveladoras de que as fronteiras entre o espaço público e o privado, os espaços de decisão e de discussão e de opinião política parecem ser cada vez mais tênues e fluidos.

NA ESFERA JORNALÍSTICA: FORMAÇÃO DISCURSIVA, IDENTIDADE E SUBJETIVIDADE DO SUJEITO JORNALISTA

Fernando Pinheiro (UEL)

O presente trabalho está pautado nos estudos de Análise do Discurso da linha Francesa com pequena ênfase nos estudos de Gêneros de Bakhtin. Para tanto, propomos uma análise do discurso da esfera jornalística, enfocando sua formação discursiva e, para isso, levantamos hipóteses de formações discursivas que dialogam, promovem e transferem sentidos para a formação discursiva do jornalista, que implica diretamente na constituição da identidade desse sujeito. Por fim, propomos analisar em alguns exemplares de notícias da Folha de São Paulo, a subjetividade do sujeito jornalista, onde este deixa de ser indivíduo e se constitui sujeito jornalista.

NAVEGANDO POR PRÁTICAS VIRTUAIS ACERCA DO PROFESSOR CONTEMPORÂNEO NA CIBERMÍDIAMaurício de Azevedo Valentini (UNIFRAN)
Maria Regina Momesso (orientadora - UNIFRAN-SP)

Num mundo caracterizado por Bauman (2007) como líquido-moderno, as exigências se intensificam em função da velocidade dos acontecimentos e o homem passa a correr contra o tempo para pertencer a esse mundo, mas para isso precisa encontrar-se. Assim, vive-se no que muitos estudiosos chamam da era da crise da identidade. Diante do exposto e das diversas notícias sobre a educação no Brasil, nas mais variadas mídias, é preciso entender como o sujeito-professor é constituído e se constitui na contemporaneidade. Em matéria jornalística apresentada pela revista digital Nova Escola intitulada “A Educação, vista pelos olhos do professor” há a apresentação do perfil

do professor contemporâneo no Brasil a partir dos resultados de uma pesquisa aplicada em 500 professores de redes: municipal, estadual e federal. Quando o internauta acessa a revista, além de ler tal matéria, pode inserir seus comentários sobre o que leu. Logo este trabalho tem por objetivo analisar as práticas virtuais – discursivas e identitárias – acerca do professor contemporâneo nos *e-textos* dos comentários da referida reportagem, e quais seus efeitos de sentido no jogo discursivo entre os discursos da matéria jornalística *online* e os discursos dos *escreitores*. O referencial teórico de apoio é análise de discurso francesa – Michel Pêcheux – e as idéias foucaultianas acerca da ordem do discurso e das técnicas de si. Nas questões acerca da modernidade líquida fundamenta-se em Bauman (2007) e autores que possam contribuir para análise.

NOS EMBALOS DA RESISTÊNCIA: ANOS 80, POP-ROCK E IDENTIDADE

Flávia Zanutto (FECILCAM/PG-UNESP/CAr)

Esta comunicação tem por objetivo apresentar resultados parciais da pesquisa de doutorado que estamos realizando no Programa de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa da UNESP de Araraquara. Nossa proposta é a de compreender, com base em princípios teórico-metodológicos instituídos pela Análise do Discurso de origem francesa, a relação entre enunciado, interdiscurso (memória discursiva) e dispositivos discursivos de produção da identidade nacional a partir de enunciados veiculados via materialidade musical. Optamos pelo pop-rock dos anos 1980, pois essa produção artístico-cultural mostra-se como micro-esfera de resistência a micro-poderes (Foucault), na medida em que, num período de transição ditadura/abertura/diretas-já, portou-se como uma voz que denunciava desigualdades sociais, violência, uso abusivo do poder, educação básica insuficiente, dentre outros aspectos. Por essa razão, nossa tese respalda-se na relação entre identidade e memória (Hall e Sousa Santos) para discutir o modo como são produzidas representações sobre a nossa sociedade, bem como analisar a representação discursiva de aspectos sociais, políticos e culturais que incidem sobre o rosto da sociedade brasileira no contexto histórico acima mencionado.

OBJETIVIDADE JORNALÍSTICA X SUBJETIVIDADES E IDEOLOGIAS DO PROFISSIONAL – DIZERES DE JORNALISTAS SOBRE A PROFISSÃO

Ariane Carla Pereira Fernandes (UEM)

Imparcialidade. Isenção. Neutralidade. Objetividade. Palavras que se repetem quando o que está em pauta é o texto jornalístico. Conceitos que orientam os jornalistas durante a produção, a apuração e a redação das matérias. Princípios considerados difíceis de serem seguidos e cumpridos durante o exercício da profissão. Afinal, todo sujeito-jornalista é interpelado por ideologias, o que faz de seu trabalho parcial e subjetivo. Um exemplo simples, porém ilustrativo, é a ordem em que os fatos são elencados na exposição de uma informação - uma escolha subjetiva. Apesar disso, esses "mitos" continuam a fazer parte da profissão porque são condição de produção do discurso jornalístico. E é isso o que se pretende evidenciar através do discurso dos próprios jornalistas sobre a profissão. Para cumprir tal objetivo foram aplicados questionários escritos com perguntas abertas para trinta jornalistas, todos eles funcionários de emissoras da RPC – Rede Paranaense de Comunicação. E são as respostas obtidas que compõem o *corpus* de análise. A partir desses discursos foram provocados batimentos com alguns princípios teóricos da Análise do Discurso, como as condições de produção – ou seja, as circunstâncias da enunciação que compreendem o contexto imediato e o contexto sócio-histórico-ideológico – e as formações imaginárias – mecanismos de funcionamento discursivo que não dizem respeito a sujeitos físicos ou lugares empíricos, e sim as imagens resultantes de suas projeções. A análise apontou que a imparcialidade, a isenção, a neutralidade e a objetividade são formações imaginárias constitutivas do discurso jornalístico. Sem elas (formações imaginárias) e sem eles (conceitos), a prática da profissão seria vazia de credibilidade. Ou seja, são pressupostos pactuados.

O DISCURSO DO CONSUMO CONSTRUINDO O SUJEITO DA “BRAHMA Z”

Débora de Figueiredo (PG- UNIFRAN-SP)

Maria Regina Momesso (UNIFRAN-SP)

Vivemos na sociedade do consumo, que pode ser representada pela: sociedade da informação, do conhecimento, do espetáculo, do capitalismo. Nessa sociedade de consumo há um sentimento de insaciabilidade, que faz com que as pessoas tenham uma propensão natural para consumir.

Independente de que grupo social pertencemos, todos somos consumidores, portanto estilo de vida e identidade são opcionais e podem ser compostos e decompostos de acordo com o estado de espírito. Na cultura do consumo, o estilo de vida sinaliza para a individualidade; a roupa, o corpo, o discurso, o lazer, a comida, a bebida, o carro, a casa, entre outros são vistos como propriedade de um sujeito específico. Na perspectiva marxista, a sociedade do consumo é dominada pelo lucro, que cria falsas necessidades através da manipulação dos consumidores. A cultura do consumo representa a importância crescente da cultura do poder. Será o consumo uma arena de liberdade e escolha ou de manipulação e indução? Para Baudrillard a atividade de consumo implica na ativa manipulação de signos, fundamental na sociedade capitalista, na qual mercadoria e signo se juntam para formar o commodity sign. Essa predominância do signo como mercadoria que leva os neomarxistas a enfatizarem o papel crucial da cultura na reprodução do capitalismo contemporâneo. Analisando os discursos que emergem no site da Brahma Z, identificamos um sujeito construído a partir da interação, que é uma estratégia de marketing apresentada no site. Segundo Foucault, o sujeito é construído através das práticas discursivas, sociais e ideológicas, portanto dividido entre o consciente e o inconsciente. Todo discurso e interdiscurso existente no site, diz que esse sujeito antenado deve tomar cerveja todos os dias da semana, usando-se um calendário pelo qual diariamente lê-se uma mensagem que é um motivo para beber a cerveja. Ou seja, o sujeito se sente condicionado a participar desse mundo fantasioso e interativo, onde todos participam e bebem todos os dias, e isto já se tornou um hábito da sociedade contemporânea. Percebe-se pelos interdiscursos que antes, a cerveja era consumida nos finais de semana, nos momentos de lazer, e hoje, há o apelo para o consumo diário, como por exemplo, nos happy-hours. De acordo com Pêcheux/Foucault, a identidade do sujeito presente no discurso publicitário da Brahma Z é a mesma que no sujeito observado por esses autores como Baudrillard e Bauman.

O DISCURSO POLÍTICO MIDIATIZADO: A CONSTRUÇÃO DE UM HERÓI NA CAPA DE VEJA

Lucilene Favareto Torquato Feba (UNIFRAN)

O presente trabalho reflete sobre as relações entre o discurso midiático e o discurso político elegendo como corpus uma capa da revista Veja que trata dos desdobramentos do episódio conhecido em 2005 como “mensalão”, acontecimento político referente às denúncias de corrupção no governo federal. Tal acontecimento está representado na capa de VEJA numa cena enunciativa (MAINGUENEAU, 2000) que institui como protagonista o Ministro do STJ, Joaquim Barbosa, “brasileiro que fala alemão, o mineiro que dança forró, o juiz que adora história e ternos de Los Angeles e Paris”. A produção de sentido transita entre as formações imaginárias dos co-enunciadores e a espetacularização produzida pela mídia. Institui-se um discurso por meio de uma cenografia, um discurso sincrético, em que a imagem associa-se ao enunciado para forjar o herói, o justiceiro. Busca-se investigar nesse jogo cenográfico, como se configura um *ethos* de juiz e o processo de constituição dessa identidade. Para conseguir tal intento, elegeu-se como suporte teórico textos de autores vinculados à AD francesa, tais como Dominique Maingueneau, e aqueles que tratam da “máquina midiática” (CHARAUDEAU, 2006) como parte integrante de um complexo processo de enunciação. Frequentemente, a mídia interpõe-se entre o enunciator e o co-enunciador como forma de revelar o que ela, entendida como parte de uma instância enunciativa cidadã pensa e pode dizer sobre os acontecimentos políticos. Nessa perspectiva, pode-se entender este espaço midiático como “palco”, “arena”, “fórum” de disputa política e de negociação de espetacularização da informação.

O DISCURSO RELIGIOSO COMO INSTRUMENTO DE PODER E DOMINAÇÃO NA LITERATURA PÓS-COLONIAL: UM ESTUDO DIALÉTICO ENTRE A VERDADE E A SUBJETIVIDADE EM “O MUNDO SE DESPEDAÇA” DE CHINUA ACHEBE

André Jorge Catalan Casagrande (UEM)

A presente pesquisa versa sobre a obra “O mundo se despedaça” do escritor nigeriano Chinua Achebe que é um clássico da literatura pós-colonial. Neste romance, nos deparamos com o conflito proveniente da imposição cultural do colonizador ao colonizado. Assim, o autor procura resgatar a identidade do povo colonizado, uma vez, que o colonizador com seu discurso sempre tido como verdadeiro, universal e absoluto, impõe sua cultura e, principalmente, sua religião aos nativos. Achebe, busca recuperar a voz do povo colonizado, valendo-se para tanto, das crenças nos espíritos dos antepassados e nos deuses do cotidiano para afirmar a identidade do povo nigeriano. É

importante notarmos que Achebe utiliza a questão religiosa para garantir a identidade de um povo, pois, a religião, quando entendida como aspecto cultural e, sendo portanto, central na cultura, fornece identidade, unidade e personalidade a uma sociedade. A visão do colonizador, apresentada pelo autor, é a de que a religião do nativo é imprópria, suas crenças erradas, ultrapassadas, primitivas. Surge, então, a questão: O discurso religioso do colonizador é verdadeiro e o do colonizado falso? Na concepção foucaultiana, “a questão da veracidade ou falsidade de um discurso não é importante”, uma vez que, o que o designará como verdadeiro será o poder, ainda que tal discurso, seja falso. Para Foucault “a verdade não existe fora do poder ou sem poder”. Verdade e poder caminham juntos e, desta forma, a religião do mais forte se impõe sobre a do mais fraco. Chegamos então a conclusão de que não existe discurso que seja falso: o que existem são discursos mais poderosos e menos poderosos. E, o discurso religioso, sem fugir a esta afirmação, torna-se, instrumento de poder e de dominação de um povo sobre outro.

O ETHOS E A IDENTIDADE DE LULA: A TRAJETÓRIA DISCURSIVA DE UM CANDIDATO À PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Eliana Alves Greco (UEM)

Nas eleições presidenciais de 2002, Luiz Inácio Lula da Silva, após três campanhas presidenciais fracassadas, conquista o cargo de representante máximo da nação brasileira. No entanto, a imagem construída de Lula, em sua primeira campanha presidencial, em 1989, era somente a de representante dos trabalhadores e dos excluídos. A mudança da imagem de Lula é um fato inquestionável e visível. O problema que nos aparece é verificar se essa mudança também é perceptível por meio de seu discurso. Nesse sentido, esta comunicação tem por objetivo analisar o lugar político e ideológico em que o candidato enuncia, por meio do levantamento das marcas de enunciador e co-enunciador presentes em cada discurso. A análise possibilita verificar os deslocamentos de sua posição enunciativa, bem como o *ethos* que emerge na materialidade lingüística do discurso. Para alcançar esse objetivo, escolhemos os discursos de Lula nos debates políticos televisivos realizados entre os candidatos à Presidência da República nas eleições de 1989, 1994 e 2002. A pesquisa, situada no âmbito da Análise do Discurso, em especial na vertente atualmente representada por Maingueneau, tem como categorias de análise as marcas dêiticas de pessoa, o modo de enunciação e o léxico, que fazem parte de uma lista de planos discursivos constitutivos da semântica global proposta pelo autor. A pesquisa revela que o *ethos* de Lula sofre deslocamentos em sua trajetória política, bem como mostra as mudanças que suas posições de sujeito sofreram no decorrer de sua campanha política.

O ETHOS NO DISCURSO LITERÁRIO: CONSIDERAÇÕES EM TORNO DO ROMANCE THE PICTURE OF DORIAN GRAY DE OSCAR WILDE

Kelen Cristina Rodrigues (UFU)

O objetivo desta comunicação é apresentar algumas considerações sobre o *ethos* no romance *The picture of Dorian Gray* de Oscar Wilde, verificando em que medida certo *tom*, *caráter* e *corporalidade*, que emergem do romance, contribuem para a constituição da *polêmica* entre o posicionamento do autor – inscrito no movimento artístico-literário do esteticismo que, de acordo com Terry Eagleton (1993) atribui um significado novo aos prazeres e impulsos do corpo – e os demais movimentos do campo, hegemônicos na sociedade inglesa do final do século XIX. Trata-se de analisar de que forma os preceitos de um movimento artístico, conhecido como esteticismo ou esteticismo, reivindica, a partir da *prática discursiva romanesca*, o rótulo de vanguardista e portador da verdadeira arte, ao mesmo tempo em que atribui ao discurso adversário (no caso, o romantismo e o realismo) a imagem de um portador de uma arte imperfeita. Em nossa abordagem, analisaremos, especificamente, alguns dos dizeres do personagem Lord Henry que instauram, a nosso ver, cenas de enunciação em que se pode perceber, de maneira privilegiada, a manifestação da *polêmica*.

“OFENDIDAS” X “AGRESSORES”: A CONSTITUIÇÃO DOS SUJEITOS NO DISCURSO JURÍDICO

Ana Paula Perón (UNICENTRO)

A proposta deste trabalho é observar como os sujeitos envolvidos em situações de violência doméstica e familiar contra a mulher são discursivamente representados na Lei Maria da Penha (Lei

11.340/2006), em vigor há pouco mais de um ano no Brasil. Sob a perspectiva da Análise de Discurso de linha francesa, podemos dizer que, quando as possibilidades de situações concretas de violência são transformadas em fatos de linguagem e em objeto de uma lei, toda uma memória discursiva sobre tal modalidade de violência é acionada. Desse modo, inseridas nas redes de memória, as formulações utilizadas para significar/representar os sujeitos ali envolvidos constroem significações diferenciadas para a mulher e para o outro que a expõe a situações violentas.

O LUGAR DO POLÍTICO EM UMA FÁBULA

Fernanda Aleixo Chuffi (CUBM)
Lucília Maria Sousa Romão (FFCLRP-USP)

Apoiado no referencial teórico da Análise do Discurso de matriz francesa, especialmente nos conceitos de interdiscurso, condição de produção e formação discursiva, esse trabalho objetiva discutir o conflito de vozes na fábula em que a formiga e a cigarra fazem falar lugares estabilizados de sentidos a serem mantidos ou subvertidos. Buscamos, ainda, compreender como os sentidos da fábula, repetidos no discurso literário, são atualizados em relação ao discurso político. Para tal, iremos interpretar um corpus lingüístico composto por três versões da fábula "A cigarra e a formiga", a saber, a de Esopo, La Fontaine e Monteiro Lobato e também por recortes do livro "Sobre formigas e cigarras" de Antônio Palloci. Analisando as marcas lingüísticas flagrantes da historicidade e do sujeito, interpretando os modos de constituição dos sentidos e observando a inscrição sócio-histórica dos atos de linguagem.

OS DISCURSOS DOS SUJEITOS DA AUTOGESTÃO

Darlene Arlete Webler (UFRGS)

A presente pesquisa investiga as práticas discursivas de operários inseridos em empreendimentos de produção industrial na modalidade da autogestão, oriundos de empresas capitalistas falimentares (massas falidas), na região metropolitana de Porto Alegre e Vale dos Sinos, no RS. O estudo passa pela observação, no plano discursivo dos sujeitos envolvidos, de manifestações da cultura e consciência de cooperação – o que justifica a opção pela autogestão operária –, inseridas em um movimento de práticas sociais e políticas confluentes, contraditórias e até antagonicas. A opção teórica está alicerçada na perspectiva da Análise do Discurso, de linha francesa, caracterizando-se pelo enfoque nos processos de produção de sentido e de suas determinações histórico-sociais. A materialidade discursiva utilizada para fins de análise toma o discurso de operários, assessores, e simpatizantes obtidos através de entrevistas e de materiais de formação e informação. Esta pesquisa, ao analisar o discurso de operários inseridos em empreendimentos industriais autogestionários do RS, desnuda um fascinante novo jeito de organizar-se numa dinâmica adversa à das empresas tradicionais capitalistas. Trata-se de empresas que faliram e foram assumidas pelos trabalhadores. Como estes vivenciaram processos produtivos e relações capitalistas de produção, conhecem bem as formas de exploração capitalista e passam a ter, no cooperativismo autogestionário, uma dinâmica de estabelecimento democrático e transparente no gerenciamento de tarefas e decisões, bem como de critérios de distribuição dos resultados econômicos. Portanto, a autogestão não remete apenas a espaços democráticos de decisão, mas à apropriação do próprio processo e estratégias produtivas e de comercialização por parte dos trabalhadores.

O SUJEITO NO DISCURSO JORNALÍSTICO: DE COMO O CORTADOR DE CANA É FALADO NA MÍDIA

Lucília Maria Sousa Romão (FFCLRP-USP)

No relato jornalístico, há o funcionamento discursivo de um sujeito capturado pela evidência da objetividade, que enuncia o papel de ditar certezas, totalidades, exatidão e neutralidade; assim, inscrevem-se efeitos de estabilidade para o que se mostra caótico, contraditório e conflituoso na realidade, cristalizando apenas um modo de dizer. Assim, o discurso jornalístico assenta uma suposta ordem, organização, certificação sobre ela, fazendo circular relatos e histórias que, muitas vezes, são tão bem inventados, que até parecem verdade. Queremos, com este trabalho, refletir, à luz da Análise do Discurso de filiação francesa, sobre o modo como o cortador de cana é falado em textualizações jornalísticas, flagrando os movimentos de sentido e as pegadas do sujeito interpelado pela ideologia.

PRÁCIA: IDENTIDADE E MEMÓRIA

Avanilde Polak (UNICENTRO)

Andréia Rutiquewiski Gomes (UNICENTRO)

Esta pesquisa analisa as notas de falecimento publicadas no jornal *Prácia*, com circulação em Prudentópolis - Paraná, região com grande presença de imigrantes ucranianos. Observa como o sujeito se constitui nessas notas a partir de sua inserção nos costumes e tradições da cultura ucraniana. A produção das notas de falecimento do *Prácia*, semelhantes a uma biografia, são de responsabilidade da família do falecido e não sofrem nenhuma alteração por parte do jornal. Esse obituário ressalta qualidades e aspectos característicos da cultura ucraniana, como o extremo religioso, o comportamento social exemplar, além de certos fatores que podem ser identificados como determinantes da conduta referente a gêneros. A análise das notas divulgadas no *Prácia* sugere que a personalidade do sujeito (do falecido) é composta por aspectos subjetivos da vivência com seus familiares que, de certa forma, foram responsáveis pela sua inserção e adequação aos padrões da cultura ucraniana (assujeitamento). Este trabalho analisou os dados contidos nos exemplares do ano de 2006. Aliado a isso foi realizado um estudo bibliográfico referente à cultura ucraniana em Prudentópolis, bem como entrevistas com responsáveis pela difusão da cultura local. A discussão teve como referenciais a abordagem cultural ucraniana, a concepção da construção da memória social/individual e a formação do discurso com relação à biografia do sujeito. Autores como Orlandi (2005) e Foucault (1996) constituíram a principal base teórica.

PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO HOMOSSEXUALIDADE: A CONSTITUIÇÃO DE FORMAS-SUJEITO EM COLUNAS DE JOÃO SILVÉRIO TREVISAN

Felipe Dezerto (UERJ)

O trabalho que se pretende apresentar tem como objetivo analisar questões que envolvem subjetividade e processos identificatórios no discurso homossexual, funcionando num espaço de circulação midiática, mais especificamente na revista *G Magazine*. Procura-se observar, discursivamente, a maneira como se materializam e se atualizam nos textos da coluna *Olho no olho* sentidos que constituem uma forma-sujeito homossexual (ou formas-sujeito). Procura-se também observar como o interdiscurso, na base do dizível, opera na sustentação semântica que constitui essas formas-sujeito para os processos de subjetivação do homossexual. A coluna *Olho no olho*, assinada mensalmente pelo escritor João Silvério Trevisan, um ativista homossexual engajado num trabalho de militância em torno da questão, serve aqui, então, como material a partir do qual se volta para o que chamamos de discurso homossexual, na tentativa de perceber como a sustentação interdiscursiva possibilita, por meio da repetição e da atualização semânticas, o aparecimento de formas-sujeito que trabalham no processo de interpelação da homossexualidade. Na realização deste trabalho, tomo a análise do discurso francesa como lugar teórico que ocupo para, a partir dele, refletir sobre as questões supracitadas. Tomando o conceito de língua como cadeia material sobre a qual se opera a inscrição discursiva, parto de marcas lingüísticas como as denominações e as posições discursivas nas quais essas formas de referir são sustentadas para observar os efeitos de sentido produzidos nesses movimentos de referencialização que instaura um lugar para o homossexual brasileiro.

QUANDO A ATIVIDADE DISCURSIVA POLARIZA O GÊNERO FEMININO E A POLÍTICA

Fernanda Fernandes Pimenta de Almeida Lima (UEG/PG-UNESP-CAR)

Este trabalho resulta da elaboração de um projeto a ser desenvolvido no Doutorado em Lingüística da Universidade Estadual Paulista (UNESP-CAR). Com vistas às contribuições dos estudos de Michel Foucault e da Análise do Discurso francesa, objetivamos analisar reportagens sobre o discurso político feminino, veiculadas na mídia impressa, que apresentem, segundo as relações desiguais entre os gêneros, como o poder opera na produção da identidade feminina. Essas reportagens, presumidamente, identificam a mulher como um efeito de construções sociais e culturais modeladas por diferentes práticas discursivas. Interpretar esse discurso é compreender, também, que o lugar da enunciação, visto sob o efeito da representação do feminino, atravessa fronteiras e redefine a experiência histórica da mulher na política.

RAÇA, IDENTIDADE E IDEOLOGIAS

Gileade Godoi (UNICAMP/CEFET-RJ)

O discurso científico vem sendo utilizado pela sociedade ao longo dos anos para os mais variados propósitos. Assim foi com o conceito de raça, que através do que postulava a ciência no século XIX foi apropriado pela sociedade para justificar atos de racismo. Atualmente pesquisas genéticas questionam o antigo conceito de raça na espécie humana e polarizam as discussões entre ativistas do movimento negro, que não aceitam que se extinga esse conceito, e setores da sociedade que defendem tais descobertas. Por que tal discussão se instalou tão acirradamente na sociedade brasileira? Que ideologias a defesa ou a negação de raça revela? O que está em discussão, de fato, - e que nos importa analisar - não é a validade ou não desse discurso científico, mas em que formação discursiva será inscrito e que conseqüências daí serão advindas.

SENTIDOS DE CRIANÇA: FILHOS E NETOS DO TRÁFICO NO MOVIMENTO DO DISCURSO

Ane Ribeiro Patti (FFCLRP/USP)

Este trabalho pretende discutir, a partir dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso de filiação francesa e da psicanálise lacaniana, como alguns sentidos de criança são construídos, constituídos no discurso dos filhos e netos do tráfico, a partir de relatos coletados na mídia. Perguntamo-nos: como essa criança “adotada” pelo tráfico constitui-se na linguagem e de que modo ancora-se em palavras já ditas para produzir sentidos sobre si mesma? Por onde vacila o sujeito em seus movimentos discursivos, tomando emprestada a voz de outros sujeitos que já circularam em outros lugares sociais? Como, na chamada sociedade pós-industrial, são produzidos sentidos sobre o infantil? Onde é que estes sujeitos-criança se espelham e de que maneira eles se constituem na cultura atando (ou não) os fios da/na linguagem? O que a indústria cultural dita sobre esse tema, o que equivale a formular, como as condições de produção dadas pelo tráfico de drogas no espaço urbano indiciam um modo singular de inscrição histórica do sujeito na linguagem? Todas estas questões são postas aqui como observatório do nosso interesse, chão sobre o qual iremos construir a teia do discurso ao longo desse trabalho, sem a pretensão de estabilizar sentidos na lógica do que “é” ser criança hoje no Brasil, mas na trilha de analisar o discurso, a fala em curso do(s) sujeito(s) cuja voz faz falar um modo de estar incluído na infância e no tráfico.

SERIA O SUJEITO TOTALMENTE ASSUJEITADO?

Célia Bassuma Fernandes (UEL)

A quebra ou desmontagem das fórmulas fixas da língua, tais como as citações, as frases feitas, os lugares-comuns, os clichês e os provérbios têm sido muito utilizados no jornalismo e publicidade, e constitui um poderoso recurso para provocar o interesse do leitor/consumidor. Propomo-nos, neste trabalho, a partir da Análise do Discurso de orientação francesa e, em especial, do mecanismo do *deslocamento* proposto por Grésillon e Maingueneau (1984), analisar duas peças publicitárias veiculadas em revistas de grande circulação nacional, procurando comprovar que, ao produzir ou imitar um enunciado, o sujeito deixa, estrategicamente, vestígios de sua ação nos textos que produz, o que nos leva a afirmar que ele não pode ser entendido como um simples alvo de uma influência ideológica, mas, ao contrário, é um sujeito que “trabalha”, que manipula a linguagem a que tem acesso, marcando sua posição no espaço discursivo.

SUBJETIVIDADE EM PROPAGANDAS DE CELULARES

Gílmia de Lourdes Muniz Martini (PG-UNIFRAN)

Marina Célia Mendonça (UNIFRAN/Uni-FACEF)

Neste artigo, analisam-se peças publicitárias da operadora de celulares Tim. A análise se faz considerando-se principalmente os postulados teóricos de Authier-Revuz sobre heterogeneidade enunciativa e os estudos desenvolvidos pelo Círculo de Bakhtin. O objetivo é refletir sobre as vozes que se misturam nesses discursos (o enunciador constrói seu discurso dialogando com o do outro) e sua relação com a identidade contraditória do sujeito-consumidor postulado pelo discurso da operadora de celulares Tim. Assim, a presente análise parte da hipótese de que as identidades estão em constante elaboração e transformação no processo dialógico/constitutivo da produção do discurso, a qual se dá sob a influência do acontecimento como fator desestabilizador da memória discursiva.

SUBJETIVIDADES DO TRADUTOR E INTÉRPRETE NO ORKUT

Fabiana Parpinelli Gonçalves Fernandes (UNIFRAN)

Maria Regina Momesso Oliveira (UNIFRAN, UNESP/Bauru-SP)

A presente comunicação pauta-se na reflexão de como o sujeito “Tradutor e Intérprete” constitui-se em sua prática discursiva em uma comunidade virtual na Internet. O *corpus* de análise é um uma comunidade do Orkut intitulada Tradutores/Intérpretes BR, formada por 7.016 membros, número que cresce a cada nova consulta, cuja finalidade é debater sobre a formação de profissionais, cursos, mercado de trabalho, ferramentas, terminologia, remuneração, teoria, entre outros assuntos que envolvem a prática profissional, seja na área acadêmica ou não. Para compreendermos que identidade(s) são constituídas neste processo nos amparamos na análise de discurso de linha francesa de Michel Pêcheux e em noções foucautianas acerca das técnicas de si.

ÁREA TEMÁTICA 07**DISCURSO, MITO E NARRATIVA****AUTO-AJUDA: UM ATRAVESSAMENTO INTERDISCURSIVO NA OBRA O ALQUIMISTA DE PAULO COELHO**

Ivi Furloni Ribeiro (UFU)

Tomando como base teórica os conceitos da Análise do Discurso, doravante AD, de linha francesa, esse trabalho tem como objetivo refletir sobre a constituição de sentidos da auto-ajuda que atravessam a enunciação literária (arte) na obra *O Alquimista*, de Paulo Coelho. Assim, a partir da análise da obra em questão, pretendemos mostrar que, ao contrário do que se pensa, o discurso da auto-ajuda não é o ponto principal da obra, mas sim um atravessamento interdiscursivo. Paulo Coelho não é visto no Brasil como um literato. Suas obras são classificadas como auto-ajuda ou esoterismo. Mesmo depois de ter se tornado um "imortal", entrando para a Academia Brasileira de Letras, suas obras ainda não são consideradas Literatura. Vale ressaltar que Paulo Coelho é um dos escritores brasileiros mais traduzido em todo o mundo, e suas obras são leitura obrigatória em universidades da Inglaterra. A partir do relativismo moderado, percebemos a obra de Paulo Coelho como literária, e não como um livro meramente auxiliar ao indivíduo na busca de si mesmo e do sucesso (pontos-chaves do discurso de auto-ajuda). Entendemos a auto-ajuda na obra como uma constitutividade interdiscursiva produtora de efeitos de sentido na obra em questão. Nossa proposta neste trabalho é esmiuçar a obra literária e os discursos que a compõem, levando em consideração, claro, as condições de produção desses discursos e do próprio discurso literário. Para tanto nos apoiaremos nos conceitos da AD de linha francesa, mais precisamente em Michel Pêcheux e nas noções de Interdiscurso e Sentido propostos por esse teórico.

DISCURSO MÍTICO INDÍGENA: O DESVELAR DA BRASILIDADE

Nara Maria Fiel de Quevedo Sgarbi (UNIGRAN)

O texto "Discurso mítico indígena: o desvelar da brasilidade" pretende fazer uma análise discursiva sobre o mito da criação da primeira terra, apresentado por Clastres (1990), observando a originalidade da palavra indígena, com a intenção de apontar uma forma de desvelamento dos elementos constitutivos da brasilidade do índio guarani a partir da argumentação, dos aspectos coesivos caracterizadores deste mesmo discurso e dos elementos inerentes aos níveis semântico, pragmático e da manifestação (AD). Faz-se necessário compreender, desde logo, que para realizar este trabalho analítico foi necessária a compreensão dos conceitos de essência se referindo a algo estático, perene, enquanto que o de identidade aponta para a dinamicidade. Neste trabalho foram tomadas como bases teóricas as idéias de Pêcheux (1990), Bakhtin (1986), Brandão (1986) e Habermas (1990), entre outros.

HOMENS E DEUSES (SOBRE A CAVERNA, DE JOSÉ SARAMAGO)

Sandra Ferreira (UNESP/Assis)

Em *A Caverna* (2000), José Saramago retoma um mito de criação indígena para fazer referência a gestos arquetípicos de Cipriano Algor, personagem vinculado a uma olaria em vias de ser desativada. No presente da narrativa, em que o mito é invocado, convergem o passado e o futuro: o barro dos mitos de criação, o barro que Cipriano modela para dar forma aos bonecos, que não se convertem em pó, como Cipriano e todos os seres, até se transformarem de novo em *argila ressurrecta*. Considerar-se-á o discurso literário a partir de sua organização transfrástica, com vistas a sondar como esse discurso participa do mundo que pretende refletir/transfigurar e qual a natureza de sua orientação, verificando o jogo de antecipações e de retornos montado pelo narrador, para revelar como o contexto é definido e modificado ao longo da narrativa. Pretende-se, assim, demonstrar como os acontecimentos protagonizados por Cipriano assemelham-se a um eterno retorno, a uma reedição do mito, em suma, a uma nova teofania, na qual o narrador sublinha o descompasso entre a criação feita pelos deuses e pelos homens, de modo a ressaltar o quanto mais épica é a obra efetuada pelos seres humanos.

NEM ESCAVAR OS SENTIDOS, NEM BUSCAR A VERDADE, PORÉM INTERPRETAR: UM ESTUDO DO CONCEITO DE INTERPRETAÇÃO A PARTIR DO DISCURSO LITERÁRIO.

Wilton D. da Silva Júnior (UFG)

Kátia Menezes de Sousa (UFG)

A partir do discurso literário saramagueano e do aporte teórico da análise do discurso, fundamentalmente sob a influência da obra de Michel Foucault, procuro investigar questões em torno do conceito de interpretação: “a falácia intencionalista”(ECO, 2005), em que acredita-se na ilusão de que as intenções do autor são suficientes para estabelecer os sentidos, posto que toma-se sob esse viés a idéia de que buscar o autor seria, por conseguinte, buscar a origem primeira do discurso, onde se esconderia a verdade; e, as condições de produção, pois considero também que para pensar os sentidos possíveis é preciso pensar nos mecanismos discursivos que moldam uma série de fatores que condicionam (e não determinam) a produção dos discursos. Diante da tarefa sempre inconclusa e infundável de interpretar já que os signos não se apresentam enigmáticos, primordiais e dóceis a tal tarefa, pois já são em si mesmos interpretações (FOUCAULT, 2005), proponho-me a refletir sobre a maneira como encaramos as técnicas de interpretação: se as temos como no século XVI, técnicas de revelação ou no século XIX, como terapêutica para a solução dos problemas da sociedade, do indivíduo e etc. Desse modo, a análise do discurso literário saramagueano visa a apontar alguns caminhos para a compreensão da constituição da “hermenêutica moderna” (FOUCAULT, 2005, p.47), pois aquele organiza-se a partir de uma relação fundamental entre o discurso histórico e o discurso ficcional, possibilitando pensar sobre as questões acima levantadas.

NO TEMPO DE BAVA: NARRATIVA, TEMPO E IDEOLOGIA

Ivânia dos Santos Neves (UNICAMP/UNAMA)

A quem interessa a definição de mito? Que implicações discursivas existem nas diferenças entre mito e história? O tempo de Bava, que em uma classificação ocidental seria considerado mítico, é o tempo de origem dos índios Asuriní do Xingu. É neste tempo que eles se subjetivam. Nesta comunicação, vou analisar a narrativa “A história de Ujaré”, que conta a origem dos Asuriní e acontece no tempo de Bava e fazer uma discussão sobre esta fronteira delicada e ideológica entre as narrativas orais dos “outros” e a história escrita ocidental.

ÁREA TEMÁTICA 08**DISCURSO E ENSINO****A AD E A GRAMÁTICA FUNCIONAL DO DISCURSO – ENFRENTAMENTOS TEÓRICOS E AS IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO**

Ana Cristina Jaeger Hintze (UEM)

A presente comunicação revisita as perspectivas teóricas da gramática funcional do discurso e a AD, buscando um possível espaço de interlocução entre elas. Salienta as contribuições e as implicações que ambas podem trazer para o ensino de língua. Mostra que tais enfoques não são excludentes e devem integrar o quadro de reflexões sobre os usos de língua e operações discursivas. Nesse sentido, a abordagem deste estudo contempla um duplo procedimento. De um lado, está a perspectiva discursiva que considera a linguagem como um processo de interatividade de sujeitos inscritos em uma determinada realidade social, com sua percepção de mundo e projetos de interações – a prática discursiva vincula-se, então, aos sujeitos e a seus projetos comunicativos nela instituídos sob determinada forma. De outro, a atividade do discurso pressiona o sistema lingüístico, chegando a reorganizar o quadro de estruturas lingüísticas, embora dentro de regularidades previsíveis – as formas da língua são meios para um fim; elas não são um fim em si mesmas (HALLIDAY, 1985). Em outras palavras, a estrutura da língua reflete, de algum modo, a experiência social. Cada comunidade conta com um saber lingüístico constituído, cuidado, vigiado para quaisquer eventos sociais que sejam considerados relevantes. Sob essas considerações é que a gramática se situa: no equilíbrio de formas internas e de formas externas ao sistema lingüístico. Nesse dialogismo de forças, encaminham-se algumas sugestões para análise de estratégias de operações discursivas.

A CHARGE E A FORMAÇÃO DO LEITOR: UMA PROPOSTA DISCURSIVA PARA O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

Jane Cristina Beltrami Bertó (SEED-PR/UEM)

Este trabalho, por meio de uma reflexão teórico-prática, busca discutir as possíveis relações entre a Análise do Discurso de linha francesa e o ensino de língua materna, mais especificamente a formação do leitor crítico, tendo por objeto textos do gênero charge impressa. Para tanto, toma-se como referencial teórico os estudos de Michel Foucault a respeito da formação dos objetos e das séries enunciativas, bem como as contribuições de Pêcheux, Orlandi, Gregolin e Davalon quanto as relações entre discurso, história e memória. A partir desse arcabouço teórico propõe-se uma abordagem didática da leitura de charges entendidas enquanto instrumentos eficazes na formação do leitor. Considera ainda, as proposições contidas nas Diretrizes Curriculares Estaduais de Língua Portuguesa do estado do Paraná, que ao propor como conteúdo estruturante “o discurso enquanto prática social”, apontam para a necessidade de uma reformulação do fazer pedagógico com a língua materna na educação básica, com vistas a formação de cidadãos comprometidos com a transformação da sociedade.

A CONTRIBUIÇÃO DE DIFERENTES PERSPECTIVAS TEÓRICAS PARA A ELABORAÇÃO DE UMA SEQÜÊNCIA DIDÁTICA DO GÊNERO EDITORIAL

Cláudia Valéria Dona Hila (PG-UEL/UEM)

Neil Armstrong Franco de Oliveira (PG-UEL/CESUMAR)

A produção de uma seqüência didática, seja na formação inicial ou continuada, exige, dependendo do gênero discursivo, a mobilização de conceitos pertencentes a campos distintos do saber. Ter uma visão interdisciplinar, no momento de pensar em questões de ensino voltadas à apropriação de um determinado gênero, requer, inicialmente, que professores em formação, formadores e professores em exercício tenham se apropriado de teorias lingüísticas necessárias ao entendimento do funcionamento dos gêneros nas mais variadas esferas sociais. Nesta comunicação, apresentaremos um recorte de uma seqüência didática (SD) – elaborada por dois professores formadores – para alunos tanto do curso de Jornalismo quanto de Letras, interessados no gênero editorial.

Especificamente, enfocaremos como diferentes aportes teóricos – no caso a Análise do Discurso, a Teoria da Enunciação bakhtiniana e o Interacionismo Sócio-Discursivo (ISD) – podem contribuir para a transposição didática sobre a constituição das vozes para o gênero editorial em sala de aula. Defendemos, pois, a necessidade de apropriação de perspectivas teóricas distintas, para que professores e alunos tenham uma ampla visão de determinado gênero discursivo e, assim, realizem um trabalho mais sistemático em torno de seus aspectos lingüísticos, enunciativos e discursivos.

A ESCRITURA DE TEXTO: UM GESTO DE INTERPRETAÇÃO

Ercília Ana Cazarin (UNIJUI)

Em *A escritura de texto: um gesto de interpretação*, o interesse é pontuar que embora a Análise do Discurso (AD), na sua essência, não esteja diretamente ligada a questões relacionadas ao ensino, a mesma pode contribuir para tanto. No que se refere à produção da leitura, entendemos que a mesma já foi e vem sendo amplamente difundida. A proposta agora é deslocar essa discussão em torno do processo de leitura para o de escritura de textos. Entendemos que também nesse processo funciona o gesto de interpretação do sujeito que, afetado pela historicidade e pela ideologia, recupera, no interdiscurso, alguns enunciados e não outros para incorporar ao fio do discurso. O deslocamento proposto leva em conta o escrito por Pêcheux (1980), no sentido de que *é nas operações de recortar, de extrair, de deslocar, de confrontar que se constitui o dispositivo mais particular de leitura*. Esse entendimento de Pêcheux vale também para o processo de escritura. Isso aceito, nessas operações, o sujeito, ao textualizar o que para ele aparece como sendo *a interpretação*, na função-autor, diante da dispersão do *já-dito*, coloca-se frente a relações de confronto, de divergência, de diferença ou de aproximação com diferentes discursos, configurando seu texto de acordo os saberes da posição-sujeito em que se inscreve. Nesse processo, convivem os campos da história, da língua e do inconsciente sem fronteiras fixas, e o sujeito, na função-autor, é afetado pela projeção imaginária que ele faz de si, do *outro* e do *lugar social* em que está inscrito, embora disso não necessariamente se dê conta. É isso que o coloca diante da ilusão de homogeneidade e de completude do texto.

A ESTRATÉGIA DISCURSIVA DE AUTO-REFERENCIAÇÃO EM CARTAS DO LEITOR

Sandra Regina Cecílio (PG-UEL)
Lílian Cristina Buzato Ritter (UEM)

Este trabalho objetiva expor análises de exemplares do gênero discursivo carta do leitor que circulam na revista de divulgação científica *Ciência Hoje das Crianças* e na revista *Veja* a fim de assinalarmos como as condições de produção dos discursos nesses dois diferentes meios de circulação direcionam a produção escrita das cartas, já que seguem objetivos específicos para atingirem leitores distintos. Também é nosso objetivo de estudo a auto-referenciação como estratégia discursiva utilizada pelas revistas por meio do gênero discursivo carta do leitor. A análise das cartas confirmou, como aponta Bakhtin (1992), que os gêneros são relativamente estáveis, já que são construídos de acordo com as condições de produção associadas à vontade enunciativa do locutor e que não apresentam um formato fixo e imutável. Diante disso, consideramos que estes fatores justificam a mobilidade dos gêneros discursivos nas práticas sociais. Também pela análise empreendida verificamos que nas cartas do leitor das revistas em estudo a auto-referenciação é utilizada como uma estratégia discursiva. Como esse gênero é produzido em co-autoria porque passa por edições em razão do espaço físico e também por direcionamento argumentativo em prol das revistas, entendemos que tanto o leitor quanto os editores constroem o discurso de acordo com a apreciação valorativa que fazem sobre a revista e sobre o tema. Nesse sentido, observamos que as revistas se auto-referenciam via carta do leitor ao selecionar textos que elogiam e fazem referências a matérias publicadas e, desse modo, as revistas conseguem imprimir sua presença em um espaço que, em tese, seria apenas para a fala do leitor, criando uma imagem positiva para si própria.

A ESTRUTURA VERBAL EM DISCURSOS NARRATIVOS ESCRITOS DE ALUNOS DE FRANCÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA: ALGUMAS CONSTATAÇÕES

Teresinha Preis Garcia (PG-USP/UEM)

O discurso narrativo (a narrativa) é considerado sob a perspectiva de estratégia de comunicação, no qual o produtor estrutura seu texto em função do efeito que ele procura produzir no interlocutor. Para

os autores clássicos, a narrativa é o relato de “fatos” reais ou imaginários. Contar algo, contar histórias fictícias ou pessoais, faz parte do cotidiano e é uma prática escolar bastante difundida mesmo que seja apenas para a reprodução de determinadas estruturas gramaticais (BANGE, 1992; GARAT, 1996; CLERC, 1997). As narrativas, de ficção ou pessoais, são muito ricas linguisticamente, principalmente em relação às estruturas verbais, à coesão e coerência, entre outros aspectos. O aluno de línguas estrangeiras se obriga a utilizar os diferentes tempos verbais, as diferentes estruturas para marcar o tempo, o espaço, os personagens (atores) sócio-interativamente porque terá que comunicar-se com alguém nessa língua e terá que utilizar-se de vários meios (lingüísticos, pragmáticos, interativos) para se fazer entender. Por inúmeras razões, é um espaço privilegiado, pois o aluno tem a possibilidade da expressão, de falar sobre si mesmo, dar sua opinião sobre algo, etc., principalmente de comunicar-se com seu interlocutor, mesmo que fictício. O texto narrativo se organiza em dois planos: primeiro plano (*avant-plan*) e plano de fundo (*arrière-plan*) (WEINRICH, 1968) e os tempos verbais caracterizam em geral tais planos. Pode-se caracterizar o texto narrativo como o que traz uma seqüência cronológica, uma sucessão temporal de acontecimentos. Nessa comunicação, procuraremos mostrar, a partir de algumas produções escritas, como o aluno está estruturando suas narrativas em francês língua estrangeira, com relação aos tempos verbais: de quais recursos ele faz uso (se são adequados ou não), se ele está conseguindo um bom desempenho, o que ele está fazendo para suprir as faltas (quais recursos lhe faltam para cumprir essa tarefa).

A LINGUAGEM VIRTUAL EM EVIDÊNCIA: O RELACIONAMENTO INTERPESSOAL NO USO DO CORREIO ELETRÔNICO EMPREGADO NA MODALIDADE DE EAD

Cátia Melissa S. Rodrigues (UNISUL)

Observa-se o avanço das novas tecnologias em toda sociedade. A educação, em busca do desenvolvimento humano e social, tem acompanhado esse processo de grandes modificações com o aperfeiçoamento de seus instrumentos transmissores de conhecimento. Atualmente verifica-se o uso crescente e, por que não, constante da Internet na busca e propagação do conhecimento, em que o ato de ensinar, por meio do ensino a distância, não se constitui pelos mesmos limites territoriais e temporais. Como “veículo” de apoio a esta metodologia de ensino, o uso do correio eletrônico tem se mostrado um instrumento de maior uso da Internet, com grande responsabilidade na relação aluno-professor-aluno. Este trabalho busca analisar, então, a partir de uma experiência realizada no ensino superior, o uso do correio eletrônico como ferramenta de relacionamento interpessoal. Busca-se compreender como, nesse caso específico, o relacionamento interpessoal por meio eletrônico mostrou contradições que remetiam a conflitos entre os sujeitos envolvidos (aluno - professor, professor - alunos; alunos entre si). Além disso, essa discussão levanta questionamentos sobre a suposta eficiência do processo e eficácia de resultados do ensino e aprendizagem no ambiente eletrônico, que nesse caso pode estar sendo afetado por sentidos do ensino presencial. Neste último, o discurso pedagógico que o constitui, vai produzir posições imaginárias para os sujeitos em que o professor tem certo domínio sobre o saber e sobre a língua e o aluno, enquanto aprendiz, precisa aceitar sem conflito a essa “posição” assumida pelo professor.

A LÍNGUA QUE TUDO PROMETE: UMA ANÁLISE DOS DIZERES DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA

Pauliana Duarte Oliveira (ILES-ULBRA)

Neste trabalho apresentamos parte de uma pesquisa realizada no Curso de Mestrado em Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia. A pesquisa teve como objetivo investigar o papel do imaginário do aluno sobre a língua inglesa na constituição da sua subjetividade. Para tanto, analisamos dizeres de alunos buscando identificar as formações discursivas às quais tais dizeres se filiam e, considerando que o dizer do professor de inglês toma parte nas condições de produção do dizer do aluno, analisamos também, dizeres de professores de língua inglesa da rede pública de ensino. O *corpus* da pesquisa é constituído de entrevistas semi-estruturadas com alunos de ensino fundamental da rede pública e com professores de inglês. Fizemos a análise do *corpus* com base na rede conceitual da Análise de Discurso francesa preconizada por Michel Pêcheux e verificamos que o professor de língua inglesa se constitui em discursos e representações que também constituem os alunos. Uma regularidade encontrada nos dizeres dos professores são os dizeres que se filiam às formações discursivas de exaltação da língua inglesa, como por exemplo, do inglês como língua

universal, como língua que possibilita o acesso a bons empregos e como língua que promove a comunicação entre pessoas de diferentes nacionalidades. Desse modo, mostramos nesta comunicação, análise dos dizeres de professores de língua inglesa em que os sujeitos enunciam vantagens atribuídas à língua inglesa.

ANÁLISE DE SEQÜÊNCIAS DIDÁTICAS COM O GÊNERO HISTÓRIAS/TIRAS EM QUADRINHOS NA FORMAÇÃO INICIAL

Lidia Stutz (UNICENTRO)
Terezinha Marcondes Diniz Biazzi (UNICENTRO)

Este trabalho ancora-se no construto teórico-metodológico do Interacionismo Sócio-Discursivo, proposto por Bronckart (1999/2006), para o qual a linguagem tem caráter central no desenvolvimento humano. Com o intuito de didatizar os gêneros, Schnewly e Dolz (2004), Machado e Cristóvão (2006) apontam como uma possível alternativa, o desenvolvimento de modelos e seqüências com base nas capacidades de linguagem. Neste sentido, buscamos por meio dessas proposições, analisar as atividades elaboradas em seqüências didáticas voltadas ao gênero de texto histórias/tiras em quadrinhos. O *corpus* de textos utilizados para o estudo advém dos trabalhos desenvolvidos pelos alunos em formação inicial na disciplina de Estágio Supervisionado para o Ensino Fundamental, no curso de Língua Inglesa e suas Literaturas, na Universidade Estadual do Centro-Oeste, em 2007. Pretendemos verificar a eficácia das seqüências didáticas quanto ao entendimento e apropriação do gênero e em que pontos ainda podem ser implementadas para contribuírem no processo de letramento dos alunos da escola.

A POSIÇÃO-SUJEITO DO ORGANIZADOR DO LIVRO DIDÁTICO

Medusa Marques

Tendo por base a linha francesa da análise do discurso, pretendo, neste trabalho, analisar a abordagem lingüístico discursiva que o livro didático “Português: Linguagens” de Thereza Cochar Magalhães e William Roberto Cereja propõe para um texto publicitário sobre o Trabalho Voluntário. Consideramos como unidade pertinente de análise o *Intradiscurso* e o *Interdiscurso*. Pêcheux aponta três modos possíveis, *tomadas de posição*, de o sujeito relacionar-se com os conhecimentos científicos e com práticas políticas de determinada formação social: *identificação*, *contra-identificação* e a *desidentificação*. A desidentificação acontece por meio da *apropriação*, implicando na transformação do conteúdo apropriado e na sua inscrição em outro quadro teórico. Assim, analisamos em que medida o LD colabora para que ocorra a apropriação de conhecimentos e de práticas políticas no processo-ensino-aprendizado. A dicotomia entre forma e sentido, o trabalho pseudocientífico com a gramática e a relação de identificação entre o sujeito-organizador do LD e os sujeitos dos textos que esse veicula, fazem do LD um instrumento fecundo para análises, principalmente, por professores e alunos inseridos no espaço da sala de aula. Mas quando, o LD ganha *status* de objeto do processo ensino-aprendizado, professores e alunos reproduzem *conceitos científicos* e *práticas políticas* sem apropriarem-se deles, sem teorizar a partir de sua própria realidade e condição de assujeitados, não há teorização e, conseqüentemente, não há apropriação de conhecimentos científicos e de práticas políticas.

A PRÁTICA DE PRODUÇÃO TEXTUAL NO LIVRO DIDÁTICO FUNDAMENTADO EM AD: UM DIFERENCIAL?

Raquel Ribeiro Moreira (UFRGS e UTFPR)

Há uma fala institucional que circula na escola e que tem o livro didático como seu alicerce político de disciplinarização de uma língua (a padrão), de um conhecimento (o oficial) e de seus sujeitos (professor e aluno), e que, por isso mesmo, insere as práticas pedagógicas em um universo estabilizador, que preza a homogeneidade, a consagração de um "modelo de ensino e política escolar", consagrando dessa forma a reprodução, a falta de criticidade e o desajuste social/escolar. O objetivo desse trabalho é analisar as condições de produção (restringindo-nos à produção textual) de dois livros didáticos fundamentados em AD e verificar-lhes os efeitos (de sentido, de funcionamento, de ordem...) no trabalho com linguagem. O que pretendemos é verificar se, a partir de concepções teóricas (e, mesmo, metodologias) diferentes, é possível “escapar” das “tendências” cristalizadores e

estruturalistas vistas normalmente nos livros didáticos; sem perder de vista, contudo, a verificação de se essas “diferenças” esperadas a partir da mudança teórica realmente se efetivam.

A RELAÇÃO PROFESSOR/LIVRO DIDÁTICO NO DISCURSO DIDÁTICO-METODOLÓGICO DA SÉRIE “FERNSTUDIENANGEBOT DEUTSCH ALS FREMDSPRACHE”

Dörthe Uphoff (UNICAMP)

Desenvolvida pelo Instituto Goethe, em colaboração com as universidades de Kassel e Tübingen (Alemanha), a série “Fernstudienangebot Deutsch als Fremdsprache” (“Oferta de estudos a distância Alemão como Língua Estrangeira”) constitui uma das principais obras voltadas para a formação e o aperfeiçoamento de professores de alemão ao redor do mundo, inclusive no Brasil. Trata-se de uma coletânea de volumes temáticos destinados a diversos aspectos didático-metodológicos do ensino da língua. O objetivo da minha pesquisa é investigar como a relação de poder entre o professor e o livro didático é estabelecida nessa série. Parto do pressuposto de que existe uma tensão constitutiva entre o livro didático e o professor, no que diz respeito à autoridade sobre o planejamento do ensino. O livro costuma definir um determinado percurso de ensino/aprendizagem que direciona e limita a atuação do professor, na hora de planejar suas aulas. Análises preliminares da série indicaram que o livro didático é considerado um dispositivo essencial para o ensino da língua alemã, ao passo que o professor aparece como um aplicador do mesmo, sendo, portanto, subordinado à instância do livro. A partir desses dados e com base em conceitos elaborados por Foucault, em “A Ordem do Discurso” (1971), formulo a hipótese de que a série “Fernstudienangebot” atribui ao professor a posição de comentarista, ou seja, o professor deve interpretar e operacionalizar o livro didático, que constitui a narrativa maior do ensino da língua alemã. Na minha apresentação discuto as possíveis motivações para essa distribuição de poderes.

A RESPONSABILIDADE EM DISCURSOS DE ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Ângela Francine Fuza (PG-UEM)

Renilson José Menegassi (orientador-UEM)

Esta pesquisa, vinculada ao Grupo de Pesquisa “Interação e escrita no ensino e aprendizagem” (UEM/CNPq) e ao projeto de pesquisa “A escrita e o professor: interações no ensino e aprendizagem de línguas”, a partir da perspectiva sócio-histórica de ensino e aprendizagem, subsidiada nos pressupostos de Bakhtin e Vygotsky, tem o objetivo de verificar as características das atitudes responsivas dos alunos de uma 3ª série do Ensino Fundamental, de uma escola particular de Maringá-PR, em função dos discursos presentes no contexto escolar. Para tal, selecionou-se uma amostra representativa de uma das práticas de escrita efetivadas em sala de aula com os alunos, verificando o confronto entre os três discursos manifestados: a) do livro didático; b) da professora; c) dos alunos. Buscou-se analisar a interação entre eles e destacar como um responde ao outro, demonstrando a compreensão e a atitude responsiva constitutivas da enunciação investigada. Diante das análises, constatou-se que o discurso da professora responde ativamente ao que é solicitado pelo material didático, realizando as suas atividades passo a passo. Também os alunos buscam responder ativamente tanto a professora quanto ao livro didático. Contudo, embora no diálogo face a face, na interação oral, eles consigam expor, através do diálogo estabelecido, o que construíram como leitura, demonstrando crescimento e desenvolvimento argumentativo, no discurso escrito, esses estudantes respondem passivamente ao que lhes é solicitado, fazendo com que haja uma homogeneização do discurso dentro do contexto escolar, não possibilitando a internalização da escrita de forma reflexiva.

AS CONTRIBUIÇÕES DA ANÁLISE DO DISCURSO PARA A LEITURA DE TEXTOS EM ESCOLAS PÚBLICAS

Maria da Luz Oliveira dos Santos (UFBA)

Nesta comunicação, pretende-se refletir sobre a configuração histórico-ideológica em que se insere a Análise do Discurso de Linha Francesa e sua contribuição para a compreensão dos discursos escolares, a fim de suscitar entendimentos de como estes estão sustentando a ideologia da classe dominante, através do seu mais poderoso Aparelho Ideológico - A escola. Com isso, o presente trabalho se propõe analisar os pressupostos teóricos e analíticos da Análise do Discurso,

questionando o que ler significa. Isto acontece nos anos 60 do século XX, no momento em que a leitura suscita questões a respeito da interpretação. Autores como Althusser, Foucault, Lacan e Barthes interrogam o que ler quer dizer. Em todos eles a preocupação com a leitura desemboca no reconhecimento de que esta deve se sustentar em um dispositivo teórico. Assim tem-se um “novo olhar” sobre a leitura. Neste contexto, reflete-se sobre o que se pode pensar do texto, isto posto, a análise do discurso vai constituir-se como uma disciplina de entremeio, buscando o sócio-histórico e o lingüístico, interrelacionando o dizer a sua exterioridade, contribuindo para a compreensão da leitura nas escolas. Pelos equívocos da língua, percebe-se o modo de funcionamento da ideologia – o que está presente por uma ausência necessária (ORLANDI, 2007). Nos discursos considera-se a relação da língua com o sujeito e a situação, pensando o texto e seu funcionamento de maneira constitutiva, inserindo o sujeito e os sentidos constituindo-se ao mesmo tempo nos processos de significação. Na escola, o sujeito ocupa um espaço tenso entre a reprodução do instituído e o desejo de subverter, porém professores e alunos podem de fato reagir criticamente ao discurso do poder que toma as decisões sobre a educação. É possível não só criticar suas metas, objetivos e conteúdos como também exigir sua participação e inclusão nesse discurso educacional.

AS RELAÇÕES SOCIAIS NO CONTEXTO ESCOLAR E A APREENSÃO DAS PALAVRAS ALHEIAS

Juliana Reichert Assunção Tonelli (UEL)

O ensino de inglês para crianças vem ganhando cada vez mais espaço na sociedade contemporânea e, conseqüentemente gerando pesquisas nesta área (Tonelli, 2005, 2007; Ellis e Brewster, 1991; Wright, 1995 e 1997; Gazotti, 1998; Bittinger, 1999; Rocha, 2007; Ramos, 2007; Tambosi, 2007, entre outros). Considerando que os sentidos elaborados são em parte “nossos” e “em parte do outro” e, sendo assim, a significação de cada enunciado é determinada por sua interação com as vozes circulantes no ambiente social, às quais respondem, dialogam, discordam e buscam apoiar-se para validar seus argumentos, entendemos que esta apropriação das palavras “alheias” pode ser percebida quando há a repetição do enunciado da outra pessoa imediatamente após a sua fala, ou seja, a “imitação” das palavras do outro. É o que Bakhtin (2002) caracteriza como sendo “a recepção ativa da enunciação do outro e sua transmissão no interior de um contexto”. Além disso, esse mesmo autor acredita que as condições em que um enunciado é transmitido, assim como suas finalidades, contribuem para a realização daquilo que já está inscrito nas tendências da apreensão ativa, no quadro do discurso interior. Assim, este trabalho tem como objetivo demonstrar como a construção do discurso de sala de aula, diferentemente de outros eventos interacionais, é orientada pelo fato de ser socialmente justificável como um evento de ensino/aprendizagem, conforme aponta Moita Lopes (2000). Primeiramente, serão apresentados recortes de transcrições de aulas de inglês para crianças, nas quais o gênero textual “histórias infantis” foi utilizado como instrumento de ensino/aprendizagem da língua em questão. Em seguida, apontaremos os discursos que permearam o evento *aula de língua inglesa*, buscando compreender as atitudes da professora-pesquisadora como mediadora das relações sociais ocorridas na sala de aula e como o discurso do “outro” pode ser utilizado para possibilitar o sucesso das interações sociais professor x alunos/alunos x alunos nas aulas de inglês.

AS VOZES NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DO CURSO DE LETRAS

Márcia Cristina Greco Ohuschi
Renilson José Menegassi (UEM)

Este trabalho, vinculado ao grupo de pesquisa “Interação e escrita no ensino e aprendizagem” (UEM/CNPq – www.escrita.uem.br), tem como objetivo investigar as vozes que ecoam na formação do professor, especificamente no processo de ensinar a ensinar a escrita, no curso de Letras da UEM. Assim, verificamos qual o discurso sobre a prática da escrita que predomina no curso. Trata-se de um recorte de uma pesquisa maior, embasada nos pressupostos teóricos de Bakhtin e Vygotsky, cujo objetivo foi refletir sobre o ensino da escrita na universidade, com o intuito de contribuir para a formação do professor de língua materna oferecida pelo curso de Letras da UEM. Durante a pesquisa, realizada no ano letivo de 2004, acompanhamos uma das turmas da disciplina Prática de Ensino de Língua Portuguesa, não com a finalidade de investigá-la, mas, por meio dela, poder identificar como foi o ensino da escrita durante os anos de formação do acadêmico. Os resultados nos mostram que: 1) não há tempo suficiente para a internalização e sedimentação do conhecimento, ou seja, para que as palavras alheias se tornem próprias do professorando, o que se mantém nas discussões teóricas, nas atividades práticas de sala de aula e se reflete em sua prática, durante os estágios supervisionados; 2) há predominância do discurso do ensino tradicional da escrita.

CAMINHOS E PERSPECTIVAS DO DISCURSO DE PROFESSORES SOBRE FORMAÇÃO CONTINUADA A DISTÂNCIA: O CASO DOS GRUPOS DE TRABALHOS EM REDE DA SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ

Nilceia Bueno de Oliveira (Instituto de Ensino Superior Camões)

O presente trabalho objetiva investigar as representações discursivas dos professores sobre formação continuada on-line, principalmente questões de mudança social e relações de poder presentes no discurso dos atores que participam da formação continuada a distância ofertada pela Secretaria de Estado da Educação. A pesquisa está fundamentada na Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 2001), cuja abordagem de pesquisa entende o discurso como uma prática social. A educação mediada pelo uso de tecnologia influencia na formação de valores e atitudes e transforma a prática, desconstruindo e reconstruindo as crenças dos professores na ação pedagógica. Os dados foram coletados através de questionário e de análise de documentos oficiais. Os dados ainda estão em análise, mas já podemos concluir que este tipo de formação continuada provocou mudanças sociais e discursivas nas práticas dos participantes, visto que exige um novo posicionamento dos mesmos, em virtude do uso de mídias e tecnologias, uma prática da modernidade tardia (fragmentada, multifacetada e polissêmica), qual vem se firmando no campo educacional e que exige do professor novas atitudes em relação às formas de construção do conhecimento.

CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL: O LUGAR DA PERSPECTIVA DISCURSIVA SEGUNDO RELATOS DE PROFESSORES

Mirian Hissae Yaegashi Zappone (UEM)

Esta comunicação discutirá o modo como se pode compreender uma perspectiva discursiva de leitura (seus pressupostos e princípios), distinguindo-a de outras perspectivas. Após essa discussão, serão analisados relatos de professores que tematizam o ensino de leitura em sala de aula. Tais relatos foram coletados a partir de um concurso realizado pela Fundação Victor Civita, nos quais se solicitava que professores de todas as regiões do Brasil redigissem entre uma e duas laudas sobre o modo como praticavam o ensino de leitura em sala de aula. O objetivo dessa discussão será observar nos relatos mencionados a presença de falas que indiquem a presença e conhecimento da perspectiva discursiva de leitura.

DESCOBRINDO A LINGUAGEM DAS HQS NA ESCOLA

Gleisse Cristiane Serra Martins (UNOPAR)
Shirlei Pereira dos Santos Munhoz (UNOPAR)

Esta comunicação objetiva refletir sobre o gênero HQ, seus subgrupos, definições e discursos visto que a necessidade de conhecer os vários gêneros presentes na sociedade vem da importância do sujeito que se constitui pela linguagem, uma vez que toda situação dialogal produzida pode ser vista como espaço em que se produz linguagem e, na qual, indivíduos se transformam em sujeitos. Sendo assim, o estudo e o entendimento dos vários gêneros presentes no cotidiano é essencial, já que é na construção da linguagem que os indivíduos criam vida enquanto sujeitos e, é no contexto das formações sócio-histórico e ideológicas que os discursos adquirem significado próprio. Portanto é imprescindível que o professor saiba que os gêneros se formam a partir das relações sociais e que os discursos estão inseridos neles. Essa tarefa torna indispensável ao professor de língua portuguesa o conhecimento dos variados discursos presentes na sociedade para, assim, poder preparar seus alunos para o entendimento das várias linguagens que encontrará pela vida.

DISCURSO(S) SOBRE O ENSINO DA GRAMÁTICA

Graziela Lucci de Angelo (UFSM)

O trabalho a ser apresentado é parte de uma pesquisa maior que teve por objetivo investigar outros sentidos que poderiam estar vinculados ao ensino tradicional de língua portuguesa além daquele construído pelos lingüistas brasileiros. Seleccionei, para esse momento, o tema *ensino de gramática*, que tem sido há décadas um dos pontos de maior crítica ao ensino tradicional de língua materna por parte dos lingüistas em suas publicações, principalmente as dos anos 1970 e 80 no país. Para subsidiar a discussão a ser feita sobre o ensino gramatical, trago a palavra de professoras

aposentadas da disciplina Língua Portuguesa, que rememoraram e narraram suas práticas docentes vividas nos anos 1950 até parte dos anos 1970, desenvolvidas em sua maioria na cidade de Campinas, interior do Estado de São Paulo. A coleta de dados realizada através de entrevistas orais se orientou por uma metodologia de caráter qualitativo, inspirada em procedimentos da História Oral. Adotando uma perspectiva teórica sócio-histórica, que concebe a linguagem como o lugar em que o ideológico se manifesta de forma objetiva e material na palavra, o trabalho procurou conhecer o que dizem essas professoras em relação ao ensino de gramática e em que discurso se inscrevem essas narrativas, ou seja, que efeitos de sentido provocam, tomando como referência as suas condições de produção. Além disso, o trabalho também procurou conhecer como essas narrativas se relacionam com o discurso dos lingüistas sobre o ensino de gramática. Para a discussão dos dados coletados foi utilizado o conceito de interincompreensão discursiva, conforme Maingueneau (2005).

DISCURSOS SOBRE A ESCRITA: UM ESTUDO DE RELATOS DE PESQUISA

Francieli Socoloski Rodrigues (UFSM)

Tanto no âmbito geral da educação lingüística quanto no âmbito particular do ensino da escrita, os estudos no Brasil têm se centrado em questões relativas à prática pedagógica, como, por exemplo, a discussão dos gêneros textuais como objetos de ensino, ao passo que há uma carência de estudos acerca do processo de pesquisa nessa área. No entanto, o debate acerca da metodologia de pesquisa em estudos da linguagem se coloca como urgente na agenda da Lingüística Aplicada, como meio para se buscar definir a própria área. A fim de contribuir para essa reflexão, o presente trabalho tem o objetivo geral de delinear características do processo de pesquisa acerca da escrita por meio da análise de relatos de pesquisa publicados em periódicos brasileiros. Nessa comunicação, destacarei os principais interesses de pesquisa evidenciados a partir da análise do *corpus*, bem como os alinhamentos teóricos que perpassam esses relatos. A análise foi feita com base na perspectiva swalesiana de Análise de Gênero (1990, 2004) e no enquadre analítico para identificação de elementos textuais ricos proposto por Barton (2004). Resultados preliminares da análise indicam um grande interesse na investigação de conceitos sobre a escrita e na investigação da intervenção do professor nos textos dos alunos. Além disso, há uma forte tendência em se buscar alinhar as pesquisas com uma perspectiva de escrita como prática social. Implicações para o estudo e o ensino da escrita serão discutidas a partir dos dados obtidos.

ESPAÇO ESCOLAR: A NEGAÇÃO DO CORPO

Clóris Maria Freire Dorow (CEFET-RS)

Elisane Pinto da Silva Machado de Lima (CEFET-RS)

A escola compreende um espaço em que as regras, direitos e deveres determinam a conduta do sujeito aluno e do sujeito professor, os quais agem e formulam seu dizer a partir de seus lugares ideológicos. Esses lugares ocupados pelos sujeitos determinam o que estes dizem, o que faz com que, no espaço escolar, o discurso do professor e da direção sejam dotados de um poder e de uma autoridade jamais experimentados pelo sujeito que ocupa o lugar de aluno. Sendo assim, num espaço em que um dos principais objetivos é a formação do sujeito aluno, através da transmissão de saber, há uma evidente valorização da mente em detrimento do corpo, fazendo com que este seja cerceado, controlado, vigiado, através de proibições que inibem o seu existir material e histórico. O que se pretende, pois, neste trabalho, é, com base na teoria da Análise de Discurso, analisar os enunciados formulados a partir da proibição, no intuito de mostrar-se as relações de poder no espaço escolar e o controle exercido (pretendido) sobre os corpos.

ESTUDOS DISCURSIVOS DAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO TRABALHO ESCOLAR: A CRÍTICA DO DOCUMENTO

Alexandre Costa (UFG)

Esta comunicação apresenta o projeto *Arqueologia da formação do professor* (COSTA, 2007), que incorpora diversas pesquisas sobre discursos e práticas sociais que são constitutivas da formação do professor e do trabalho escolar. Seja na fase inicial de profissionalização, na capacitação em serviço ou no exercício das atividades de ensino, o professor é *posicionado discursivamente* pelos novos paradigmas do ensino brasileiro, tais como a *interdisciplinaridade*, a *transversalidade* e o trabalho

com *gêneros discursivos*. No conjunto de pesquisas agregadas neste projeto, investigam-se a origem disciplinar dos conceitos, dos temas e das práticas de uma *nova ordem de discurso* da educação nacional por meio da apropriação da crítica documental (FOUCAULT, 2002) ao escopo teórico-metodológico da Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 1992; 1999; 2003).

INSCRIÇÕES SOCIAIS, IDEOLÓGICAS E DISCURSIVAS SUBJACENTES À PROPOSTA POLÍTICO PEDAGÓGICA DE UM CURSO DE LETRAS

Carmem Lúcia da Silva (UFU)

Partindo dos pressupostos teóricos da corrente histórico-ideológica da Análise do Discurso Francesa, que concebe a linguagem como um lugar de conflito e o sujeito situado em um processo sócio-histórico e ideológico; circunscrito em formações sociais, ideológicas e discursivas. Pretendemos descrever, interpretar e analisar os discursos que atravessam as inscrições sociais, ideológicas e discursivas subjacentes à Proposta Político Pedagógica de um Curso de Letras, com vistas a explicitar os atravessamentos interdiscursivos subjacentes à referida proposta. Hipotetizamos que ao produzir tal Proposta submetendo às Diretrizes Curriculares Nacionais, o Curso de Letras perde a sua singularidade. Nessa perspectiva, tal pesquisa é pertinente na medida em que buscaremos tecer considerações sobre a Proposta Político Pedagógica de um Curso de Letras, com o intuito de percebermos a concepção de Professores Formadores no que concerne ao papel da universidade para a formação acadêmico-profissional e política de graduandos. Cabe ressaltarmos que a referida formação refletirá na prática docente desses graduandos.

LEITURA, ANÁLISE LINGÜÍSTICA E ENSINO: UMA PROPOSTA DE TRABALHO A PARTIR DA SEMIÓTICA GREIMASIANA

Sonia Merith-Claras (UEL)

Este trabalho tem por objetivo apresentar uma análise do texto: Os meninos do chafariz, de Júlio Emílio Braz, tendo como referencial teórico a Semiótica de linha francesa proposta por Algirdas Julien Greimas, difundida no Brasil pelos professores, José Luiz Fiorin e Diana Barros. Cabe ressaltar que a Semiótica visa a descrever e explicar o que o texto diz e, ainda, como ele faz para dizer o que diz. Sendo assim, é nosso intuito debater justamente essa questão, ou seja, os sentidos produzidos no texto, citado anteriormente, bem como a construção, as articulações desse texto que apontam para o sentido apreendido durante a análise. Propomos-nos, ainda, discutir como esse texto pode ser trabalhado em sala de aula, para tanto, elaboramos atividades que propiciam aos alunos perceber a organização do texto, bem como a compreensão do mesmo. Essas atividades dizem respeito, principalmente, à organização de temas, figuras e, também, questões relacionadas à linguagem, mais precisamente, de análise lingüística. Nosso objetivo é discorrer sobre as questões de linguagem que favoreçam, contribuam para a compreensão dos sentidos apontados no texto, isto é, não abordar conteúdos gramaticais só porque estão no planejamento da escola, conforme muitas vezes ocorre nos livros didáticos. Cabe destacar que o texto analisado foi retirado de um livro didático de 5ª série, já que posteriormente pretendemos discutir as atividades de leitura e análise lingüística propostas por tal material.

O DISCURSO DOS DOCUMENTOS PRESCRITIVOS, O MANUAL DO PROFESSOR E AS PRÁTICAS DE ANÁLISE LINGÜÍSTICA EFETIVAMENTE PROPOSTAS NO LIVRO DIDÁTICO

Andréia Cardoso Monteiro (PG-UEL)

Historicamente, a gramática sempre foi concebida como eixo de progressão e articulação curricular para o ensino de língua portuguesa. Entretanto, pesquisas e documentos prescritivos como os PCNs (1998) e o Guia Nacional do Livro Didático (2007, 2002), sugerem que a gramática seja explorada como um elemento integrador das práticas de leitura e escrita, que contribui com a construção da proficiência lingüística do aluno. A partir de então, um novo olhar sobre o ensino de língua materna chega, paulatinamente, à sala de aula através de cursos de formação continuada, de publicações e, especialmente, via livro didático. Nesse sentido, este trabalho vinculado ao Grupo de Pesquisa “Interação e Escrita no Ensino e Aprendizagem” (UEM/CNPQ) tem como objetivo verificar a confluência entre os discursos presentes nos documentos prescritivos vigentes, o Manual do Professor de uma coleção didática e as atividades relacionadas ao ensino gramatical efetivamente

propostas aos alunos pelo livro didático. Para tanto, buscamos aportes na Lingüística da Enunciação, em uma concepção interacionista da língua baseadas em Bakhtin/Voloshinov e as pesquisas desenvolvidas no Brasil sob esse escopo teórico, além dos conceitos de discurso e ideologia advindos da Análise do Discurso.

O DISCURSO PEDAGÓGICO DOS LIVROS DIDÁTICOS DA DÉCADA DE SESSENTA: REFLEXOS OU REPRODUÇÕES DAS “POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO” DA ÉPOCA?

Maria Antonia Granville (UNESP)

Neste trabalho, expõem-se os dados obtidos por meio da análise de dois livros didáticos de Língua Portuguesa, adotados pela maioria das escolas públicas e particulares da década de sessenta: um, bastante usado no antigo curso ginásial (correspondente ao atual ciclo II do ensino fundamental) e outro, adotado para o então colegial (hoje, ensino médio), confrontados com documentos oficiais da época, que, sob a égide do Ministério de Educação e Cultura (MEC), controlavam, no país, a editoração de materiais didáticos. Assim, sob o enfoque de Bernstein (1996), que se volta para o processo de relocação/deslocação de um discurso original em outro, e com base no estudo de Buzen & Rojo (2005) sobre o livro didático como um gênero discursivo, examinam-se os dois suportes citados, com a finalidade de verificar em que medida refletem ou reproduzem o discurso pedagógico do MEC, concretizado ou materializado nas “políticas públicas educacionais” de então.

O SUJEITO FOUCAULTIANO E AS PRÁTICAS DISCURSIVAS NO ENSINO DA LÍNGUA MATERNA

Glauco Ramos Gomes (UFPB)

Situado num espaço de interação (VYGOTSKY) e sendo assim constituído mediante o reconhecimento do outro (BAKHTIN), o sujeito de ensino, sobre o olhar de Foucault, é subjetivado por meio de uma relação constante entre saber, poder e verdade. Para este texto, o foco se dará sobre como o sujeito pensado por Foucault tem sido transposto para sala de aula, e em especial, como ele (o sujeito foucaultiano) tem influenciado as práticas discursivas no ensino da língua materna. No mundo da sala de aula, a relação entre professor- aluno se dá entre exercícios de poder e práticas de resistência. Sujeitado aos jogos de verdade da instituição, o professor, no exercício do poder, emite os saberes que ele julga serem verdadeiros para a formação do sujeito aluno, que como agente de sua aprendizagem e no exercício do seu poder, fará surgir, como é natural a existência do poder, práticas de resistência. É na base das teorias que fundamentam a AD francesa que vai se construir o aporte teórico desse artigo; com destaques para Foucault e Bakhtin. Este, porque trazendo uma proposta social para o trato com a língua, tem sido um referencial quando se pensa em trabalhar a língua -por práticas de linguagem- discursivamente. Aquele, porque tendo o sujeito como seu objeto, tem sido uma fonte instigante para o campo da educação e especificamente, para o que se propõe esse artigo, tem permitido que os professores repensem suas práticas no trabalho com a língua materna, haja vista que o que há na sala são sujeitos de linguagem. O texto será constituído sobre a seguinte tríade: em primeiro lugar será apresentado o sujeito foucaultiano; em segundo lugar a língua social de Bakhtin; e em terceiro lugar, as práticas discursivas no ensino da língua materna que refletem a proposta do sujeito pensado por Foucault.

PRÁTICA DOCENTE: CONSONÂNCIAS E DISSONÂNCIAS COM AS ORIENTAÇÕES CURRICULARES NACIONAIS DO ENSINO MÉDIO (OCNEM)

Aelissandra Ferreira da Silva (UFAC)

Tendo como base a teoria enunciativa de Bakhtin, particularmente as idéias bakhtinianas que foram retomadas nos pressupostos da Análise do Discurso francesa, pretendemos neste trabalho, caracterizado como um estudo de caso, investigar o ensino de Língua Portuguesa no 3º ano do Ensino Médio de uma escola pública de Rio Branco. Esse artigo tem como objetivo geral identificar como a prática docente se caracteriza, ou seja, que elementos estão e não estão em consonância com o que está disposto nas OCNEM. Além disso, tem-se como objetivo específico avaliar o comportamento dos alunos durante a prática docente: como reagiram e quais fatores foram determinantes para tal ação. A aula, gravada, foi sobre redação, especificamente no que concerne à coesão e coerência e foi transcrita com vista à análise. Assim, por meio dessa aula, percebeu-se que o professor ao trabalhar a aula de redação obteve sucesso em cada dificuldade que percebia, através

das redações dos alunos, pois trabalhava cada uma delas, ia explicando com exemplos de como poderia ser melhorado. Percebeu-se também nessa aula o que Bakhtin chama de *interação verbal*, pois há da parte do professor para com os alunos uma boa interação, uma vez que ele dialoga constantemente com os mesmos fazendo perguntas e comentando cada resposta obtida com o conteúdo ministrado. Por outro lado, não utilizou nenhum texto em sala de aula para introduzir o assunto, bem como a metodologia de fazer as correções identificando quem eram os autores das redações – fato que contribuiu para que os alunos ficassem envergonhados de fazer alguma pergunta, como se percebe no decorrer da aula e, assim, se distancia do que está proposto na lingüística textual preconiza e é aconselhado pelas OCNEM.

PRÁTICAS DE AVALIAÇÃO QUALITATIVA: JOGOS DE VERDADE, SABER, PODER E TÉCNICAS DE SI

Ana Claudia Cunha Salum (UFU)

Neste trabalho apresentaremos um olhar sobre o *Fórum de Avaliação Qualitativa* realizado com alunos do ensino fundamental de um colégio de aplicação de uma universidade pública federal de Minas Gerais. Tal prática de avaliação tem como objetivo possibilitar um espaço de auto-avaliação de alunos e professores e um momento de reflexão acerca dos seus processos de ensino-aprendizagem e sobre as situações relacionais entre professores, alunos e funcionários do colégio. Durante este processo de avaliação, nos foi possível perceber algumas “verdades” construídas nas relações entre os sujeitos-alunos, professores e os saberes. Percebemos, também, uma relação de poder sobre o(s) outro(s), na busca pela produção de corpos dóceis (Foucault, 1987). Diante dessas percepções, pretendemos indagar de que maneira essa prática de avaliação pode se constituir de dispositivos de controle dos sujeitos alunos. Da mesma maneira, nos propusemos a analisar a partir de quais jogos de verdade, os sujeitos alunos e professores concebem-se como bons/maus alunos, julgam-se como responsáveis/irresponsáveis, consideram-se com um bom relacionamento ou não, como cumpridores das regras e normas da escola ou como não cumpridores. Os instrumentos de análise consistirão de fichas de auto-avaliação preenchidas por alunos e professores, as quais dão subsídios para as dinâmicas desenvolvidas durante os Fóruns. Utilizaremos conceitos foucaultianos sobre a relação saber-poder e as técnicas e o cuidado de si, os quais nos darão oportunidades de refletir sobre alguns discursos produzidos e perpetuados pela escola. Pensamos que tal estudo pode nos permitir descobrir como o sujeito aluno e professor pode ser levado a se observar, a se analisar e a se reconhecer dentro de um determinado campo de saber como a escola.

PRÁTICAS DISCURSIVAS NO ENSINO DE LITERATURA ESTRANGEIRA – POSIÇÕES DO SUJEITO-PROFESSOR

Rosa Maria Olher (UEM/UNICAMP)

Este trabalho pretende discutir questões relacionadas às práticas discursivas do professor de literatura estrangeira, com foco nos conceitos de “literatura”, “tradução” e “originalidade”. Por meio de excertos de discursos do sujeito-professor, problematizo e analiso suas práticas pedagógicas e suas posições quanto ao ensino de literatura estrangeira em cursos de Letras. As reflexões são uma tentativa de responder a questões como: Se, por um lado, as línguas estão em constante movimento e mudança e se, por outro, as obras lidas e indicadas pelos programas são, em sua grande maioria, canônicas, ou seja, obras cuja linguagem data de séculos como XVI, XVII, XVIII., será que o ‘conceito’ de “ler no original” se justifica? De que maneira o inglês ou o francês falado em épocas tão distantes da realidade do leitor do século XXI pode contribuir para sua formação ou aprimoramento lingüístico? Qual o objetivo do ensino de literatura estrangeira nos cursos de Letras: formar um leitor crítico com visão “literária” e/ou cultural diferenciada do leitor comum ou formar um ‘profissional’ “fluyente” na língua estrangeira em questão? Estas e outras questões envolvendo a relação literatura-tradução no ensino de literatura estrangeira serão levantadas e problematizadas.

REPRESENTAÇÕES DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA EM SERVIÇO SOBRE O PAPEL DA OBSERVAÇÃO DE AULAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Terezinha Marcondes Diniz Biazzi (UNICENTRO)

Lidia Stutz (UNICENTRO)

Este trabalho insere-se na linha de pesquisa Língua, Texto e Ensino, do grupo de pesquisa LÍNGUAS & LINGUAGENS, da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – UNICENTRO, Campus de Guarapuava, e objetiva investigar as representações de professores de língua inglesa sobre a observação de aulas realizada por alunos-professores, fase que tradicionalmente antecede a atuação em sala no estágio supervisionado. O referencial teórico que fundamenta esta investigação é o conceito de representação (MOSCOVICI, 2000; CELANI e MAGALHÃES, 2002). Para a análise e interpretação dos dados é utilizado o conceito de conteúdo temático de Bronckart (2003), com base nas escolhas lexicais dos participantes focais desta pesquisa. O corpus para análise consiste de questionários de oito professores de inglês, de escolas locais, da rede pública de ensino Fundamental e Médio, que tiveram suas aulas observadas por estagiários entre os anos de 2004 a 2006.

ÁREA TEMÁTICA 09**DISCURSO, SUJEITO E AUTORIA****A AUTORIA DO ALUNO-SUJEITO DO ENSINO MÉDIO RE(VELADO) NAS REESCRITAS ATRAVÉS DA MEDIAÇÃO**

Débora Azevedo Malentachi (UEM)

Renilson José Menegassi (UEM)

Com respaldo nas teorias de Bakhtin (2002), Bakhtin/Volochinov (1993) e Vygotsky (1988), discutidas no grupo de pesquisa “Interação e escrita no ensino e aprendizagem” (UEM-CNPq, www.escrita.uem.br), apresentamos, nesta comunicação, um recorte da pesquisa “As ações colaborativas entre professor e alunos de Ensino Médio na construção da escrita”. Neste recorte, os objetivos são: a) compreender as diferentes posições assumidas pelos alunos nas reescritas dos textos de opinião produzidos, a partir das intervenções do professor-mediador; b) analisar estratégias de mediação que podem contribuir para que os alunos se coloquem mais como sujeitos e menos como assujeitados no processo de produção textual. A pesquisa demonstra a possibilidade de os estudantes transformarem as palavras do outro em suas próprias, independente do tema sugerido para produção, de modo a revelar sua autonomia e sua individualidade lingüístico-discursiva no processo de produção, resultando assim num discurso escrito marcado por sua capacidade de autoria.

A AUTORIA NO TRAJETO DA VOZ

Pedro de Souza (UFSC/CNPq)

Ao lançar sobre Michel Foucault seu postulado de que o sujeito fala em um discurso que não é seu, o objetivo deste trabalho é abordar, nesta ausência de centralidade subjetiva, o processo da autoria em constituição na forma da performance vocal. Nesta direção, pretendo trazer à tona o ato de enunciação que denuncia por trás de seu aparato linguajero a voz sempre expondo-se como a dêixis virtual que responde à pergunta: quem fala? Trata-se de reconectar a função-autor àquilo que ela tem de forma material, ou seja, a voz no momento em que, ao ressoar, ela dá lugar à emergência do autor.

A AUTORIA PROBLEMÁTICA EM OBRAS DE CLARICE LISPECTOR

Edson Ribeiro da Silva (UEL)

A autoria é um conceito complexo para a Análise de Discurso. O conceito de heterogeneidade faz pensar que o trabalho do autor é antes de apropriação do já feito que de criação de um discurso novo. No entanto, a literatura prima pela afirmação de uma expressão individual. Por isso, falar em autoria, no âmbito da literatura, significa insistir na possibilidade de criação do novo, do subjetivo. A relação da literatura com os estudos discursivos se complexifica no caso de uma escritora como Clarice Lispector. A escritora exhibe, nos textos, os seus processos criadores e fez da heterogeneidade, sobretudo mostrada, um procedimento corriqueiro de escritura. É comum, por exemplo, a reutilização de textos da própria escritora, ou, em casos limites, a apropriação de textos de outros escritores, o que ocorre sobretudo em suas obras finais. Não há dúvidas de que Clarice Lispector queria problematizar o conceito de autoria. A verdade é que ela não negava tal conceito, tanto que, se uma obra como *Água Viva* prima pela colagem, em *A Hora da Estrela* ela põe ao título a própria assinatura e, na dedicatória, afirma ser o “verdadeiro autor”. Existe, dessa forma, um autor. O que talvez não exista é a palavra única, individual, que faz com que cada texto seja propriedade de um único sujeito. A transmigração de textos é um indicador do caráter fluido da autoria.

A DESTACABILIDADE NO TEXTO DA DECISÃO JUDICIAL

Timotheu Garcia Pessoa (UFMT)

No Brasil, há uma lei que manda que o texto das decisões judiciais dos tribunais sempre seja acompanhado de um resumo. Embora a lei prescreva que esse resumo faz parte do texto da decisão, o resumo circula e é citado por membros da comunidade jurídica independentemente do texto restante da decisão judicial. Analisarei a possibilidade de se estudar essa citação e circulação do resumo de acordo com as categorias (formuladas por Maingueneau) de enunciado destacável, enunciado destacado, enunciador coletivo e da correspondente responsabilidade autoral pelo resumo citado de forma destacada do texto principal da decisão. O *corpus* da análise é composto de decisões judiciais do Supremo Tribunal Federal.

A ESCRITA LITERÁRIA: A SUBJETIVAÇÃO E A INDIVIDUALIZAÇÃO NA LITERATURA MARGINAL

Gissele Bonafé Costa (UNICAMP)

Nessa apresentação, pretendo abordar a questão da subjetividade na escrita literária e sua relação com o processo criativo. Para tanto, proponho a análise discursiva dos textos de Ferréz publicados nas três edições da Revista Caros Amigos - Literatura Marginal. As etapas metodológicas desse trabalho serão constituídas tendo como base teórica a perspectiva da Análise do Discurso, que busca compreender a palavra em movimento, ou seja, a “língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história.”(ORLANDI, 2003). Ao indagarmos sobre o processo criativo na escrita literária, partimos do deslocamento da noção de homem para a de sujeito proposto pela Análise do Discurso a partir da psicanálise. Para essa perspectiva teórica, o sujeito, estando exposto à ideologia, constrói um saber que não é ensinado, mas que produz seus efeitos. Este processo de constituição do saber e do esquecimento dá-se através da exposição do sujeito às condições de produção de sentido, tanto restritas, ou seja, que se limitam às circunstâncias da enunciação (contexto imediato), quanto abrangentes, das quais faz parte o contexto social, histórico e ideológico. Os esquecimentos que constituem aquilo que dizemos podem ser tanto de ordem inconsciente - esquecemos que não somos a fonte dos sentidos -, como também resultante de um esquecimento de ordem enunciativa - esquecemos que não existe uma relação direta entre linguagem, pensamento e mundo. Tomando a escrita literária como discurso, cabe-nos, nessa análise, nos confrontarmos com o efeito de transparência da linguagem e encontrar os pré-construídos, ou seja, os pontos de sustentação de evidência dos sentidos que permitem, por exemplo, determinar quem são os “marginalizados”. Para isso, a análise se pauta pela construção do chamado dispositivo teórico-analítico da interpretação. Este dispositivo permite ao analista alterar sua posição de leitor e a partir dessa nova perspectiva compreender o movimento da interpretação inscrita nos objetos simbólicos que são seu alvo.

A FORMAÇÃO DISCURSIVA COMO UNIDADE NÃO-TÓPICA DE ANÁLISE

Fernanda Mussalim (UFU)

Nesta comunicação, pretendo demonstrar a operacionalidade das unidades não-tópicas para a Análise do Discurso. Diferentemente das unidades tópicas de análise – unidades territoriais, isto é, que correspondem a espaços já pré-delineados pelas práticas verbais e históricas –, as unidades não-tópicas são construídas pelos pesquisadores independentemente de fronteiras pré-estabelecidas. Por esse motivo, a opção do pesquisador por trabalhar com unidades não-tópicas exige a construção de *corpora* heterogêneos, o que de forma alguma implica num recorte ou agrupamento aleatório, já que os próprios enunciados que constituem esses *corpora* estão profundamente inscritos na história. Para sustentar essa posição, apresentarei uma breve análise da constituição daquilo que os teóricos têm chamado de modernidade. Essa análise recai sobre um conjunto de textos heterogêneos (diferentes gêneros e campos) e de diferentes manifestações semióticas (o verbal, o pictórico, o musical), ambos produzidos entre o início do século XIX e meados do século XX. Dominique Maingueneau, em um texto intitulado “Unidades tópicas e não-tópicas” (2006), define a formação discursiva como uma das unidades não-tópicas de análise, e é com base nessa unidade que empreenderemos a análise que ora nos propomos.

APONTAMENTOS SOBRE A CONSTITUIÇÃO DA AUTORIA EM GÊNEROS ACADÊMICOS: UMA ABORDAGEM DISCURSIVA DAS RESENHAS

Carla da Silva Lima (UFU)

O objetivo desse trabalho, inscrito no campo teórico da AD francesa, é analisar o processo de constituição da autoria no gênero de discurso resenha acadêmica considerando, como referência teórica para essa discussão, as reflexões de Foucault (1969,1971) e Possenti (2001, 2002). Para tanto, optamos pelas resenhas acadêmicas publicadas em periódicos científicos da área de Linguística (*QUALIS A*), especificamente as resenhas publicadas na revista D.E.L.T.A. na versão digital. Devido à necessidade de trabalharmos a noção de gênero de discurso apoiados em uma perspectiva discursiva, filiamos-nos à proposta formulada por Maingueneau (1984, 1987, 2006), o qual efetua um deslocamento interessante da categoria de gênero, ao menos para os propósitos deste trabalho. Partimos, assim, da noção de *cena de enunciação*, tal como proposta pelo autor, particularmente do que ele define como quadro cênico do discurso – a cena englobante e a cena genérica – como referência para a análise da categoria de gênero e de suas coerções sobre os processos de constituição da autoria. Com base nesse recorte teórico, passamos a refletir sobre a hipótese de que a autoria é condicionada, regulada pela *cena de enunciação*, particularmente pelo quadro cênico do discurso. O que estamos assumindo é que o sujeito se inscreve na cena englobante acadêmica, mas somente se constitui na função-autor no interior de uma cena genérica. As análises foram desenvolvidas a partir dos pressupostos teórico-metodológicos do Paradigma Indiciário de investigação, apresentado por Ginzburg (1986). Os dados analisados indicam que, embora sofra coerções sócio-históricas, o sujeito do discurso se inscreve de diferentes maneiras na cena englobante acadêmica e estas inscrições produzem efeito de autoria a partir do posicionamento que o resenhista assume em relação ao Outro, posicionamento que se materializa nos textos, dentre outras maneiras, no modo como as formas lingüísticas são agenciadas na cena genérica (resenha), a partir de condicionamentos históricos.

AUTOR? AS REDES DE MEMÓRIA E A MOBILIZAÇÃO DE SENTIDOS NO ESPAÇO DISCURSIVO DE UM BLOG

Gláucia da Silva Henge (UFRGS)

A partir da perspectiva teórica da Análise do Discurso de linha francesa o presente trabalho busca lidar com uma específica materialidade discursiva: os textos dispostos na rede mundial de computadores, mais precisamente, os textos considerados páginas pessoais ou blogs. A internet parece configurar um novo espaço discursivo onde saberes provenientes de diferentes formações discursivas e ideológicas se entrecruzam e se reorganizam em discursividades muito particulares. No blog em análise, visualiza-se através da aproximação de dois campos distintos do conhecimento (ciência e religião) o movimento de redes de memória que mobilizam sentidos antes estabilizados e que passam a ser deslocados e reconfigurados em um trabalho de “costura” discursiva. A investigação do retorno de já-ditos presentes no interdiscurso e suas formulações nessa nova materialidade apontam para um efeito de autoria (segundo Foucault que define autor como o princípio de agrupamento do discurso) bastante acentuado e com aspectos bem definidos. Quais são os saberes mobilizados? Qual a relação discurso-língua-sujeito estabelecida no blog? A quais enunciados remontam as formulações da página pessoal? Quais funcionamentos discursivos determinam os sentidos trazidos no efeito-texto? Seria possível pensar em uma modalidade autoral específica? Estas são algumas das muitas questões levantadas ao longo desta pesquisa e que, de alguma forma, buscam lançar um olhar mais detido sobre o universo discursivo da internet, tomado muitas vezes como um espaço de não-fechamento, de possibilidades múltiplas, de totalidade e completude, mas que precisa ser pensando como mais uma materialidade lingüístico-discursiva historicamente determinada.

AUTORIA E PRÁTICAS DE TEXTUALIZAÇÃO

Luciana Salgado (UNICAMP)

No atual mercado editorial, é possível verificar práticas de textualização que põem em questão diversos aspectos da constituição da autoria. Isso não quer dizer que o autor venha sendo destituído de sua condição central na chamada *cadeia criativa do livro* – uma referência bastante recente, designativa do âmbito da produção dos textos destinados à circulação pública, proposta no texto da Lei do Livro, de 30 de novembro de 2003. Procurando verificar as relações que se estabelecem entre

os interlocutores editoriais – autores e outros escribas que trabalham sobre os textos –, examino diferentes materiais escritos submetidos a tratamento editorial. Para tanto, valho-me dos desdobramentos da Análise do Discurso (AD) que consideram, nas discursividades, sua heterogeneidade e alteridade constitutivas e, assim, a relação entre intradiscurso e interdiscurso. Trata-se de entender a autoria em seu funcionamento discursivo, inscrita nos textos de circulação social.

AUTORIA NO AMBIENTE PEDAGÓGICO COLABORATIVO – APC – DO PORTAL DIA-A-DIA-EDUCAÇÃO DO PARANÁ: UMA REFLEXÃO DAS COLABORAÇÕES DOS PARES

Wanderley Braga (UEM)

Este trabalho pretende divulgar um dos capítulos de minha dissertação de mestrado, em que procurei discutir a questão da autoria no Ambiente Virtual Colaborativo – APC – do Portal Dia-a-Dia-Educação do Paraná. Tem como objetivo analisar a constituição do sujeito-professor-autor que colabora com a formação continuada dos seus pares em ambiente virtual, a fim de que se possa atribuir ou não autoria ao trabalho produzido, mesmo quando essa se encontra diluída entre todos os que colaboraram com o tema. Recorto, como corpus para esse empreendimento, os 14 OAC (Objeto de Aprendizagem Colaborativa) de Língua Portuguesa, dos Ensinos Fundamental e Médio, produzidos até o momento da pesquisa, com enfoque nos gêneros de textos escritos. Para tanto, procuro respaldo teórico em Bakhtin, Foucault, Gregolin, Coracini e Orlandi, em suas considerações sobre autoria.

CRIMES DE AUTOR – A MORTE METAFORIZADA DOS SUJEITOS DA ESCRITA

Nara Marques Soares (UFSC)

Este ensaio procura analisar alguns aspectos da criação literária presentes em alguns filmes da atualidade que, ao utilizarem a metaficção, problematizam os papéis de escritor e autor e, principalmente, a passagem de escritor a autor como tomada de posição no discurso sobre a literatura. Não como simples biografias ou pós-escritos de sujeitos envolvidos na escrita de ficção, alguns destes filmes possibilitam um debate sobre a criação e a autoria literárias. Por trás destas narrativas metaficcionais, estes sujeitos entram em conflito com a tradição em torno de algumas fronteiras já rompidas pelas teorias de Blanchot, Barthes e Foucault. Assim, o estudo centra o foco em uma leitura de *Crimes de autor* (de Claude Lelouch) e faz algumas possíveis considerações em comparação com outros dois filmes: *As horas* (de Stephen Daldry) e *Mais estranho que a ficção* (de Marc Forster). Os três filmes desenvolvem em suas tramas a relação conflituosa entre autor, escritor, leitor e personagem. Sendo que em alguns destes filmes aparecem ainda outras figuras em conflito, como o biógrafo, o *ghostwriter*, o teórico da literatura etc. O presente trabalho então procura mostrar como estes conflitos se dão, principalmente através da briga teórica pelo poder sobre o texto e sobre a criação. Isto é manifestado pelas mortes iminentes destes sujeitos. Nestes filmes a morte (da autoridade sobre o texto) é metaforizada em personagens que estão sempre em busca da sobrevivência, não apenas na narrativa mas, para além dela, no próprio discurso literário.

EM TORNO DO CONCEITO DE AUTOR: DIÁLOGOS ENTRE BARTHES, BLANCHOT E FOUCAULT

Antônio Fernandes Júnior (UFG)

Este estudo tem como propósito discutir o conceito de autoria a partir das proposições de Roland Barthes, Maurice Blanchot e Michel Foucault. Esses estudiosos desenvolveram reflexões próximas sobre a natureza e/ou especificidade da literatura a partir da sua relação com o Fora ou o Exterior. O Fora/externo liga-se ao poder da literatura de fundar sua própria realidade, com o intuito de estabelecer outras formas de co-relacionar a literatura e o real, sujeito e linguagem. Tal enfoque abre caminhos para a reflexão em torno do conceito de autor na medida em que há o desdobramento e a substituição da intimidade do sujeito pelo fora da linguagem. Com o processo de despersonalização e desaparecimento do sujeito que fala, abre-se espaço ao “ser da linguagem”, expressão cunhada por Foucault em suas discussões sobre literatura e diálogos estabelecidos com a leitura dos textos de Blanchot. As reflexões sobre o processo de despersonalização do sujeito na e pela escrita literária constituem, também, os argumentos que aproximam Barthes e Foucault. O objetivo deste estudo consiste em explicitar e problematizar o diálogo entre os teóricos citados em torno do conceito de autor face à sua importância para a Análise do Discurso.

ENTRE O AUTOR E O HERÓI: UMA MORTE (A)ENUNCIADA

Mônica Vasconcellos Cruvinel (UNICAMP)

A Internet configura-se como um espaço público de impermanências, onde a intimidade passa a ter visibilidade através dos relatos dos sujeitos. Narrar, sabendo-se vigiado, traz implícito um jogo de “revelar” e “esconder” que, de alguma forma, regula e constitui as relações sociais deste espaço virtual. Ao narrativizar suas experiências, os sujeitos vão produzindo discursos que além das suas, trazem vozes de outros. É um entrecruzar de memórias, de onde cada um seleciona e organiza, no tempo e no espaço, a hiper-textualidade de sua escritura. Analiso os discursos de jovens brasileiros que se suicidaram e que deixaram pelos espaços públicos da Internet (blogs e Orkut) os gestos de autoria de um “anúncio” de morte. Para Bakhtin, no campo da vida estética o autor é capaz de conceber sua obra como memória de futuro, como alguém que “conhece” o futuro de seus personagens. Penso o suicida (que se escreve e se mostra na Internet) ao mesmo tempo “autor” e “personagem” de si mesmo; que apesar de viver no campo do mundo ético, vislumbra a possibilidade de sua completude, através de uma morte esteticamente elaborada. Ao “fechar” sua vida, o suicida “abre” espaços para o outro significá-la. “Entre a máquina que pára ou estoura, e o ato de morrer, existe a possibilidade de dizê-lo” (Certeau, 2001:297). O suicida se coloca, justamente, neste espaço intermediário e dialógico entre o morrer e o dizer. Interessa-me como analista, as marcas de autoria que este sujeito suicida deixa pelos espaços virtuais da Internet, que fazem da sua enunciação, uma anunciação.

ESTILO E AUTORIA EM GRACILIANO RAMOS

Jauranice Rodrigues Cavalcanti (UNICAMP)

A questão da subjetividade foi resolvida pela Análise de Discurso de linha francesa com a noção de assujeitamento: o enunciador fala de uma posição que dá a ele evidências sobre aquilo que pode e deve ser dito. Embora tal noção tenha sido problematizada por alguns autores (sobretudo Possenti, 2002), abordar questões ligadas à subjetividade, como a de estilo e autoria, ainda exige muitas explicações, como explicitar que não se está tratando do sujeito individual, fonte de seu discurso. A proposta que aparece em Maingueneau (2006) enriquece a discussão sobre a autoria, na medida em que o analista não desconsidera o autor real; ao contrário, defende a idéia de que essa instância (a *peessoa*), ao lado das que denomina *escritor* e *inscritor*, deve ser levada em conta se se quer uma compreensão mais refinada do discurso literário, objeto de investigação do analista. Levando em conta essas considerações, esta comunicação objetiva investigar as instâncias propostas por Maingueneau, como podem ser produtivas na leitura de textos literários. Para tanto, apresenta uma análise de *Infância* de Graciliano Ramos.

FUNÇÃO-AUTOR E EFEITO-LEITOR: NA MÃO DUPLA DE CONSTITUTIVIDADE EM O PRISIONEIRO DA GRADE DE FERRO

Grecieli Cristina da Costa (IEL-UNICAMP/FAPESP)

A linguagem não é transparente e os sentidos não são conteúdos (ORLANDI, 1998). Essa formulação é fundamental para pensarmos os atravessamentos que compõem o corpo da linguagem na sua relação com um corpo social. É a partir desta relação que se constitui o corpo material-discursivo do sujeito, com o qual se identifica (ou não); no qual se significa (ou é significado); onde se inscreve memória. Propomos falar de interpretação. Sempre que citado o documentário *O Prisioneiro da Grade de Ferro* faz ressurgir questões ligadas à autoria, pois foi formulado a partir de uma parceria entre profissionais de cinema e os presidiários da Casa de Detenção Carandiru. Parte do documentário foi filmada pelos presos antes da desativação do presídio. Daí nos interessa investigar como o sujeito se desdobra em sujeito-autor, pois partimos do pressuposto de que, ao filmar, o sujeito preso exerce a função da autoria, porque ele produz um lugar de interpretação, que tem a ver também com o efeito-leitor. A partir de um mecanismo de antecipação o sujeito-autor projeta um possível leitor, produzindo esse efeito. Ao produzir um texto o autor pressupõe, por meio de gestos de interpretação, um sujeito-leitor imaginário. Se, por um lado, o discurso e o sujeito são dispersos. Por outro, configuram-se como unidades, ainda que imaginárias: o texto e o autor. A partir da perspectiva discursiva buscamos compreender os gestos de interpretação em *O Prisioneiro da Grade de Ferro*, o que significa tomar o vídeo como texto e o presidiário na função (sujeito) autor para então pensarmos a constituição do sujeito e a produção de efeitos de sentidos a partir da relação de diferentes materialidades do discurso da criminalidade.

GESTOS DE AUTORIA NA INSTRUMENTALIZAÇÃO DO PORTUGUÊS DO BRASIL COMO LÍNGUA TRANSNACIONAL

Leandro Rodrigues Alves Diniz (PGL-UNICAMP)

Apresentaremos alguns resultados de nossa pesquisa de mestrado (FAPESP, processo nº. 05/57352-0), em que investigamos o processo de gramatização brasileira do português como língua estrangeira (PLE). A partir de análises do *Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros* (Celpe-Bras) e de livros didáticos brasileiros de PLE, defenderemos a hipótese de que há um gesto de autoria do brasileiro em relação à inclusão do português do Brasil em um espaço geopolítico transnacional, conforme propõe Zoppi-Fontana (2007). Essa nova posição de autoria se contrasta com aquela que marcou a instrumentalização brasileira no contexto da independência. Se os debates em torno do nome da língua ocuparam, naquele momento, um lugar central, tal discussão se encontra, em geral, obliterada na gramatização brasileira do PLE – em partes, devido à caução teórica do lingüista aplicado. É possível observar, entretanto, o funcionamento de uma política do silêncio, seja através do silêncio constitutivo, seja através do silêncio local (ORLANDI, 2002). Através daquele, de uma maneira ou de outra, faz-se sempre alusão ao Brasil – e não a Portugal –, o que se deve ao fato de que o Brasil passa a funcionar como uma “marca-registrada”, através da qual o português – que passa, freqüentemente, a ser representado como uma “língua veicular” (GOBARD, 1976) – pode se tornar um produto de Mercado. Pelo silêncio local, coloca-se o Brasil no centro da lusofonia, retirando Portugal desse lugar, que lhe é historicamente conferido. O funcionamento desse “discurso de brasilidade” produz, assim, seus efeitos em termos de política editorial e de política lingüística do Estado brasileiro. A posição de autoria ocupada pelo brasileiro na instrumentalização do português como língua transnacional deve, portanto, ser compreendida na sua relação com duas instâncias de interpelação simbólica e ideológica, que estabelecem entre si uma relação de tensão na Contemporaneidade: o Estado e o Mercado (PAYER, 2005).

HETEROGENEIDADE MOSTRADA E CONSTITUTIVA: UM CAMINHO ABERTO PARA PENSAR A AUTORIA?

Márcia Maria Magalhães Borges (UFG)

Kátia Menezes de Sousa (UFG)

A reflexão que propomos nesta Jornada Internacional de Estudos do Discurso tem como objetivo principal discutir a questão da autoria partindo da noção de heterogeneidade mostrada e constitutiva proposta por Authier-Revuz. Em nossa pesquisa de Mestrado levantamos a hipótese inicial de que o aluno busca construir um texto original, do qual ele se coloca como fonte do dizer. Dessa suspeita, floresceram alguns questionamentos que direcionaram o nosso trabalho, tais como: o aluno tem consciência de que o que ele escreve é um já-dito? Como o aluno marca as vozes em seu texto? O texto que o aluno escreve é uma manifestação de monofonia ou polifonia? A postura da escola, frente à produção de texto, não estaria desconsiderando o caráter polifônico da linguagem? Essas indagações contribuíram para pensarmos em uma concepção de sujeito considerada não como aquele que decide sobre os sentidos e as diferentes possibilidades enunciativas do próprio discurso, mas como um sujeito que ocupa um lugar em uma formação social, se encontra inserido num processo histórico e enuncia o que lhe é possível, a partir desse lugar que ocupa. Assim, a linguagem é concebida como interação e um modo de produção social. E se tomamos sujeito e linguagem dessa forma, então, a nossa proposta é levar a discussão adiante, valendo-nos dos pressupostos teóricos foucaultianos para pensarmos a autoria como função.

NEM O INDIVÍDUO QUE ESCREVE, NEM O “ANONIMATO INSUPORTÁVEL”: FUNCIONAMENTO DISCURSIVO E EFEITO-AUTORIA NAS NARRATIVAS DA “CASA DA PONTE”

Mara Rúbia de Souza Rodrigues Morais (PG-UNESP/Car-UFG)

O objetivo deste trabalho é refletir sobre a construção de um *efeito-autoria* na obra literária *Estórias da Casa Velha da Ponte*, da escritora goiana Cora Coralina. A partir dos fundamentos da Análise do Discurso francesa e das reflexões filosóficas de Michel Foucault acerca da *função-autor*, analisam-se alguns funcionamentos discursivos que, nesta obra, dão lugar a diferentes *posições do autor* (FOUCAULT, 2006), cujo agenciamento, por sua vez, produz o efeito de unidade do “sujeito da escrita”. Na esteira da dinâmica de descrição/interpretação de determinadas *formas materiais*

(produzidas na articulação da língua com a história), identifica-se o movimento de dispersão e confluência de “egos” simultâneos, que se constituem na materialidade discursiva e configuram o processo de construção de um efeito autoria, operado entre identidade e alteridade.

O AUTOR DA ESCRITA E O AUTOR DA ESCRITA: O EMBATE INEVITÁVEL

Elzira Yoko Uyeno (UNITAU)

Este trabalho se inscreve nos estudos ulteriores de Pêcheux em que passara a admitir que o discurso comporta “um saber que não se transmite, não se aprende, não se ensina, e que, no entanto, existe produzindo efeitos”. A enunciação por um graduando de uma área do saber acadêmico em que o domínio da escrita é um pressuposto de que fora jubilado por dificuldades na escrita constituiu o incidente deflagrador deste estudo. Considerando-se que participara de um processo de seleção vestibular reconhecidamente concorrido e de caráter discursivo que avalizara sua inserção no nível de ensino superior, a mencionada interdição na escrita indiciou transcender os aspectos pedagógicos e próprios do letramento acadêmico. Os conceitos convocados como balizamentos para efeito de análise constituíram a Escrita como concebida pela psicanálise lacaniana e a escrita como concebida pelo letramento, das quais decorrem, necessariamente, os respectivos conceitos de Autoria e autoria (as maiúsculas são minhas). A escrita, dada a sua relação com a língua e com a linguagem, realiza-se como uma falsa transparência em que se deflagram operações relativas à divisão do sujeito; daí toda escrita comportar a *lalíngua* pela qual, com um só e mesmo movimento, haver língua e inconsciente que tende a querer significar algo que o sujeito não sabe, uma vez que ele reside nessa divisão. Resultados da análise do discurso do sujeito que se viu impedido de exercer a atividade da escrita acadêmica revelaram a existência de uma relação indelindável entre o autor e o Autor decorrente de um embate entre o saber acadêmico e o Saber psicanalítico.

O LUGAR DA TRADUÇÃO E DO TRADUTOR NOS DICIONÁRIOS BRASILEIROS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Martín de Brum (UBA – UNIVERSIDAD DE BUENOS AIRES)

Nesse trabalho, propomo-nos a estudar as representações sociais sobre a tradução e o tradutor que os dicionários contemporâneos de língua portuguesa brasileiros veiculam. A definição de tradução como ato de transpor de uma língua para outra é dominante na produção lexicográfica brasileira. A focalização quase exclusiva no aspecto lingüístico leva a pensar como, ainda na virada do século XXI e com toda a reflexão teórica de que a tradução é objeto, outros aspectos pertinentes não são levados em consideração, isto é, são silenciados, na hora de falar sobre tradução. Nesse sentido, perguntamo-nos como hoje em dia no Brasil - depois de mais de trinta anos da criação da ABRATES (Associação Brasileira de Tradutores), ocorrida em 1974, e do Primeiro Encontro Nacional de Tradutores, em 1975, acontecimentos que tinham entre seus objetivos o reconhecimento da profissão de tradutor - enunciados como “uma boa tradução é aquela que não parece uma tradução”, que fazem com que o trabalho do tradutor seja visto não só como uma mera instância de mediação, mas também como um mal necessário, ainda circulam. Nesse ponto, é preciso pensar no dicionário como um espaço em que as práticas discursivas de uma sociedade se textualizam, estabilizando o sentido. A partir de conceitos teóricos da Análise de Discurso, abordaremos o estudo dos verbetes “tradução”, “tradutor” e “traduzir” nos dicionários *Aurélio*, *Houaiss*, *Michaelis* e *Caldas Aulete* em versões digitais, constatando que os sentidos que os enunciados desses verbetes fazem circular apagam o lugar do tradutor, tornando-o invisível e negando-lhe o lugar de autoria. A tradução é aí considerada estritamente do ponto de vista lingüístico, não contemplando aspectos culturais, históricos e ideológicos. A Análise de Discurso fornece elementos teóricos e metodológicos para trabalhar esses aspectos, mostrando as evidências dos sentidos que os dicionários encerram, evidências que se realizam nos três verbetes analisados.

“O SUJEITO E AS CIÊNCIAS HUMANAS OU AS CIÊNCIAS HUMANAS E O SUJEITO?”: UMA REFLEXÃO EPISTEMICA ACERCA DO SUJEITO E O PODER DISCIPLINADOR DAS CIÊNCIAS HUMANAS

Éderson José de Lima (UEM)

A presente comunicação tem por objetivo, fazer uma breve reflexão a respeito da categoria de sujeito no campo disciplinar das ciências humanas. *A priori*, procurar-se-á fazer um breve percurso

genealógico a respeito da categoria de sujeito, procurando estabelecer um ponto de partida que nos possibilite estabelecer um axioma acerca do homem no/para pensamento ocidental. Neste percurso histórico, nos findamos em um trabalho genealógico no interior da “história dos sistemas de pensamento” (FOUCAULT, 2002), a procura do ponto nodal de surgimento das ciências humanas. Momento este, no qual as sociedades burguesas organizavam-se em torno de uma ética da liberdade e uma estilística da existência, que culminaram e/ou propiciaram o surgimento de um modelo de sujeito-jurídico capitalista. E desta forma, a categoria de sujeito só passa a ser pensado a partir de um campo disciplinar, que o “acorrenta” ao conhecimento culminando em um modelo de sujeito-jurídico, que deve ser capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas. Portanto, acerca desta categoria de sujeito é que surgem as ciências humanas, materializadas em saberes e “verdades” científicas, que culminaram naquilo que conhecemos hoje como sociedades disciplinares. Nestas, os saberes montam vigília sobre os corpos, inscrevendo o sujeito em uma teia de conhecimento, na qual saber gera poder, e desta forma, o controle dos corpos passa a ser um foco regularizado por uma maquinaria de saberes ou disciplinas, com vistas à “normalização” do sujeito moderno e neste contexto, surgem também as técnicas de separação e exclusão do louco anormal, do homossexual perverso, da mulher histérica e da criança onanista, pois nas sociedades disciplinares a “verdade” deve imperar e calar os “demônios” que habitam os corpos “possuídos”.

PERTO DO CORAÇÃO NÃO HÁ PALAVRA? O DISCURSO AMOROSO NA POESIA DE ANA CRISTINA CÉSAR

Janaína Cardoso Brum (UCPel)

A poesia é constantemente aclamada como “depósito” do discurso de amor, constituindo o lugar por excelência da formação discursiva que tem como formulação básica : “EU-TE-AMO. Orlandi (1990) aponta para a natureza móvel e contraditória do amor enquanto discurso, o qual se faz em meio a descontinuidades, à exacerbação da palavra e ao silêncio que significa. No presente trabalho, proponho-me a analisar o funcionamento discursivo da fala de amor na produção poética de Ana Cristina César. Para tanto, inscrevo-me na linha teórica da Análise do Discurso francesa, cujos pressupostos permitem analisar o espaço discursivo em questão em sua materialidade, vendo-o como inscrito na história, como (re)produzido por um sujeito atravessado pela ideologia e pelo inconsciente.

SEÇÃO DE CARTAS: QUANDO O LEITOR É AUTOR

Ângela Corrêa Ferreira Baalbaki (UFF)

Nossa apresentação tem como objetivo analisar as cartas de leitores da revista *Ciência Hoje das Crianças (CHC)* – uma publicação da SPBC. As cartas representam o único espaço, dentro da constituição do discurso de divulgação científica, em que a voz do leitor assume a função de autoria. De acordo com os pressupostos da Análise de Discurso, teoria a qual nos filiamos, o funcionamento do sujeito-leitor – uma posição tomada pelo sujeito de discurso – pode ser apreendido por meio das antecipações de imagens que o divulgador projeta do leitor, como também pela apreensão das posições-sujeito ocupadas pelo leitor ao assumir, nas cartas, a função-autor. Ao assumir tal função, o sujeito-leitor da *CHC* assume ilusoriamente a responsabilidade de seu dizer e opera movimentos de aproximação e identificação ao discurso da revista. Nas cartas analisadas, podemos observar que os leitores emitem juízos de valor (sempre positivo) sobre a revista. Todos os elogios feitos à *CHC* constroem a imagem de uma revista que apresenta inúmeras utilidades e que tem qualidade além da esperada. Quem não gostaria de consumir esse produto que só apresenta consumidores satisfeitos? Ou parafraseando Pêcheux (2002), como os leitores poderiam resistir a semelhante pechincha? Para que revista seja vendida (seja adquirida pela escola, assinada ou adquirida na banca) e possa “competir” em um mercado editorial vasto, ela é apregoada como “a única revista de divulgação científica para crianças feita por cientistas” e, mais do que isso, conta com os “depoimentos” dos seus leitores que relatam os bons motivos para ler/comprar a *CHC*. Nas cartas, a voz dos leitores se confunde com a voz da *CHC* e acaba por funcionar como um auto-elogio. Discursivamente, a seção de cartas parece funcionar como um espaço de apresentação do produto, de suas utilidades e de comprovada qualidade. Cria-se, portanto, um efeito de publicidade.

SER OU NÃO AUTOR: O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA ESCRITA

Kelce Nayra Guedes Menezes Paes (UFAC)

O presente trabalho pretende investigar, a partir de pressupostos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa, como se dá a autoria na construção da escrita do aluno iniciante do Curso de Direito, partindo do pressuposto de que esse aluno, ao escrever, não se insere em sua escrita. Esta discussão foi suscitada a partir da observação do processo de construção de textos dos alunos em atividades de sala de aula, quando percebemos que os mesmos apenas reproduziam os autores lidos, caracterizando, dessa forma, a noção que os mesmos têm de autoria. A metodologia utilizada para esta pesquisa foi a coleta de textos de alunos do primeiro ano de uma faculdade de Direito privada, da cidade de Rio Branco, Acre. Após participarem de uma palestra sobre o tema “A História do Direito”, foi solicitado que produzissem um texto para o qual não foi exigido um gênero específico. Baseados na análise de alguns desses textos identificaremos se os alunos são autores ou meros reprodutores do que escrevem.

ÁREA TEMÁTICA 10**DISCURSO, SENTIDO E MÍDIA****A ENUNCIÇÃO DAS IDENTIDADES DE GÊNERO NO DISCURSO MIDIÁTICO**

Vera Lúcia Pires (UFSM)

Falar em cultura contemporânea é, de certa forma, falar na mídia, cuja importância na produção e circulação de discursos sobre os modos de ser dos indivíduos é inegável. Considera-se o papel da mídia tão fundamental que, ao se retratar a natureza da conduta humana, é impossível não haver referência ao processo de comunicação de massa, constatando-se que os discursos midiáticos são instrumentos de reprodução cultural, implicados dentro de estruturas de poder e valores refletidos sobre o mundo. Desse modo, compreendemos que se torna imprescindível articular gênero, cultura e mídia. Julgamos que as representações sociais construídas pelos leitores são, em grande parte, influenciadas pelas revistas ou jornais que costumam ler, podendo-se, então, afirmar que estas podem redirecionar ou até alterar sua visão de mundo, uma vez que refletem a ideologia e as mudanças no conhecimento da sociedade. Objetivamos, nesta pesquisa, investigar e discutir as interações entre linguagem e cultura, ocorridas nas representações de práticas sociais identitárias, nos discursos e imagens midiáticos, além de compreender como essas representações são enunciadas, e para quem elas fazem sentido e configuram as relações sociais de gênero, produzindo efeitos diversos que apontam tanto para a homogeneidade quanto para a heterogeneidade. Serão consideradas as várias modalidades de gêneros discursivos presentes em jornais e revistas, tais como anúncios publicitários, artigos de opinião, entre outros. Autores como Bakhtin (1979) e Certeau (1980) realizaram uma análise da recepção de aspectos culturais, questionando a passividade do ato leitor da/cultura contemporânea, não o vendo como uma mera recepção, sem demarcação ou reconstrução do lugar do sujeito. O processo de leitura e interpretação é um efeito da própria construção de quem interpreta. *Um sistema de signos verbais ou icônicos é uma reserva de formas que esperam do leitor o seu sentido* (Certeau, 1980: 264). A atividade leitora destaca os textos de sua origem, re-organiza seus fragmentos, permitindo a pluralidade de significações.

A IMAGEM DA MULHER DO FUTURO PROJETADA PELA REVISTA VEJA: UMA ANÁLISE NA PERSPECTIVA DISCURSIVA

Vanda Mari Trombetta (UPF)

Visto que a linguagem se constitui no processo de interação - homem e sociedade - e que o homem assume posições ao comunicar-se, entende-se então que a mesma é atravessada em sua materialidade por posições subjetivas e sociais. Desse modo, a língua deixa de ser vista como sistema abstrato para ser vista como um sistema que demarca que os sentidos formulados por sujeitos não são neutros. Este estudo propõe-se a analisar alguns conceitos da Análise do Discurso e as suas contribuições para a significação. Inicialmente, procura-se definir os principais elementos sob os quais esta teoria se estabeleceu e, posteriormente, analisa-se um texto de uma edição especial da Revista Veja, *Mulher: comportamentos, estilo e prazer*. Tem-se como objetivo observar como a linguagem opera neste discurso, sobretudo analisar o modo como o léxico está marcado, construindo a imagem de mulher do futuro. Os resultados apontam para a representação de uma imagem de mulher construída, sobretudo pelas palavras estarem acentuadas por traços ideológicos que demarcam o lugar de repetição de um discurso que circula na sociedade.

A MANIPULAÇÃO DO DISCURSO RELATADO EM TEXTOS JORNALÍSTICOS

Maria Estela Maiello Modena (PUC/SP)

Considerando a enorme frequência com que a mídia se vale de discursos relatados, seja para legitimar seu próprio discurso, seja para se isentar da responsabilidade sobre o discurso de outrem, em nosso estudo, buscamos verificar as estratégias lingüísticas empregadas por jornais diários ao relatarem discursos e opiniões de terceiros. Tal como defende Marcuschi (2007), partimos da premissa de que não é possível apresentar ou citar o discurso de alguém sem manipulá-lo sob a

forma de interpretação. Buscamos, assim, explicitar o modo como a manipulação do discurso alheio relatado se manifesta, em textos jornalísticos, por meio da seleção das informações reproduzidas e das expressões empregadas para introduzi-las (verbos, nominalizações, construções adverbiais). Na análise realizada à luz de teorias da Análise do Discurso, dois textos jornalísticos foram examinados. Pertencentes a jornais distintos (*Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*), ambos datam do dia 1º de maio de 2006 e trazem o pronunciamento do Presidente Lula, em homenagem ao Dia dos Trabalhadores, como tema. Além desses textos, contamos, ainda, com o acesso ao pronunciamento original e integral do Presidente. A comparação dos textos selecionados deixou evidentes as diferenças e, até, em alguns casos, as divergências interpretativas presentes nos textos jornalísticos. Pela análise realizada, comprovou-se que, mais do que um mero recurso estilístico, a seleção das informações reproduzidas e das expressões empregadas para introduzi-las é fruto de uma interpretação prévia realizada pelo jornalista, que, ao fazê-la, não importa com que intenções — boas ou más —, altera sensivelmente o discurso original do autor a que faz referência.

A OUTRA LÍNGUA EM UM FILME HOLLYWOODIANO: UM ESPAÇO DESTINADO AO ESTRANGEIRO EM “NOVA YORK SITIADA”

Wilson Chequi (USP)

A produção incessante de filmes em Hollywood se organiza de acordo com grandes gêneros que comportam, cada um, características pré-definidas no plano dos conteúdos (conflitos, personagens, imagens, cenários). Ao longo das três últimas décadas, um subgênero do "terror" se desenvolveu e adquiriu um espaço significativo nessa indústria: o "terrorismo". Inúmeros roteiros foram escritos sob essa temática e, dentre os títulos mais populares, encontramos "Nova York Sitiada" (*The Siege*, 1998). Tais roteiros pressupõem o conflito, logo, a figura da antítese está presente em todos esses filmes como um substrato narrativo cuja representação apresenta características muito particulares. Invariavelmente, o inimigo é estrangeiro, o que requer a destinação de um espaço a essa língua outra no filme falado em inglês. O trabalho busca mostrar, com a análise de algumas seqüências discursivas do filme, como se dá a inscrição do outro no desenvolvimento da trama. O aspecto sobre o outro privilegiado no estudo são as representações feitas pelo sujeito americano sobre a língua estrangeira (no caso, o árabe). Argumentamos que, por meio de operações lingüísticas, angulações, enquadramentos, entre outros recursos e efeitos cinematográficos, investe-se em restringir o espaço que necessariamente deve ser destinado ao dizer do (ou atribuído ao) outro, uma vez que dele os idealizadores da produção cultural não podem evidentemente prescindir por se tratar de um conflito internacional envolvendo dois pontos de vista que, na construção do filme, precisam ser representados como opostos. A comparação das representações sobre a língua do estrangeiro com as que são feitas sobre a língua do "eu" podem, a nosso ver, suscitar outras discussões acerca do que já se sabe sobre o modo como o oriental árabe é percebido pelo Ocidente. Fundamentamo-nos em pressupostos teóricos da Análise de Discurso de linha francesa (Pêcheux, Orlandi, Courtine, Authier-Revuz) bem como em posições de teóricos do Pós-colonialismo (Bhabha, Fanon, Said).

A POLÍTICA NACIONAL NO DISCURSO DAS CHARGES ELETRÔNICAS: SENTIDO, HISTÓRIA E MEMÓRIA

Amarildo Pinheiro Magalhães (UEM)

A crítica bem-humorada aos temas ligados à vida política do país é uma característica próprias do gênero charge. Este trabalho procura refletir a respeito do funcionamento discursivos desses textos quando transpostos para os ambientes da internet. Para tanto, toma-se como objeto de análise uma charge eletrônica de autoria de Maurício Ricardo a respeito do chamado "escândalo dos dólares na cueca". Em termos teóricos toma-se como referência teórica a Análise do Discurso de linha francesa, especificamente os estudos de Michel Pêcheux, com ênfase no conceito de interdiscurso. A partir desse referencial procuramos discutir de que forma as relações com a história e a memória determinam os efeitos de sentido desse objeto político-midiático. Destaca-se, de modo especial, processo discursivo em que os elementos do discurso religioso e do discurso jurídico são utilizados para atestar a fictícia inocência dos personagens caricaturados para justamente propiciar o efeito contrário: evidenciar a sua culpa.

DE ANITA MALFATTI AO JECA TATU: UMA ANÁLISE DISCURSIVA SOBRE ARTIGOS JORNALÍSTICOS DE MONTEIRO LOBATO

Leandro Dalcin Castilha (UNIOESTE)

A proposta do presente trabalho pauta-se na análise discursiva de artigos jornalísticos produzidos por Monteiro Lobato. Tomamos, como objeto de estudo para esta apresentação, sua produção jornalística acerca da Exposição Malfatti em contraposição com o artigo jornalístico Urupês, ambos publicados no jornal “O Estado de São Paulo”, no início do século XX. Pautados na Análise do Discurso, buscar-se-á evidenciar a construção de sentidos entre os artigos, submetendo a análise à concepção foucaultiana de que o discurso constitui a transmissão de verdades pré-estabelecidas e embasadas em um saber, oriundas do enunciador e destinadas a um público enunciatário. Serão estabelecidas relações discursivas e ideológicas ao interpretar os discursos lobatianos não apenas como uma forma de externar concepções tradicionalistas ou pré-modernistas acerca da produção artística da época, mas também como uma forma de efetivar determinado “denuncismo” social, relativo à vida cotidiana do habitante sertanejo do interior paulista no início do século XX. O escritor paulista lançou mão de práticas discursivas que desencadearam contra-discursos, os quais, ainda hoje, são possíveis de observar. Por estar em constante proximidade com o meio jornalístico, literário, artístico e cultural, Lobato tomara como conceito de arte apenas o tradicional, sendo avesso às inovações modernistas. Por outro lado, devido ao fato de estar em contato com o povo “caipira”, Lobato observou seus costumes de modo intenso, levantou reflexões relevantes sobre a monocultura cafeeira, o caipira, a mentalidade atrasada do homem do campo e a construção da nacionalidade brasileira. No entanto, se alguns discursos lobatianos compunham a típica visão tradicionalista a respeito de arte, outros remetiam à necessidade de mudanças, sendo um discurso característico do grande proprietário rural, sob a ótica provinciana da alta classe social vigente na época.

DIREITA E ESQUERDA: VOLVER!

Ana Raquel Motta (PG-UNICAMP/FAPESP)

Sírio Possenti (UNICAMP/CNPq)

O presente trabalho tem como eixo a análise discursiva do artigo “Pensamentos quase póstumos”, do apresentador de televisão Luciano Huck, publicado pela Folha de S. Paulo em 01 de outubro de 2007. Huck conta o assalto que sofrera no dia anterior, em São Paulo, e opina sobre a violência brasileira, ensaiando propostas para seu combate. A repercussão que o artigo causou também é examinada, principalmente como motivo para a irrupção de uma memória discursiva sobre a violência pública e a desigualdade social no Brasil. Além de cartas de leitor que comentam diretamente o artigo, outros textos que o citam constituirão o corpus. Desse conjunto, outros dois artigos, publicados no mesmo espaço, também serão analisados mais detidamente: o do escritor Ferréz, “Pensamentos de um ‘correria’” (08/10/2007) e o do cantor e compositor Zeca Baleiro, “O rolo do rolex” (29/10/2007). Para as análises, mobilizar-se-ão os conceitos de domínio de memória, domínio de antecipação, domínio de atualidade (cf. Courtine, 1981), de polêmica como interincompreensão e de simulacro (cf. Maingueneau, 1984).

DISCURSO DA MEGA-INSTÂNCIA DE PRODUÇÃO À NOTÍCIA

Sandra Falcão da Silva (PUC-SP)

Em seu livro *O capital da notícia*, Marcondes Filho (1989) contextualiza a atividade jornalística no mundo capitalista alertando-nos sobre a natureza mercadológica da imprensa dita de informação. Esse olhar crítico obriga-nos a repor em questão o caráter objetivo da notícia e, numa abordagem discursiva de linguagem, exige uma tomada de consciência da realidade histórico-social e das condições de produção do discurso midiático: quem escreve, para quem, onde, como, quando e por que escreve. Segundo Marcondes Filhos, por meio de uma suposta impessoalidade e autenticidade, com valor de “verdade”, criam-se jornais para favorecer os interesses de determinados grupos econômicos a fim de divulgarem-se as ideologias das classes sociais privilegiadas. Com o intuito de entendermos como alguns conceitos propostos por ele, na obra supracitada, se materializam na linguagem, foi analisado, à luz de teorias de Análise do Discurso de linha francesa, o discurso institucional do grupo *Abril* possibilitando uma contextualização de seu mais importante meio de comunicação, a revista *Veja*, e a análise de uma notícia publicada em setembro de 2007.

DISCURSO E MÍDIA: O PODER DA IDEOLOGIA NA FORMAÇÃO DE IDENTIDADES

Franciele Paes Pimentel (UNIOESTE)

Este trabalho tem como objetivo abordar a relação do poder da mídia na sociedade contemporânea no que tange a formação de novas identidades. Um dos critérios é de que a sociedade contemporânea está fortemente atrelada às questões do Poder. A convivência entre os diversos sujeitos sociais está necessariamente mediada pela forte presença do Poder, da sua aceitação e de sua obediência. Desta forma, observamos a influência da mídia como um elemento intrínseco na formação da cultura. Assim, fazemos uma relação entre o discurso utilizado pela mídia e a formação de uma nova identidade feminina, tão explorada nas campanhas publicitárias, desde o anúncio da cerveja (que não “existe” sem a figura da mulher) até os de produtos de limpeza, reforçando a imagem de mulher submissa, ela que no Brasil em sua grande maioria ocupa-se, exclusivamente, dos afazeres domésticos. A fundamentação teórica terá como pontos principais a questão preliminar do Poder, vista pela ótica de Foucault; Ideologia, a partir dos preceitos de Marilena Chauí e Eagleton; Linguagem sob a visão de Bakhtin; dentre outros autores que abordam a mesma temática.

DISCURSO JORNALÍSTICO: TRANSMISSOR DE INFORMAÇÃO OU CONSTRUTOR DE SENTIDOS? EIS A OPINIÃO DO LEITOR

Márcia Andréia Schneider (UNIOESTE)

Na constituição histórica do discurso jornalístico estabeleceram-se crenças a respeito de sua construção discursiva, essas crenças formaram um imaginário a respeito dos textos veiculados pela imprensa. A base desse imaginário a respeito do discurso jornalístico é a idéia de que os meios de comunicação são responsáveis por informar e esclarecer a população (MORETZSOHN, 2002), reforçando assim o conceito de língua como instrumento de transmissão de informação e não efeito de sentido entre interlocutores. De acordo com Mariani (2005), essa noção relaciona-se a uma ideologia utilitária, que consiste na idéia de que as pessoas têm necessidade de saber dos fatos. No entanto, Mariani (1999) alerta para o fato de que o discurso jornalístico atua, na realidade, como um construtor de sentidos. Acredita-se, segundo Lonardonni (2004), que os leitores possam recorrer aos espaços construídos para a publicação de cartas de leitores para apresentar suas opiniões e seus comentários sobre as matérias publicadas pela imprensa e sobre o discurso jornalístico. Diante desse contexto, este trabalho tem como objetivo verificar, por meio de uma reflexão pautada na teoria francesa de análise do discurso, como se materializa nas cartas de leitores publicadas pelo jornal Folha de Londrina, a opinião dos leitores perante as concepções de transmissão de informação ou construção de sentidos. Para atingir esse objetivo são analisadas cartas publicadas nesse jornal no ano de 2006 a procura de reiteraões ou negações do imaginário de que o discurso jornalístico atua como um transmissor de informação. Os resultados demonstram que a noção de que o discurso jornalístico atua como um transmissor de informações está presente na maioria das cartas analisadas, porém, em um pequeno número destas, observa-se um processo de reflexão, ainda tímido, a respeito do discurso jornalístico como um produtor de sentidos.

DISCURSO: POSSÍVEIS SIGNIFICAÇÕES

Ana Júlia Queiroz Furquim (UFU)

O presente trabalho objetiva observar os encaminhamentos enunciativos de significação e as respectivas inscrições epistemológicas subjacentes às noções da palavra “discurso”. Focalizaremos as noções da palavra “discurso” na Lingüística do Texto e na Análise do Discurso em resumos acadêmicos apresentados em três edições do SILEL (Simpósio de Letras e Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia). Abordamos como hipótese que os acadêmicos inscritos nessas áreas (texto e discurso) costumam deslocar as significações de uma para outra e vice-versa em alguns momentos ao utilizar a palavra discurso em seus arcabouços teóricos. A partir da percepção dessas inscrições discursivas identificaremos a interdiscursividade presentes à trajetória temática das pesquisas apresentadas nos resumos. Em termos acadêmicos, acreditamos que este estudo, realizado pelo viés da Análise do Discurso francesa, poderá propiciar o encaminhamento de um olhar outro em relação à equivocidade que esses deslocamentos de significações da palavra discurso provocam quando utilizada em diferentes propostas de trabalhos acadêmicos na área dos estudos da linguagem. Na perspectiva da Análise do Discurso francesa, os estudos sobre o discurso permitem, a

partir de uma perspectiva de interface, construir fronteiras teóricas para uma percepção de pluralidade de significações instauradas na materialidade lingüística. É nesse campo do conhecimento que está construído o arcabouço teórico da pesquisa.

DISCURSO, SENTIDO E MÍDIA NA PREPARAÇÃO PARA OS JOGOS PANAMERICANOS DE 2007

Renata Marcelle Lara Pimentel (IEL/UNICAMP)

Nas semanas que antecederam os Jogos Panamericanos, na cidade do Rio de Janeiro, o telejornalismo de maior audiência da mais influente rede de televisão brasileira lançou uma série especial de reportagens sobre a Educação Física no mundo. Com o objetivo de interrogar sobre os sentidos presentes em tal trabalho, o material foi submetido à análise de discurso, na perspectiva da Escola Francesa. Após o fracasso brasileiro nos Jogos Olímpicos da Austrália, a falta ou insuficiência de Educação Física nas escolas foi apontada como uma das explicações alternativas para a pouca competitividade dos atletas nas decisões. A série de reportagens retoma essa tese, atraindo o leitor para vislumbrar como é desenvolvido o ensino dos esportes em países como China, Argentina e Estados Unidos. Embora a Educação Física, na concepção educacional, seja uma disciplina que trata dos conhecimentos relativos a diferentes práticas corporais (jogos, danças, lutas, esportes e ginásticas), esta é defendida como uma “atividade” que promove um “prazer útil”. Essa utilidade, cujo ápice é a conquista de medalhas, é multifacetada em abordagens ligadas à perspectiva funcionalista. Assim, podem ser citados: perder peso (controle da obesidade), desenvolver o controle motor, e adaptar o indivíduo à competição. A abordagem midiática dada à Educação Física nas reportagens resgata o saudosismo de elementos do período da ditadura militar (quando a atividade física era valorizada institucionalmente nas escolas e comunidades). Porém, são acrescentados sentidos neo-liberais, uma vez que há um movimento de colocar a Educação Física fora da esfera dos direitos e da educação, passando para o campo da competência privada (ou não-governamental), com viés da saúde e do rendimento, ponderando pela culpabilização do sujeito, caso este não pratique esportes, visto que é algo benéfico ao bem-estar e à descoberta de talentos. Embora as reportagens pareçam valorizar a Educação Física, elas promovem seu retorno a sentidos tradicionais com roupagem neoliberal.

EM TEMPO (QUASE) REAL: ANÁLISE SEMIÓTICA DO JORNALISMO NA WEB

Tháísa Bueno (UFMS)

A proposta desta pesquisa é estudar a produção do jornalismo *on line* nos chamados *sites* de notícia diários e discutir o conceito de notícia nestes veículos, tendo como base metodológica a semiótica de linha francesa. A idéia é fazer uso dessa ferramenta para observar algumas estratégias de construção de sentido usadas por esses jornais virtuais para garantir o efeito de tempo real em suas coberturas. Mostrar, por exemplo, os simulacros que criam com enunciados e que, nesse formato de trabalhar a notícia, o jornalismo acaba contradizendo algumas premissas, como não noticiar o que não se tem certeza, oferecer uma contextualização histórica e social daquilo que está sendo divulgado, ouvir todos os envolvidos no acontecimento reportado entre outros pressupostos que o acompanhavam até então, em outros suportes. O trabalho pretende analisar como se dá o tratamento do texto jornalístico quando a notícia é transformada em mercadoria. No momento em que chegar na frente do concorrente é mais importante do que dar uma notícia com precisão. A pesquisa analisa os aspectos do jornalismo na web tendo como base o estudo da cobertura sobre as Rebeliões provocadas pelo PCC (Primeiro Comando da Capital) nos dias 13, 14 e 15 de maio de 2006, no site Campo Grande News, o mais antigo neste suporte em Mato Grosso do Sul e o único 24 horas no ar. O corpus inclui também, como recurso de exposição, o recorte de uma semana, a primeira do mês de janeiro de 2007, que teve sua página inicial modificada no primeiro dia daquele ano.

FELIZ VIVO PRÉ: O USO DE DATAS COMEMORATIVAS COMO ESTRATÉGIA DISCURSIVA PARA VENDA DE PRODUTOS

Paula Fabiane de Souza (UNIOESTE)

Este estudo pretende refletir sobre as estratégias discursivas de um anúncio publicitário da empresa Vivo referente à época do Natal, em que a forma de organização denuncia a manipulação das datas

comemorativas para a venda de produtos. O anúncio se vale de algumas estratégias para seduzir o cliente, sendo a data comemorativa apenas um pretexto, de modo que o Natal nem mesmo é mencionado no enunciado; identifica-se apenas por meio da imagem. O enunciado que compõe o anúncio diz *Feliz Vivo Pré*, explicitando, assim, que o Natal e todos os sentimentos trazidos por ele são trocados por um objeto de consumo. Dessa forma, o próprio anúncio denuncia a sociedade consumista em que está inserido. Assim, o anúncio usa, simuladamente, o discurso pertencente à formação discursiva cristão-católica, pela recorrência ao Natal, mas deixa transparecer a predominância do discurso pertencente à formação discursiva capitalista. Para esta análise, recorrer-se-á aos dispositivos teórico-metodológicos da Análise do discurso.

IMPrensa E PRODUÇÃO DE SENTIDOS: O DISCURSO JORNALÍSTICO SOBRE A TELEVISÃO NO BRASIL

Silmara Cristina Dela-Silva (UNICAMP)

Analisar o funcionamento do discurso jornalístico sobre o aparecimento da televisão no Brasil é o objetivo deste trabalho, que se insere entre as pesquisas realizadas em Análise de Discurso de linha francesa no Brasil. Ao filiar-se à proposta de Michel Pêcheux do discurso como acontecimento que se dá no ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória (PÊCHEUX, M., *Discurso. Estrutura ou acontecimento*, 1983), este trabalho considera que para compreender os efeitos de sentido promovidos pelo discurso jornalístico sobre a televisão é preciso observar os processos de constituição, formulação e circulação deste discurso, uma vez que todo discurso é pronunciado a partir de condições de produção próprias (PÊCHEUX, M., *Análise automática do discurso*, 1969). Este trabalho pensa o discurso da imprensa sobre o aparecimento da televisão no Brasil como um acontecimento que se inscreve na história e assim produz sentidos. O corpus de análise é composto por reportagens publicadas pela imprensa brasileira no final da década de 1940 e início dos anos 1950, períodos de instalação e início do funcionamento da primeira estação televisiva no país, respectivamente. A análise aponta que o discurso jornalístico sobre a televisão produz sentidos ao associar a televisão a equipamentos já conhecidos, como o rádio; ao atrelar as invenções tecnológicas ao desenvolvimento brasileiro; e ao condicionar tal necessidade ao processo de inclusão do Brasil entre os países denominados desenvolvidos.

INSTANCIA ENUNCIATIVA “SELEÇÕES”

Ana Fernandes Aguiar Gonçalves Cardoso (UFU)

O objetivo deste trabalho é identificar, sob a fundamentação teórica da Análise do Discurso de corrente francesa, elementos de uma interdiscursividade sobre a alimentação, a partir de seqüências discursivas apreendidas em textos escolhidos da revista “Seleções”, enquanto instância enunciativa sujeitidual. Supomos que as manifestações enunciativas do discurso midiático são índice de enunciatividade no funcionamento de enunciados operadores de interdiscurso. Assim, a análise empreendida visa focalizar as manifestações discursivas numa macro-instância, enquanto conjuntura enunciativa e numa micro-instância, estabelecendo o potencial enunciativo (Santos, 2004). O mapeamento das regularidades se faz mediante a disposição das manifestações discursivas em chamadas matrizes de interdiscursividade, que se configuram como variáveis na estrutura das ocorrências. Tais ocorrências demarcam “espaços discursivos” que, em sua diversidade, numa análise das seqüências enunciativas e as manifestações que nelas emergem, fazem explicitar significações que se efetivam por meio do enunciado operador. Dessa forma, chega-se ao lugar da significação que se realiza sob a intervenção atravessamentos interdiscursivos numa relação de causalidade mecânica e canônica.

JORNALISMO CULTURAL: O DISCURSO CONTEMPORÂNEO DA CRÍTICA DE CINEMA

Eliana Merlin Deganutti de Barros (PG-UEL)

Elvira Lopes Nascimento (UEL)

O objetivo do trabalho em pauta é levantar uma discussão acerca da “crise” atual da “crítica” (cf. revista virtual *Contracampo*, n. 24) veiculada pelo jornalismo cultural, enfocando, para tanto, o discurso contemporâneo que subjaz à produção/veiculação da crítica cinematográfica no Brasil. O gênero “crítica de cinema”, veiculado pelos meios de comunicação de massa, dispõe de estratégias

argumentativas a fim de validar suas premissas e conseguir o apoio dos leitores. Entretanto, esse gênero tem se deparado com um tipo de jornalismo massivo, com limitações de espaço e falta de tempo para uma análise mais atenciosa das obras filmicas. Este tipo de texto mais acelerado já faz parte do discurso dos críticos atuais que acabam se submetendo aos apelos da contemporaneidade. Para análise discursiva do nosso objeto de estudo, partimos dos pressupostos do interacionismo sociodiscursivo (BRONCKART, 2003, 2006) que concebe os gêneros como configurações possíveis dos mecanismos estruturantes da textualidade discursiva, portadores de indexações sócio-histórico-ideológicas – referentes não somente ao *contexto mais imediato* da ação de linguagem como também ao *meio social mais amplo*, este, definido tanto pelas especificidades de uma *esfera social da comunicação* como também por um certo *horizonte social* de temas recorrentes (BAKHTIN, 1992). Assumindo esse quadro teórico, temos voltado nossas pesquisas para a análise de textos e discursos com o objetivo principal de compreender o funcionamento dos diferentes níveis da textualidade e de suas relações com o contexto, com os gêneros e com o desenvolvimento humano. A comunicação aqui apresentada pretende contribuir para o desenvolvimento do campo de pesquisa da área, dirigindo as discussões para um recorte do *corpus* constituído por críticas de cinema veiculadas no jornal *Folha de Londrina*, escritas por Carlos Eduardo Lourenço Jorge.

MEMÓRIA E HOMOSSEXUALIDADE EM VEJA NOS ANOS 1987 E 2007

Alexandre Sebastião Ferrari Soares (UNIOESTE)

Neste trabalho, apresento uma análise de dois textos jornalísticos sobre a homossexualidade produzidos pela revista *Veja* em condições de produção distintas (um em 1987 e o outro em 2007) para observar de que forma a relação entre iguais é apresentada e quais efeitos de sentido são produzidos nessas veiculações. Para tanto, faço uso da concepção francesa de análise do discurso em que a linguagem é considerada efeito de sentido entre interlocutores e não instrumento de comunicação de informações que existiriam ou poderiam ser definidas independentemente dela. História e ideologia inscrevem-se na linguagem e, portanto, deve-se levar em conta alguma coisa do exterior da língua para se compreender o que nela é dito. A descrição da língua não é suficiente para explicar determinados fenômenos nos quais a língua está envolvida. A memória das significações de um discurso e suas condições de produção não é secundária, mas constitutiva da própria significação.

NAVALHA NA CARNE: OS SENTIDOS SOBRE A OPERAÇÃO DA POLÍCIA FEDERAL PRODUZIDOS PELO/NO DISCURSO JORNALÍSTICO

Monize Aparecida Rodrigues Moreira (UPF)

O presente trabalho pretende pensar o discurso jornalístico sob o enfoque teórico e metodológico da Análise do Discurso. O texto jornalístico, verbal ou não, possui uma materialidade discursiva, que produz e faz circular sentidos. Analisar estes sentidos, por meio daquilo que é mais superficial ou “material”, significa reconhecer as marcas que regem a construção do texto e guiam a interpretação, identificando e circunscrevendo as formações discursivas. Significa, ainda, mapear, as diversas vozes presentes no discurso, mas também as vozes que nele não têm lugar. Para observar esse funcionamento, elegemos textos publicados nas revistas *IstoÉ*, *Carta Capital* e *Veja* sobre a “operação navalha”. Observamos que, apesar de as três revistas analisadas assumirem uma posição de crítica em relação a esse acontecimento político, a operação navalha em si teve um sentido diferente para cada meio de comunicação. Cada uma das revistas construiu, pelo mecanismo de funcionamento ideológico, um sentido como sendo o evidente, aquele que, de acordo com os seus interesses, melhor convinha divulgar ao seu leitor.

O APAGAMENTO DO DIZER DO CIDADÃO E DO POVO NA GAZETA DO RIO DE JANEIRO DO SÉCULO XIX

Giovanna G. Benedetto Flores (UNICAMP/UNISUL)

A história da imprensa brasileira está relacionada diretamente com a colonização portuguesa no Brasil, através da política lingüística e da importância dessa política para a constituição dos sujeitos e a produção de sentidos do discurso jornalístico, principalmente a relação entre língua e jornalismo na definição de uma identidade nacional. Esse trabalho pretende refletir sobre a imprensa no século XIX,

tendo como corpus investigativo e de análise a Gazeta do Rio de Janeiro, primeiro jornal publicado no Brasil, por Frei Tibúrcio José da Rocha e que circulou na Corte entre 1808 e 1822, A partir do recorte teórico, estaremos utilizando o dispositivo analítico da Análise do Discurso, tendo como principal referência Orlandi (1990). As análises serão dos primeiros exemplares do jornal Gazeta do Rio de Janeiro, de 1808, buscando mostrar como se produziu o apagamento sobre o Brasil enquanto colônia. Já nas edições a partir de junho de 1822, período histórico do Brasil em que o Príncipe Regente, Dom Pedro, instaura a Assembléia Constituinte, queremos refletir como eram produzidos os sentidos de “cidadão” e “povo”.

O CONCEITO DE FELICIDADE NA MÍDIA E O ESTÍMULO AO CONSUMO PERMANENTE: A FELICIDADE NÃO TEM PREÇO?

Caciane Souza de Medeiros (UFSM)

Nesta comunicação propomos uma sobre o conceito de felicidade veiculado no espaço da mídia e sua relação entre o ser (constitutivo da subjetividade) e o ter (próprio da constituição da ordem social capitalista e globalizada que toma nas diferentes formas de expressar uma mesma ideologia capitalista), que sentidos circulam e quais as condições de produção envolvidas nessa relação discursiva. Acorados na teoria discursiva de Michel Pêcheux (Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio), entendemos que toda linguagem é social, que o discurso é efeito de sentidos entre locutores e que a ideologia é artesã de representações imaginárias legitimadas como predominantes ou como marginais. Dessa forma, o ser, o estar e o ter felicidade estão entrelaçados e têm no consumo uma predominância ideológica que produz efeitos no discurso. O ser feliz, no discurso midiático, está simplicado a uma embalagem frágil e superficial que é recheada de valores e práticas do ter que são imperativos.

O DISCURSO INSCRITO NA REVISTA CAROS AMIGOS

Daiana de Oliveira Faria (FFCLRP/USP)
Lucília Maria Sousa Romão(FFCLRP/USP)

O presente trabalho apóia-se sobre as bases teóricas da Análise do Discurso de filiação francesa, para interpretar o modo de produção, constituição e circulação dos sentidos no discurso jornalístico, em particular, nas textualizações da *Revista Caros Amigos*. Considerando sua versão impressa e eletrônica, notamos que o trânsito entre os dois suportes é fecundo de regularidades e deslocamentos, permitindo interpretar como o sujeito e o sentido são inscritos historicamente e como a materialidade do suporte digital promove um outro modo de os interlocutores imaginarizarem suas posições e as dos outros sujeitos. Consideramos, também, que o referido órgão de imprensa dá voz a sentidos escamoteados pela imprensa tradicional, uma vez que essa revista é tida como uma representante da imprensa dita *alternativa* na atualidade na medida em que inscreve um discurso antagônico àquele instituído pela chamada grande imprensa.

O DISCURSO NA MÍDIA DIGITAL: DERIVAS E FRONTEIRAS PELA BUSCA DO SIGNIFICAR

Viviane Barriquello (UFRGS)

Quem é o novo autor na era digital? Como se dá o processo de construção de sentidos frente à mídia marcada pelo hiper? Na contemporaneidade digital, tanto o acesso à informação quanto a relação público/leitor tem passado por reformulações constantes. Este texto é parte de uma pesquisa que mobiliza noções da teoria de Análise do Discurso com filiação em Michel Pêcheux com a finalidade de esclarecer, ou tornar ainda mais inquietante, questões ligadas ao que diz respeito à materialidade discursiva: blog jornalístico. Considerando que o blog é constituído eminentemente pelo hipertexto evidenciamos então novas formas de ler e escrever permitindo tanto uma escrita quanto uma leitura (ou navegação) não linear, baseadas em indexações e associações de idéias e conceitos, sob a forma de links, os quais agem como portas virtuais que abrem caminhos para outras informações, em que o leitor move-se através do grande texto, descobrindo e seguindo pistas que são deixadas em cada nó. É por essa razão que o hipertexto não é feito para ser lido do começo ao fim, mas, sim, por meio de buscas, descobertas e escolhas flexíveis por caminhos múltiplos. Desta forma, destacamos que a mídia digital a partir do parâmetro de hipertextualidade atesta a falência da concepção tradicional e lógica de texto acabado e com sentido único. As infinitas possibilidades de conexões

entre textos favorecem a flexibilização das fronteiras textuais. Os hiperlinks são vínculos eletrônicos que permitem a amarração entre vários textos perseguindo constantemente uma rede de sentidos contínuos, porém a materialidade hipertextual é uma deriva constante, em que os sentidos estão sempre em curso. Por isso, a ausência de centro, o efeito de incompletude e o não fechamento são inerentes a este meio, tendo em vista seu caráter multidimensional, multidirecional e eminentemente interpretativo enquanto espaço simbólico.

O DISCURSO RELIGIOSO NA COLUNA SENTIMENTAL

Alessandro Alves da Silva (UNIOESTE)
Alexandre Sebastião Ferrari Soares (UNIOESTE)

O objetivo desse trabalho é apresentar uma análise das cartas de leitores publicadas na coluna Espaço Sentimental, do Jornal da Igreja Universal do Reino de Deus (Folha Universal), para compreender de que forma as formações ideológicas e discursivas se materializam nesses textos. Para trabalhar com o corpus de dados deste estudo está sendo utilizada como alicerce de reflexão a chamada escola francesa de Análise do Discurso (AD). Numa primeira fase desta pesquisa constatou-se que de forma freqüente a coluna homogênea as narrativas feitas nas cartas de leitores, transformando tais narrativas em modelos de condutas a serem seguidas.

O DISCURSO SOBRE O CORPO E OS MODELOS DE BELEZA E A MÍDIA

Cláudia Regina Benedetti (Faculdades COC)
Lucília Maria Sousa Romão (FFCLRP/USP)

Somos assujeitados pela ideologia, que se impõe, em primeira instância, com a aquisição da linguagem. Temos então, que a linguagem está indissociavelmente ligada à construção de um homem, indivíduo, sujeito social, político, moral, ético e estético. Reproduzimos/produzimos a(s) ideologia(s) e fazemos circular discursos que se interpenetram, se completam e se distanciam, enunciados que são apagados e evidenciados. Esse jogo ganha dimensões hiperbólicas nos meios de comunicação de massa – mídia. Lugar privilegiado para a manutenção da ideologia dominante, privilegiado pois estabelece uma relação imaginária entre o sujeito e suas condições de existência, uma relação simbólica que recai sobre seu principal – ou único – “instrumento de produção”: o corpo. O corpo é o mediador de saberes, lugar no qual se organizam os significados sociais e culturais, que explicita o discurso. Neste processo de “construção do corpo”, nos interessa o discurso produzido pela mídia atual e materializado em práticas sociais e condutas corporais, especificamente o corpo anoréxico, magro, padronizado em ínfimas quilogramas de carne e osso, materializado em “top models” e vendido nas páginas de revistas de grande circulação, corpo preso em uma armadilha estética, alienado em e por uma discursividade que circula em escala mundial. A leitura deste corpo implica entender que a mídia é a grande produtora de sentidos, e os materializa recorrendo à memória discursiva, às formações discursivas, revelando multiplicidades e contradições; que perpetua o discurso do corpo individual e passivo, seja na forma medicalizada das revistas “especializadas”, seja na forma de entretenimento das revistas de variedade. Quebrar essa armadilha estética significa fornecer condições materiais para isso, a leitura crítica da versão midiática de um corpo construído, glamurizado, assujeitado pelo discurso da beleza perene se coloca como instrumento para revelar a esse sujeito sua condição carcerária diante da ideologia e da mídia.

O INDÍGENA E A IDENTIDADE: PRODUÇÕES DE SENTIDO NA MÍDIA IMPRESSA

Poliana da Silva Lachi (UEM)
Pedro Navarro (UEM)

O presente trabalho tem como tema a produção da identidade do indígena na mídia impressa brasileira, o que é justificado pelo fato da formação de sentido a respeito dos descendentes das tribos indígenas no Brasil ser algo presente já nos primeiros relatos colonizadores, e que dentre esses sentidos pode-se observar o aparecimento de identidades (e também mitos fundadores, ou ainda discursos fundadores) como o mito do bom selvagem, o índio não-civilizado, o antropofágico. Na pós-modernidade, não se pode negar o papel da mídia como grande formadora de sentidos a respeito da identidade do homem como ser social, o que faz com que, de tempos em tempos, determinados discursos a respeito do índio sejam retomados ou formulados. Assim sendo, o objetivo geral buscado

é o de propor uma abordagem tanto analítica quanto teórica a respeito dos efeitos de sentido do discurso de formação da identidade indígena no contexto pós-moderno. Para isso, é utilizada primordialmente a teoria da Análise do Discurso de linha francesa, bem como outras abordagens que tratam de questões concernentes ao mito fundador, à história dos indígenas no Brasil, ao conceito de identidade e também de pós-modernidade. A análise realizada permitiu observar que o indígena é um sujeito fragmentado, pois vive em uma sociedade pós-moderna, e como sujeito é afetado por ela, embora sua identidade não deixa de ser enraizada nos discursos fundadores.

O JORNAL INSTITUCIONAL COMO INSTRUMENTO DE PRODUÇÃO DE SENTIDO DO DISCURSO ORGANIZACIONAL

Daiane Bertasso Ribeiro (UFSM-RS)

Este artigo possui como tema “O jornal institucional como instrumento de produção de sentido do discurso organizacional”. O objetivo central consistiu em analisar que sentido era produzido pelo discurso organizacional presente no jornal institucional do Sindicato dos Professores Municipais de Santa Maria/RS – Sinprosm. A partir disso, pretendeu-se verificar quais eram os elementos que constituíam esse discurso organizacional, procurando descobrir qual era a sua intencionalidade, e que elementos da cultura organizacional estavam presentes nesse discurso organizacional instituído pelo jornal sindical. Como metodologia se utilizou o método de análise do discurso de origem francesa, tendo como princípio analisar os textos discursivos a partir do contexto em que estes foram produzidos, para tanto se procurou conhecer este contexto através de entrevistas, pesquisa em documentos e observação participante. Pesquisou-se em todas as edições do jornal institucional do Sinprosm e procurou-se dar ênfase à análise do discurso dos textos de uma edição por diretoria que coordenou o sindicato, observando que o jornal institucional consistiu-se em uma estratégia para produzir sentido ao discurso organizacional, para garantir a visibilidade (que muitas vezes não lhe era dada pelas mídias), e para dar espaço de divulgação do trabalho dos professores sindicalizados. A experiência dessa pesquisa traz contribuições para a área de Análise do Discurso, Comunicação e Cultura Organizacional, em especial pelo fato de um sindicato não representar apenas o discurso organizacional de si próprio, mas também refletir, em alguns aspectos, o discurso organizacional de sua instituição de origem, no caso, a Prefeitura Municipal de Santa Maria/RS.

O PODER DE BUSH E A AMEAÇA DA CHAPA KERRY/EDWARDS NA REELEIÇÃO ESTADUNIDENSE (2004) SEGUNDO A REVISTA VEJA

Luana Alves Luterman (UFG)

O posicionamento da revista Veja, seja ele favorável ou não ao modo político de Bush governar os Estados Unidos, atesta a ausência de imparcialidade na tessitura de qualquer texto. Não é a neutralidade que se verifica nas matérias publicadas pela Veja. Não se pode escamotear matérias que põem em xeque a capacidade gerencial de Bush e revelam o perigo iminente oferecido pela chapa democrata opositora, conhecida como John-John – John Kerry e seu vice, John Edwards. Kerry e Edwards são considerados complementos recíprocos, parceiros com personalidades semelhantes, o que poderia atrapalhar a re-candidatura de Bush. Não há questionamento sobre o poder e a segurança que George W. Bush oferece aos seus dominados, a sociedade estadunidense. Interessa à população o controle em favor do bem-estar dos Estados Unidos. Inseguranças a respeito do poder de Bush não ocorrem (ele não se pergunta sobre o exercício do poder que realiza) e a população também não se revela contra a dominação sofrida por ela. As práticas sociais determinam o objeto: o político “naturalmente” exerce o poder porque essa é a sua função; a população possui a função de ser dominada, apesar de uma espécie de democracia que permite demonstrar qualquer insatisfação. Não há mal-estar nos papéis sociais de dominador e dominado. Pelo contrário: quanto maior a autoridade favorável à segurança dos Estados Unidos, maior o grau de satisfação do estadunidense. Bush possui autonomia para “guiar o rebanho”; ou seja, os estadunidenses, que são regidos pelas decisões políticas de Bush, acreditam que as atitudes prometidas por ele (captura de Saddam Hussein, a guerra no Iraque e a tentativa de estabelecimento da democracia no Oriente Médio) são os melhores meios de adquirir o conforto. Bush promete a segurança e o bem-estar da população e, assim, “administra fluxos”. A população estadunidense não tem consciência de que está sendo gerida e de que não possui “livre arbítrio”.

O SUJEITO POLÍTICO NAS TRAMAS DO HIPERTEXTO: MEMÓRIA E ARQUIVO

Juliana da Silveira (PG-UEM)

Maria Célia Cortez Passetti (UEM)

O modelo atual da Internet apresenta uma forte explosão dos processos interativos. Cada vez mais os usuários são seduzidos e convidados a participar do processo de criação coletiva dos textos que se arquivam na rede. A idéia de interatividade tem levado muitos a entenderem a Internet como um espaço de comunicação altamente democrático, que permite a todos dizer e ler, indiscriminadamente, todos os sentidos. Diante do exposto, nosso objetivo principal é compreender como dois sites interativos, apesar de possuírem a mesma característica hipertextual e de serem construídos com sistemas colaborativos idênticos, podem apresentar sentidos diferentes para um mesmo sujeito político. Para essa análise selecionamos dois artigos referentes ao sujeito político Roberto Requião, publicados nos sites Wikipédia e Desciclopédia. A escolha dos sites se deu pelo fato de que ambos são considerados sistemas democráticos, são construídos com o mesmo software e seguem o novo conceito de Internet, cujo caráter principal é permitir que os usuários façam parte da produção conjunta do conteúdo publicado. Com base no referencial teórico da Análise de Discurso francesa buscaremos trabalhar com os conceitos de arquivo e memória descrevendo como cada site organiza seu próprio arquivo sobre o sujeito político em questão. A análise comparativa dos dois artigos indicou que ambos são lugares específicos de produção de sentidos, por acionarem diferentes redes de memória que recortam o arquivo de um modo e não de outro. Portanto, a interatividade e as possibilidades democráticas oferecidas pela Internet não garantem o acesso indiscriminado a todos os sentidos, uma vez que o processo coletivo está diretamente determinado pelo acesso que os usuários possuem a uma rede de memória específica e ao modo como o arquivo está organizado.

O TRABALHO ESTRATÉGICO COM A LÍNGUAGEM EM UMA PROPAGANDA

Juliana Alves Barbosa Menezes (PG-UEM)

Leonice Braga Húngaro (PG-UEM)

Partindo do princípio de que a linguagem se adapta aos diferentes objetivos do falante, e que a mídia impressa, principalmente a propaganda, exige uma elaboração especial da linguagem para atingir o(s) objetivo(s) desejado(s) buscamos, neste artigo, evidenciar as estratégias lingüísticas, a posição de quem fala, bem como compreender os efeitos dos sentidos nos silenciamentos do discurso utilizados pela indústria Gradiente como recurso para vender o seu produto. Sob a luz da teoria da AD francesa e, partindo de um gesto de leitura que não exclui outras possibilidades de leitura, utilizamos como objeto de análise uma propaganda da referida indústria, que faz parte de uma campanha publicitária que antecedeu o período natalino do ano de 2000, época em que foi veiculada na revista *Veja* dos últimos meses do mesmo ano. O resultado da pesquisa revela a tentativa da empresa de, por meio da linguagem, ampliar o seu público alvo. Entretanto, o suporte de veiculação e a própria descrição do produto delimitam o perfil do público consumidor potencial.

PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS DE ANÁLISE DOS FENÔMENOS DISCURSIVOS MULTIMODAIS: LINGUAGEM VERBAL A SERVIÇO DA RETEXTUALIZAÇÃO DA LINGUAGEM VISUAL

Claudia Lopes Nascimento Saito (CEFORTEC/UJEL/UEPG)

O advento das novas mídias tem exigido a revisão e ampliação de alguns conceitos basilares no campo dos estudos das interações humanas e no âmbito dos estudos do processamento textual e, sobretudo, no conceito de letramento que sido empregado em sentido amplo, abrangendo variações terminológicas como *multiletramento* (DIONÍSIO, 2004). Esta comunicação se apresenta como um estudo sobre os discursos midiáticos que busca contribuir para desenvolver instrumentos teóricos e práticos para o *letramento visual* imposto aos profissionais da linguagem pelas novas mídias. Mais especificamente, será apresentada uma perspectiva teórico-metodológica direcionada ao tratamento do visual partindo da noção de gênero discursivo bakhtiniana, fundamentando-se nos aportes da semiótica greimasiana (GREIMAS, 1974; 1975; 1984), da semiótica do visual (FLOCH, 1988; 1990; 1997) e da teoria da figuratividade (1992; 2004). O *corpus* em análise enfoca a adaptação do filme *Homem-Aranha II* em quadrinhos que, apesar de parecer uma nova proposta de ficção científica, na sua essência segue os padrões clássicos das HQs de super-heróis. O fascínio do *Homem-Aranha* não reside no caráter humano que é posto em demasia em discurso pelo destinador,

mas principalmente na construção de sua imagem visual que atrai e manipula o destinatário por sedução e provocação, constituindo um sistema narrativo composto por duas semióticas, a visual e a verbal, que atuam em interação sincrética.

“PRIVATIZAÇÃO”, “DESESTATIZAÇÃO” E “VENDA”: SININÍMIA E EFEITOS DE SENTIDO NO DISCURSO DA IMPRENSA

Fernando Felício Pachi Filho (UNICAMP)

No discurso sobre as privatizações na imprensa, a nominalização “privatização” é dominante para designar a transferência da posse e o controle das empresas estatais para o domínio privado. Outras designações, porém, podem ser observadas, entre elas “desestatização” e “venda”. Esta tríade de palavras tem geralmente seu uso tomado como sinônimo pelos jornais, em contextos de descrição de um mesmo acontecimento. Há casos em que “privatização” e “desestatização” também significam de modo diferente e não se estabelece uma relação com “venda”. Notamos, porém, que “privatização” e “venda” são os termos mais usuais. “Desestatização” deriva de discursos jurídico e político, que deslizam para a mídia. Consideramos que esta sinonímia estabelecida pelos jornais é um modo de significar que traz aspectos do discurso da imprensa, que coloca no mesmo plano as três palavras, determinando uma relação de igualdade semântica entre elas e apagando as possíveis diferenças. Se este uso é permitido na mídia, é porque ele se estabelece a partir do esquecimento das diferenças e de outras formações em que estas palavras são ou foram usadas na designação do mesmo acontecimento, ou seja, há uma memória do sentido que se apaga para produzir este efeito de sinonímia. Neste trabalho, analisamos o jogo que se estabelece entre estas três palavras no discurso dos jornais sobre a privatização das empresas de telecomunicações, procurando observar como se constroem significações e efeitos de sentido.

QUEBRA DE ARQUIVO: INTERTEXTUALIDADE E PARÓDIA NO EPISÓDIO “ARQUIVO S” DE “OS SIMPSONS”

Cláudia Regina da Silva Franzão (FAAC-UNESP/Bauru)

Sob certo aspecto a televisão é algo ao mesmo tempo virtual e real. O meio configura-se como ambiente propício para a composição de novos textos devido a seus recursos técnicos, os quais são utilizados tanto para comunicar a leitura do mundo que nos cerca quanto daquele que carregamos em nosso inventário particular. Entendemos que ao comunicar algo, o enunciador tenta convencer o outro de sua versão da verdade e para isso arma estratégias de construção de sentido. Ao examinarmos com mais atenção o texto produzido percebemos que o mesmo carrega, em sua malha dialógica, várias informações sobre seu produtor e suas intenções. Diante disso, nos propomos neste trabalho a apontar e discutir alguns pontos do episódio “Arquivo S” de “Os Simpsons”, a fim de entender melhor não só como os processos de construção enunciativa são engendrados dentro da paródia “simpsoniana”, mas também qual seria a possível mensagem crítico-discursiva envolta em seu texto paródico do seriado de TV “X Files” ou “Arquivos X”.

RELAÇÕES DE GÊNERO NA PUBLICIDADE: PALAVRAS E IMAGENS CONSTITUINDO IDENTIDADES

Graziela Frainer Knoll (UFMS/RS)

Vera Lúcia Pires (UFMS/RS)

Este trabalho aborda a construção discursiva do gênero social na publicidade. Nosso objetivo será analisar as relações de gênero em anúncios publicados em revistas, verificando as feminilidades em relação às masculinidades. O corpus do estudo consiste em dez anúncios, sendo que cinco contêm representações femininas, e os outros cinco contêm representações masculinas. Como a publicidade impressa tem a característica da multimodalidade, as análises abrangem os textos verbais e não-verbais, para as análises, propomos um diálogo entre abordagens: o modelo de análise de discurso crítica em três níveis (prática social, prática discursiva e texto) de Fairclough (2001) e o sentido da palavra segundo Bakhtin (1979) como categoria analítica específica. Na análise das imagens, foram utilizados parâmetros propostos pela gramática do *design* visual de Kress e van Leeuwen (1996). Com a pesquisa, foi possível confirmar que os sentidos produzidos pelas palavras na prática discursiva vão muito além dos significados apresentados no dicionário. Os signos colocados em

movimento pelos sujeitos no discurso trazem em si orientações ideológicas que ajudam a manter ou transformar a ordem social vigente. Os resultados obtidos, tanto com os textos verbais, quanto com os visuais, demonstram assimetrias de gênero e ocorrência de estereótipos e preconceitos que ainda persistem em nossa sociedade. Com base nessas observações, o discurso publicitário ajuda a criar e manter não só identidades, mas também modelos de comportamento que reforçam as disparidades.

REPRESENTAÇÕES DO LEITOR INFANTO-JUVENIL INSCRITAS NA MATERIALIDADE DISCURSIVA DE TEXTOS DE MÍDIA IMPRESSA

Luzmara Curcino Ferreira (FAFIPAR)

Em Análise do Discurso entende-se o *texto* como uma superfície discursiva, uma forma de materialização do discurso, uma manifestação pontual de um processo discursivo; e entende-se a *língua* como a materialidade discursiva. Partindo do princípio de que um texto sincrético comporta mais de uma linguagem, é formulado segundo um gênero específico e circula num suporte dado, não podemos ignorar essas diferentes instâncias que se integram na produção e recepção discursivas e, a nosso ver, participam da materialidade discursiva. No entanto, nas análises discursivas observamos uma tendência a desconsiderar o suporte e, em menor medida, o gênero discursivo como instâncias materiais, simbólicas e institucionais de produção e recepção dos discursos. Com vistas a refletir sobre o conceito de materialidade discursiva e sobre as conseqüentes implicações que uma ampliação do escopo dessa noção traria para a análise discursiva, para a leitura, apoiaremos-nos nas pesquisas desenvolvidas pelo historiador do livro e da leitura, Roger Chartier que, em sua obra, questiona a clássica divisão inerente às teorias da leitura/interpretação segundo a qual separa-se a compreensão dos textos, de um lado, e a análise de suas condições técnicas e/ou sociais de publicação, de circulação e de apropriação, de outro. Para tanto, nossa reflexão se pautará na análise de revistas impressas voltadas para o público infanto-juvenil, tendo como objetivo apreender as representações discursivas da leitura, de seus leitores e de suas práticas.

SEMIÓTICA: A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DOS ENVOLVIDOS NOS CASOS DE DESNUTRIÇÃO INFANTIL INDÍGENA

Eliane Aparecida Miqueletti (UFMS)

Esta comunicação envolve algumas conclusões obtidas em pesquisa de mestrado vinculada ao programa de mestrado em Letras da UFMS/ Campus de Três Lagoas. A pesquisa procurou apresentar a constituição de imagens e de sentidos dos casos de desnutrição, dos índios e, conseqüentemente, das aldeias indígenas e das entidades governamentais envolvidas nos casos de desnutrição infantil indígena, a partir da análise de reportagens dos jornais douradenses “O Progresso” e “Diário MS”, entre os anos de 2004 e 2005. O aparato teórico é o da Semiótica greimasiana para a qual o texto é um todo de significação onde é possível verificar dois planos: o *plano de conteúdo*, estruturado na forma de percurso gerativo, em que convergem três níveis – fundamental, narrativo e discursivo –, e o *plano de expressão*, formas de manifestação do conteúdo. As análises, que seguiram pelo percurso gerativo de sentido, revelaram que, ao informar a mídia acaba “enformando”, na medida em que insere, na sociedade, ideologias, opiniões, sentidos estabelecidos com a ajuda de estratégias textuais mobilizadas. Essas estratégias enfatizam a situação de abandono e miséria em que se encontram as aldeias indígenas do sul do Mato Grosso do Sul e, com isso, direcionam a uma interpretação que vê a situação indígena como uma situação-problema. Pretende-se, com essa pesquisa, despertar os leitores para uma leitura dos textos jornalísticos menos ingênua, que esteja atento a cada aspecto da mensagem, desde sua organização até sua disposição na página.

SENTIDOS DE POLÍCIA E BANDIDO NO DISCURSO DE/SOBRE TROPAS E ELITES

Matilde Leone (INICOC)

Lucília Maria Sousa Romão (FFCLRP-USP, PGCTS/USFCar)

Buscamos interpretar, à luz da Análise do Discurso de linha francesa, o modo como as representações de bandido e polícia são construídas em algumas narrativas que circularam amplamente na mídia ao longo deste ano, a saber, o livro “A Elite da Tropa” e o filme “Tropa de Elite” e também diversas textualizações midiáticas sobre ambos. Interessa-nos investigar o litígio discursivo

manifesto nestas obras, analisando como a ideologia naturaliza e faz parecer evidentes certos sentidos para o sujeito e como estes são sustentados por uma memória discursiva já-dada a respeito do que, no nosso país, é ser morador da favela, traficar, viver e organizar-se no morro, ser policial, usar farda, passar por treinamentos, ter o aparato repressivo na mão dentre outros. Considerando que a linguagem é revestida de opacidade e sabendo que o trabalho do analista consiste em duvidar da literalidade dos sentidos, iremos rastrear, na materialidade lingüística, as pegadas da exterioridade (condições de produção e memória), vasculhando a forma como o filme, livro e da mídia foram narrados, falados e postos em discurso. Com o referencial pechetiano e o corpus composto por recortes discursivos do livro, filme e textualizações midiáticas (revistas, jornais impressos, revistas eletrônicas, portais e sites de divulgação de notícias), pretendemos refletir sobre a inscrição histórica dos sentidos de/sobre violência no país.

SENTIDOS E SILÊNCIOS NA PUBLICIDADE BANCÁRIA IMPRESSA

Luciana Fracasse (UNICENTRO)

O presente trabalho destina-se à análise do discurso publicitário de agências bancárias, veiculado na mídia impressa, especificamente, em revistas. A fundamentação teórica que nos embasa é fornecida pela Análise de Discurso de linha francesa, representada por autores como Pêcheux, Foucault e Orlandi, por meio da qual enfocaremos as condições de produção em que os anúncios publicitários se organizam, o intradiscurso, o interdiscurso, a formação ideológica, a formação discursiva, as marcas enunciativas textuais, as formas de silêncio que permeiam os sentidos produzidos em cada anúncio e a construção da identidade do possível consumidor, considerando, sempre, o público alvo e a temática das revistas. O enfoque nas publicidades de agências bancárias se explica pelo fato de considerarmos que essas empresas oferecem uma gama de serviços que atende indivíduos, desde o neonatal até a idade senil, das mais diversas camadas sociais por meio de diferentes veículos de comunicação. Sendo assim, optamos por analisar os anúncios propagados nas revistas, por reconhecermos que, além de atenderem diferentes segmentos da população, estas possuem maior permanência entre os consumidores.

SILHUETAS QUE SE DELINEIAM NA FUMAÇA – UM ESTUDO SOBRE A DISCURSIVIZAÇÃO DO CIGARRO

Mariana Pereira de Oliveira (UFF/FMEN)

Este trabalho é parte da dissertação de Mestrado, “*Silhuetas que se delineiam na fumaça – um estudo sobre a discursivização do cigarro*” e tem como objeto o discurso anti-tabagista no Brasil. Para sua abordagem, considera-se a dispersão de textos: superfícies verbais e não-verbais da lei e da publicidade, relacionando os distintos processos discursivos nelas presentes. O aporte teórico-metodológico fundamenta-se na Análise do Discurso Francesa, baseada nos estudos de Michel Pêcheux. O objetivo principal é pensar como o discurso anti-tabagista foi se delineando ao longo da história como um discurso próprio através da análise do *corpus* que é constituído por leis referentes ao cigarro – entre 1996 e 2003 – e também por propagandas anti-tabagistas veiculadas na revista Trip – da campanha “a verdade por trás do cigarro”. Ao nos debruçarmos sobre o *corpus* procuramos pistas que apontassem para certas regularidades, nas materialidades lingüísticas e imagéticas – ressaltando a relação de complementaridade que tais superfícies estabelecem – em que tais marcas se realizam. É na análise feita sobre o funcionamento discursivo destas marcas que operam na tensão entre paráfrase e polissemia que foi possível se apontar certos efeitos discursivos de um discurso anti-tabagista. Da mesma forma, a análise das marcas em diálogo com o referencial teórico nos possibilitou desenvolver o conceito de Dependência Discursiva. Nela ressaltamos a relação de dependência existente entre o sujeito e os efeitos de sentidos que constituem a identidade ilusoriamente enquanto unidade.

UM ESTUDO DO DISCURSO MIDIÁTICO NO BRASIL: ENTRE A CRISE DA SEGURANÇA PÚBLICA E A VIOLÊNCIA DO CRIME ORGANIZADO

Vânia Maria Lescano Guerra (UFMS/CPTL)
Jefferson Barbosa de Souza (CAPES/UFMS)

Assistimos nos últimos tempos – aproximadamente de 2006 até o começo de 2007 – na mídia brasileira, seja ela eletrônica ou impressa, a produção renitente de matérias a respeito da violência, do crime organizado, da relação de equipes de segurança com o tráfico e venda de armas, da situação nos morros paulistas e cariocas. Analisar esse discurso que nasce numa conjuntura especial sob os efeitos ideológicos dos aparelhos midiáticos, da política, da instituição legal, é o interesse que norteia este trabalho, que adota o viés teórico da Análise de Discurso francesa e dos Estudos Culturais. Recentemente, a *Revista Veja* publicou uma edição especial somente sobre o crime organizado, distribuindo centenas de exemplares no parlamento brasileiro. A edição conta com dez matérias às quais se reportam ao tema da violência e, por hipótese de pesquisa, seu discurso adquire a forma-sujeito do discurso pedagógico, uma vez que se coloca como um sujeito de saber, que tem o poder de oferecer lições aos políticos sobre como sanar (interromper) o aumento da violência no país. Esse discurso, por sua vez, remete-se ao acontecimento em que o Primeiro Comando da Capital adquiriu visibilidade na mídia, em maio de 2006, ocasião em que policiais e agentes de segurança eram atacados pelas ruas de São Paulo. Um acontecimento, portanto, relaciona-se com o outro e, por extensão, adquirem discursividade pois são perpassados pela mesma formação discursiva na conjuntura do debate em torno da criminalidade e da impunidade, a partir de sujeitos transgressores no bojo da sociedade brasileira. Compreende-se, assim, hipoteticamente, que o ensejo ideológico da revista seja o de atingir a massa política e, por consequência, a população, dizendo o que se pode e deve fazer na situação de crise da segurança pública brasileira.

UM ESTUDO DOS GÊNEROS DISCURSIVOS: O PROCESSO IDENTITÁRIO DE DOIS JORNAIS IMPRESSOS DE MATO GROSSO DO SUL

Vanessa Amin (UNIDERP/UFMS)

Este trabalho estuda o processo identitário de dois jornais impressos diários de Mato Grosso do Sul – *Correio do Estado* e *O Progresso* –, a partir da análise dos gêneros discursivos articulados na cobertura das eleições de 2006 para o cargo de governador de Estado e que envolveram a disputa entre os dois principais candidatos – André Puccineli (PMDB) e Delcídio do Amaral Gomez (PT) –, a fim de refletir sobre o discurso jornalístico e o acontecimento. Em termos do debate científico, este tipo de estudo pretende contribuir para o esclarecimento de conceitos ainda bastante nebulosos, tais como: suporte de textos, tipo textual e comunidade discursiva. A discussão dos conceitos-chave envolve a consideração de disciplinas já tradicionais, como a Comunicação, e um esforço inter e trans-disciplinar, com a Lingüística e a Análise do Discurso francesa. Para realizar a pesquisa foram considerados o método arqueológico e genealógico de Michel Foucault que indicam que a análise deve ir além da materialidade do discurso, buscando no arquivo as regras, práticas, condições de produção e funcionamento, relações de saber-poder por meio do corte horizontal de mecanismos e da leitura horizontal das discursividades. No campo aplicado, os estudos dos gêneros textuais se deparam com a necessidade de se conhecer melhor o modo como as práticas sociais e discursivas dos diversos meios sociais se concretizam em gêneros de textos. Este conhecimento é importante para o campo do ensino de linguagem e do jornalismo, como uma forma de levar os estudantes as práticas de linguagem que, de fato, se realizam socialmente e, especialmente, é também um modo de conhecer as práticas de linguagem de diversos meios sociais.

VEJA E AS ELEIÇÕES DE 2006: A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NOS EDITORIAIS

Janaíne dos Santos (UFRGS)

A Análise do Discurso francesa (AD) tem contribuído de maneira substancial para os estudos relacionados ao jornalismo, em qualquer um de seus suportes. Neste sentido, sua utilização é pertinente para o trabalho aqui proposto, cuja intencionalidade primeira relaciona-se à elucidação dos sentidos presentes nos editoriais da Revista VEJA (Editora Abril) no período eleitoral de 2006 no Brasil. Para isso, escolhemos as edições 1.975, 1.976, 1.980 e 1.981, que englobam as semanas imediatamente anterior e posterior à data de votação do primeiro e segundo turnos das eleições presidenciais. Identificamos as marcas discursivas presentes nos quatro textos, buscando explicitar

que sentidos foram construídos e que estratégias discursivas foram utilizadas por este gênero jornalístico. Do ponto de vista conceitual, utilizamos o aporte da teoria construcionista, compreendendo o jornalismo como um lugar de construção social da realidade e com grande poder referencial de comportamentos sociais contemporâneos. Considerando que os editoriais são espaços reconhecidos como lugares legítimos de fala e tomada de posição dos meios jornalísticos, e que neste gênero o enunciador é a empresa jornalística, a identificação das Formações Discursivas presentes nos editoriais de VEJA permite compreender as intencionalidades da revista e os interesses da Editora Abril. Abordamos ainda, neste trabalho, o processo complexo de enunciação jornalística e suas características particulares, problematizando o discurso jornalístico sob o ponto de vista dos conceitos basilares da Análise Discurso, especialmente articulados às contribuições de Foucault e Pêcheux.

VOX MEDII VOX DEI: A APROPRIAÇÃO DO SAGRADO PELA IMPRENSA

José de Arimathéia Cordeiro Custódio (UEL)

Resumo: Este trabalho é um extenso exercício do pensamento. Representa, na verdade, o ponto de convergência entre diversas disciplinas: Comunicação (Jornalismo), Lingüística, História e Filosofia, todas voltadas para um fenômeno da cultura humana que teima em transcender uma classificação cartesiana: a linguagem. Não a linguagem como mero processo comunicativo, lingüístico, histórico, social ou cultural, mas todos eles. É nossa meta comprovar a franca utilização de um discurso religioso no texto jornalístico, que em teoria deveria ser isento de tais marcas, especialmente no jornalismo científico. As mensagens jornalísticas revelam “testemunhos de fé”, atuam como profetas e oráculos. São portadoras de mensagens do Alto (?), trazem conhecimentos reveladores, detêm a verdade e a credibilidade popular. Parte-se da idéia de uma linguagem escrita criada e usada como ferramenta de poder, revestida de uma aura de sacralidade e uma origem mítica. Percorrendo a história do pensamento humano ocidental, nota-se que, paralelamente, a escrita mantém suas características de poder. Seu caráter sagrado não arrefece, mesmo nas mudanças políticas e dos sistemas de produção. A sacralidade da escrita resiste a todo tipo de revolução, e o sagrado permanece, inabalável, para irritação dos modernos. Os próprios modernos já começam a conhecer seu declínio, enquanto o sagrado novamente se fortalece. O sagrado não apenas é uma eventual sugestão de pauta, uma alegoria ou uma referência popular, nem somente uma forma de aproximar o leitor do texto científico. É até este ponto que vai este estudo. Depois de refazer a história da escrita e de seu caráter sagrado no mundo ocidental - parando em períodos-chave como a própria invenção da escrita; a cultura judaico-cristã, a invenção da imprensa de Guttemberg e o predomínio da razão na Idade Moderna – chega-se à expressão máxima desse aparente paradoxo: o discurso sagrado utilizado pelo jornalismo científico.